

James Joyce

Dublinenses

Tradução de Margarida Periquito

Relógio D'Água





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JAMES JOYCE

DUBLINENSES

Tradução de GUILHERME DA SILVA BRAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Dessa vez não havia esperança: era o terceiro derrame. Noite após noite eu havia passado pela casa (era época de férias) e visto o quadrado luminoso da janela: e noite após noite eu o encontrava da mesma forma, iluminado por um brilho tênue e uniforme. Se estivesse morto, pensei, eu conseguiria ver o reflexo das velas na cortina escurecida, pois sabia que costumam pôr duas velas junto à cabeça de um defunto. Muitas vezes ele me dizia: *não tenho muito tempo nesse mundo*, e eu achava que eram palavras vazias. Agora eu sabia que eram verdadeiras. Toda noite, enquanto olhava para cima em direção à janela, eu sussurrava para mim mesmo a palavra *paralisia*. Ela sempre tinha soado estranha aos meus ouvidos, como a palavra *gnômon* em Euclides e a palavra *simonia* no catequismo. Mas agora soava como o nome de uma entidade maligna e pecaminosa. Me enchia de medo, e mesmo assim eu ansiava por estar mais próximo e contemplar sua obra fatal.

O velho Cotter estava sentado ao pé da lareira, fumando, quando desci para jantar. Enquanto a minha tia servia o mingau ele disse, como se estivesse respondendo a algum comentário anterior:

– Não, eu não diria que ele era exatamente... mas ele tinha alguma coisa de estranho... alguma coisa de... sobrenatural. Na minha opinião...

Começou a pitar o cachimbo, sem dúvida organizando mentalmente a própria opinião. Que velho aborrecido! Quando o conhecemos, costumava ser uma figura interessante, com as conversas sobre cabeças, caudas e serpentinhas; mas logo eu me cansei dele e das intermináveis histórias sobre o alambique.

– Eu tenho a minha própria teoria a respeito, disse. Acho que foi um daqueles... casos peculiares. Mas é difícil dizer...

Começou a pitar mais uma vez o cachimbo, sem apresentar a teoria. Meu tio viu que eu estava olhando e disse:

– Bem, você não vai gostar de saber, mas o seu velho amigo se foi.

– Quem?, perguntei.

– O padre Flynn.

– Ele morreu?

– O sr. Cotter acaba de nos dar a notícia. Estava passando aqui pela casa.

Eu sabia que estava sendo observado, então continuei a comer como se o assunto não me interessasse. Meu tio explicou para o velho Cotter.

– Ele e o menino aqui eram grandes amigos. O velho ensinou a ele um bocado de coisas, e dizem que o queria muito bem.

– Que Deus o tenha, interrompeu a minha tia com um ar devoto.

O velho Cotter me encarou por alguns instantes. Senti que aqueles olhinhos redondos estavam me examinando, mas eu não lhe daria a satisfação de desviar o olhar do meu prato. Ele voltou a atenção ao cachimbo e por fim cuspiu de maneira grosseira no fogo.

– Eu não gostaria que um filho meu tivesse muito a dizer para um homem como aquele, disse.

– Como assim, sr. Cotter?, quis saber a minha tia.

– Estou querendo dizer que faz mal para as crianças. O que eu penso é o seguinte: um menino tem que correr e brincar com outros meninos da mesma idade, e não... Não estou certo, Jack?

– Esse é o meu princípio também, concordou o meu tio. Para aprender a se virar. É o que eu sempre digo para aquele rosacruciano: faça exercícios. Eu, quando era menino, toda manhã eu tomava banho frio, fosse inverno ou verão. E para mim é assim até hoje. O estudo é uma coisa muito boa... Sirva para o sr. Cotter um pedaço daquele pernil de cordeiro, acrescentou para a minha tia.

– Não, não, não precisa, disse o velho Cotter.

Minha tia pegou o prato do armário e colocou-o em cima da mesa.

– Mas por que o senhor acha que não é bom para as crianças, sr. Cotter?, perguntou ela.

– Faz mal para as crianças, disse o velho Cotter, porque elas são muito impressionáveis.

Quando as crianças veem aquelas coisas, sabe, aquilo tem um efeito...

Enchi a boca de mingau com medo de dar voz à minha raiva. Imbecil aborrecido de nariz vermelho!

Era tarde quando adormeci. Embora eu estivesse bravo com o velho Cotter por se referir a mim como uma criança, fiquei intrigado com o significado daquelas frases inacabadas. Na escuridão do quarto, imaginei que mais uma vez eu via o rosto cinzento do paralisado. Puxei as cobertas para cima da cabeça e tentei pensar no Natal. Mas o rosto cinzento continuava a me seguir. Ele murmurava, e compreendi que desejava fazer uma confissão. Senti minha alma esconder-se em uma agradável região de vício; e lá encontrei o rosto à minha espera. Ele começou a se confessar em uma voz murmurante, mas não entendi por que sorria o tempo inteiro e por que os lábios estavam tão úmidos de cuspe. Porém logo lembrei que ele tinha morrido de paralisia e senti que eu também estava dando um sorriso fraco, como que para absolver o simoníaco do pecado.

Na manhã seguinte depois do café eu descí até a casinha verde na Great Britain Street. Era uma loja discreta, registrada sob o nome um tanto vago de *Aviamentos*. Os aviamentos consistiam em boa parte de botinhas de bebê e sombrinhas; e nos dias normais costumava haver um cartaz na janela, que dizia: *Conserto de sombrinhas*. Nenhum cartaz estava visível agora, pois as venezianas estavam fechadas. Um buquê de crepe estava preso com fita à maçaneta. Duas mulheres pobres e um entregador de telegramas estavam lendo o cartão preso com um alfinete ao buquê de crepe. Eu também me aproximei e li:

Primeiro de julho de 1895

Comunicamos o falecimento do Rev. James Flynn
(antigamente da S. Catherine Church, Meath Street),
aos 65 anos de idade. *R.I.P.*

A leitura do cartão convenceu-me de que ele havia morrido e me senti perturbado ao ver que eu não sabia o que fazer. Se ele não estivesse morto eu teria entrado no quartinho escuro atrás da loja para encontrá-lo sentado na poltrona junto do fogo, quase sufocado pelo sobretudo. Talvez minha tia houvesse mandado um pacote de High Toast por mim, e o presente faria com que acordasse do cochilo entorpecido. Era sempre eu quem esvaziava o pacote na caixa preta de rapé, porque as mãos dele tremiam demais para que pudesse fazer isso sem derrubar metade do tabaco no chão. Mesmo quando erguia as grandes mãos trêmulas em direção ao nariz, pequenas nuvenzinhas de fumaça escapavam-lhe por entre os dedos, sobre o peito do casaco. Talvez tenham sido essas constantes chuvas de rapé que conferiram aos velhos trajes eclesiásticos o aspecto esverdeado, pois o lenço vermelho com que tentava limpar os grãos caídos, escurecido como sempre estava com as manchas de rapé de uma semana atrás, era um tanto ineficaz.

A minha vontade era entrar e vê-lo, mas não tive coragem de bater. Me afastei devagar pelo lado ensolarado da rua, lendo todos os cartazes de teatro nas vitrines das lojas enquanto caminhava. Fiquei estranho que nem eu nem o dia parecíamos estar de luto e cheguei a me sentir irritado ao descobrir em mim uma sensação de liberdade, como se eu tivesse me libertado de alguma coisa com a morte dele. Fiquei espantado porque, como o meu tio havia dito na noite anterior, ele tinha me ensinado muita coisa. Tinha estudado no Pontifício Colégio Irlandês em Roma e me ensinado a pronunciar o latim da maneira correta. Tinha me contado histórias sobre as catacumbas e sobre Napoleão Bonaparte, e tinha explicado para mim o significado das diferentes cerimônias da Missa e dos diferentes paramentos usados pelo padre. Às vezes se divertia propondo-me questões difíceis, perguntando o que uma pessoa devia fazer em certas situações ou então se isso e aquilo eram pecados mortais ou veniais ou apenas imperfeições. As perguntas me ensinaram a complexidade e o mistério de certas instituições da Igreja que eu sempre tinha encarado como atos dos mais simples. Os deveres do padre para com a Eucaristia e o segredo do confessionário pareciam-me tão graves que eu me perguntava como alguém poderia descobrir em si a coragem necessária para encará-los; e não fiquei nada surpreso quando ele me disse que os padres da Igreja tinham escrito livros tão grossos como o *Anuário do Correo* e com letras tão miúdas como as que se usam nos anúncios jurídicos dos jornais para elucidar todas essas questões complexas. Muitas vezes quando pensava a respeito eu não sabia o que responder ou então dava uma resposta estúpida e hesitante que o fazia sorrir e acenar a cabeça duas ou três vezes. Em certas ocasiões me perguntava sobre os responsos da Missa que me havia feito decorar; e, enquanto eu tagarelava, costumava dar um sorriso pensativo e acenar a cabeça, por vezes aspirando enormes pitadas de rapé pelas narinas, uma de cada vez. Quando sorria, costumava exibir os grandes dentes superiores manchados e pousar a língua sobre o lábio inferior – um hábito que me deixava incomodado no início da nossa amizade, quando eu ainda não o conhecia direito.

Enquanto caminhava pelo sol lembrei-me das palavras do velho Cotter e tentei me lembrar de como o sonho havia continuado. Lembrei que eu tinha visto longas cortinas de veludo e um lustre à moda antiga. Senti que eu estava muito longe, em algum país de costumes estranhos – na Pérsia, talvez... Mas eu não conseguia lembrar como o sonho acabava.

Ao entardecer minha tia levou-me com ela para visitar a casa de luto. O sol já havia se posto; mas as vidraças da casa que davam para o oeste refletiam os tons dourados de um enorme amontoado de nuvens. Nannie nos recebeu no corredor; e, como seria inadequado gritar com ela, minha tia apertou-lhe a mão. A velhinha apontou para cima com um ar interrogativo e, ao perceber o aceno de cabeça da minha tia, esfalfou-se à nossa frente pelos estreitos degraus da escada, mantendo a cabeça inclinada pouco acima do nível do corrimão. No primeiro patamar ela parou e fez um gesto nos encorajando a seguir adiante, em direção à porta aberta que dava para o quarto do morto. Minha tia entrou, e a velhinha, ao perceber minha hesitação, voltou a gesticular de maneira insistente com a mão.

Entreí na ponta dos pés. Pelas rendas da cortina filtrava a luz dourada do entardecer, em meio à qual as velas pareciam chamas finas e pálidas. Ele estava no caixão. Nannie tomou a iniciativa e nós três nos ajoelhamos ao pé da cama. Fingi rezar, mas eu não conseguia pensar com clareza porque os balbucios da velha me distraíam. Notei que a saia dela estava presa de forma desajeitada nas costas e que os saltos das botas de tecido estavam desgastados para o mesmo lado. Em um devaneio tive a impressão de que o velho padre estava sorrindo no caixão.

Mas não. Quando nos levantamos e fomos até a cabeceira da cama eu vi que não estava sorrindo. Estava deitado, solene e abundante, paramentado para o altar, com as grandes mãos segurando de leve um cálice. O rosto tinha um aspecto truculento, cinza e robusto, com

cavernosas narinas pretas rodeadas por uma rala penugem branca. Havia um cheiro pesado no quarto – as flores.

Fizemos o sinal da cruz e nos afastamos. Na saleta do andar de baixo encontramos Eliza sentada na poltrona dele, muito transtornada. Tateei para encontrar o caminho até minha cadeira habitual no canto enquanto Nannie foi até o aparador e pegou uma garrafa de xerez e algumas taças. Ela pôs tudo na mesa e nos convidou para tomar um pouco de vinho. Então, a pedido da irmã, serviu xerez nas taças e as entregou a nós. Insistiu para que eu comesse biscoitos de água e sal, mas recusei porque achei que eu faria muito barulho ao mastigar. Ela pareceu ficar um pouco decepcionada com a minha recusa e foi em silêncio até o sofá, onde sentou-se atrás da irmã. Ninguém falou; todos olhamos para a lareira vazia.

Minha tia esperou até que Eliza suspirasse e então disse:

– Bem... enfim, ele foi para um mundo melhor.

Eliza tornou a suspirar e inclinou a cabeça para expressar concordância. Minha tia passou os dedos pela haste da taça antes de bebericar um pouco.

– Como foi... em paz?, perguntou.

– Ah, muito em paz, senhora, disse Eliza. A senhora nem saberia dizer quando ele parou de respirar. Foi uma morte linda, Deus seja louvado.

– E tudo...?

– O padre O'Rourke esteve aqui na terça-feira e o ungiu e o preparou e tudo mais.

– Então ele sabia?

– Estava resignado.

– Ele parece resignado, disse a minha tia.

– Foi o que disse a mulher que o lavou. Ela disse que ele parecia estar dormindo, de tão tranquilo e resignado. Ninguém imaginava que fosse dar um defunto tão bonito.

– É verdade, disse a minha tia.

Ela bebericou mais um pouco e disse:

– Bem, sra. Flynn, de qualquer modo deve ser um conforto e tanto saber que as senhoras fizeram tudo o que podiam. As senhoras foram pessoas muito boas para ele.

Eliza alisou o vestido sobre os joelhos.

– Ah, pobre James!, disse ela. Deus sabe que fizemos tudo que podíamos, mesmo pobres desse jeito... não queríamos que faltasse nada para ele enquanto ainda estivesse por aqui.

Nannie havia escorado a cabeça na almofada do sofá e parecia estar prestes a adormecer.

– Pobre Nannie, disse Eliza, olhando para ela, está exausta. Tivemos muito trabalho, eu e ela, para conseguir a mulher que o lavou e o preparou e depois para arranjar o caixão e acertar a Missa na capela. Se não fosse o padre O'Rourke eu não sei o que teria sido de nós. Foi ele quem trouxe todas aquelas flores e aqueles dois candelabros da capela e escreveu o obituário para o *Freeman's General* e se encarregou de toda a papelada para o cemitério e o seguro do pobre James.

– Quanta bondade, disse a minha tia.

Eliza fechou os olhos e balançou a cabeça devagar.

– Ah, não existem amigos como os velhos amigos, disse ela, no fim, são os únicos em quem podemos confiar.

– É verdade, disse a minha tia. E tenho certeza de que agora, no descanso eterno, ele vai lembrar das senhoras e de como foram boas para ele.

– Ah, pobre James!, exclamou Eliza. Ele nem nos dava trabalho. Não fazia mais barulho aqui em casa do que faz agora. Mesmo assim, eu sei que ele se foi para...

– A senhora vai sentir falta mesmo quando tudo acabar, disse a minha tia.

– Eu sei, respondeu Eliza. Não vou mais trazer a tigela de canja, nem a senhora vai mandar rapé para ele. Ah, pobre James!

Ela parou, como se estivesse em comunhão com o passado, e disse com um ar matreiro:

– Mas sabem, eu notei que havia alguma coisa estranha com ele nos últimos tempos. Sempre que eu trazia a sopa eu o encontrava com o breviário caído no chão, recostado na poltrona e com a boca aberta.

Ela levou um dedo ao nariz e franziu a testa; então continuou:

– Mesmo assim, ele continuou dizendo que antes que o verão acabasse sairia para dar um passeio em um dia bonito só para ver mais uma vez a antiga casa onde nasceu em Irishtown comigo e com Nannie. Quem dera a gente pudesse pegar uma dessas carruagens modernas e silenciosas que o padre O'Rourke comentou com ele – aquelas com rodas reumáticas – por um bom preço, dizia ele, perto de Johnny's Rush, e de lá saímos os três juntos em um entardecer de domingo... Ele estava decidido. Pobre James!

– Que Deus o tenha!, exclamou a minha tia.

Eliza pegou um lenço e enxugou os olhos. Então ela o pôs de volta no bolso e olhou para a lareira vazia por algum tempo sem falar nada.

– Ele sempre foi muito cuidadoso, disse. As obrigações da vida eclesiástica foram demais para ele. E além do mais a vida dele foi assim, digamos, frustrada.

– É verdade, disse a minha tia. Ele foi um homem decepcionado. Dava para ver.

Sob o manto do silêncio que tomou conta da saleta, me aproximei da mesa e provei o meu xerez e logo voltei sem dizer nada para a minha cadeira no canto. Eliza parecia estar entregue a um profundo devaneio. Esperamos respeitosamente que ela rasgasse o silêncio; e após um longo intervalo ela disse pausadamente:

– Aquele cálice que ele quebrou... Aquilo foi o início de tudo. Claro, disseram que não tinha importância, que não havia nada lá dentro, afinal. Mesmo assim... Dizem que foi culpa do coroinha. Mas o pobre James ficou tão nervoso, que Deus tenha piedade!

– Então foi isso?, perguntou a minha tia. Ouvi dizer alguma coisa...

Eliza acenou a cabeça.

– Aquilo mexeu com a cabeça dele, disse. Depois daquilo ele ficou emburrado, sozinho, sem falar com ninguém e andando por aí sozinho. Até que uma noite houve um chamado e não conseguiram encontrá-lo em lugar nenhum. Procuraram por tudo, mas não encontraram nem sinal em lugar nenhum. Aí o sacristão sugeriu que fossem procurar na capela. Pegaram as chaves e abriram a capela e o sacristão e o padre O'Rourke e um outro sacerdote que estava junto levaram uma vela para procurá-lo... E adivinhe se ele não estava lá, sentado sozinho no escuro do confessionário, desperto e meio que rindo para si mesmo?

De repente ela parou como que para escutar. Eu também escutei, mas não havia nenhum som na casa; e eu sabia que o velho padre continuava deitado no caixão como nós o havíamos visto, solene e truculento na morte, com um cálice inútil no peito.

Eliza prosseguiu:

– Desperto e meio que rindo para si mesmo... Aí, claro, quando viram aquilo eles pensaram que tinha algo de errado com ele...

Foi Joe Dillon quem nos apresentou ao Velho Oeste. Ele tinha uma pequena biblioteca formada por edições antigas de *The Union Jack*, *Pluck* e *The Halfpenny Marvel*. Todo entardecer depois da escola a gente se encontrava no quintal da casa dele e promovia batalhas contra os índios. Ele e Leo, o preguiçoso e gorducho irmão mais novo, resistiam no celeiro da estrebaria enquanto tentávamos tomá-lo de assalto; ou então travávamos uma batalha campal no gramado. Mas, por melhor que lutássemos, nunca ganhávamos os cercos nem as batalhas, e todas as nossas investidas terminavam com a dança da vitória de Joe Dillon. Os pais dele iam à missa das oito toda manhã na Gardiner Street e o perfume tranquilo da sra. Dillon dominava o corredor da casa. Mas ele brincava de um jeito intenso demais para nós, que éramos mais jovens e mais tímidos. Parecia um índio quando zanzava pelo quintal com um velho pano de chá na cabeça, batendo numa lata com o punho e gritando:

– Ya! Yaka, yaka, yaka!

Ninguém acreditou quando disseram na escola que tinha vocação para a vida eclesiástica. Mesmo assim era verdade.

Um espírito de desobediência se espalhou entre nós e, sob essa influência, diferenças de cultura e de constituição foram deixadas de lado. Nos reunimos em um grupo, uns por orgulho, uns pela brincadeira e outros pelo que mais parecia um temor; e entre esses últimos índios relutantes que tinham medo de parecer diligentes ou pouco robustos estava eu. As aventuras narradas na literatura do Velho Oeste eram distantes da minha natureza, mas pelo menos me revelaram uma rota de fuga. Eu preferia certas histórias americanas de detetive em que às vezes apareciam garotas desleixadas, corajosas e bonitas. Mesmo que não houvesse nada de errado com essas histórias e que por vezes tivessem uma pretensão literária, circulavam em segredo na escola. Um dia quando o padre Butler estava ouvindo as quatro páginas de História Romana o desastrado do Leo Dillon foi descoberto com um exemplar de *The Halfpenny Marvel*.

– Essa página ou essa? Essa aqui? Dillon, de pé, agora! *Mal o dia havia...* Prossiga! Que dia? *Mal o dia havia raiado...* Você estudou em casa? O que é que você tem no bolso?

O coração de todos palpitou quando Leo Dillon entregou a revista e todos adotaram uma expressão inocente. O padre Butler folheou as páginas com a testa franzida.

– Que porcaria é esta?, perguntou. *O cacique apache!* É isso o que você está lendo em vez de estudar História Romana? Não quero mais saber dessas bobagens aqui no colégio. O autor dessa história deve ser um borra-tintas que escreve em troca de bebida. Fico surpreso ao ver que garotos que tiveram uma educação como a de vocês leiam esse tipo de coisa. Eu até entenderia se vocês fossem... alunos da National School. E agora, Dillon, eu o aconselho sinceramente a trabalhar direito, senão...

Essa repreensão durante as nossas sóbrias horas de estudo acabou com boa parte da glória do Velho Oeste para mim e o rosto confuso e inchado de Leo Dillon despertou uma das minhas consciências. Mas quando a influência restritiva da escola ficou para trás eu comecei a sentir sede de emoções fortes, da fuga que somente aquelas crônicas da desordem pareciam me oferecer. As guerras de faz de conta ao entardecer no fim tornaram-se tão enfadonhas para mim quanto a rotina da escola pela manhã porque eu queria que aventuras de verdade acontecessem comigo. Mas aventuras de verdade, refleti, não acontecem com pessoas que ficam em casa: precisam ser buscadas em lugares distantes.

As férias de verão estavam próximas quando resolvi quebrar a rotina enfadonha da vida

escolar por pelo menos um dia. Com Leo Dillon e um menino chamado Mahony eu planejei cabular aula um dia. Cada um de nós economizou seis pence. Ficamos de nos encontrar às dez da manhã na Canal Bridge. A irmã mais velha de Mahony ficou de escrever uma justificativa para a falta e Leo Dillon diria ao irmão que estava doente. Combinamos de seguir pela Wharf Road até chegar aos navios para depois fazer a travessia com o *ferry* e caminhar até a Pigeon House. Leo Dillon estava com medo de encontrar o padre Butler ou alguma outra pessoa do colégio, mas Mahony perguntou, com muita sensatez, o que o padre Butler estaria fazendo na Pigeon House. Sentimo-nos confiantes, e encerrei a primeira fase do plano recolhendo os seis pence dos outros dois e ao mesmo tempo mostrando os meus seis pence. Durante o acerto dos últimos detalhes na véspera tínhamos todos um vago sentimento de entusiasmo. Apertamos as mãos, rindo, e Mahony disse:

– Até amanhã, amigos.

Naquela noite eu dormi mal. Pela manhã, fui o primeiro a chegar à Canal Bridge, porque eu era quem morava mais perto. Escondi meus livros na grama alta próxima à borralheira no outro lado do pátio onde ninguém passava e me apeguei pela margem do canal. Era uma manhã ensolarada e amena na primeira semana de junho. Me sentei na mureta da ponte admirando os frágeis sapatos de lona que eu tinha limpado com todo o cuidado na noite anterior e olhando os cavalos mansos puxarem um bonde cheio de trabalhadores morro acima. Todos os galhos das grandes árvores que ladeavam a rua estavam alegres com pequenas folhas verde-claras e a luz do sol atravessava-as de viés antes de se refletir na água. O granito da ponte começou a esquentar e eu comecei a bater em cima dele no ritmo da melodia que tocava na minha cabeça. Eu estava muito feliz.

Depois de cinco ou dez minutos sentado vi o uniforme cinza de Mahony se aproximando. Ele subiu o morro sorrindo e sentou ao meu lado na ponte. Enquanto esperávamos ele pegou o bodeco que fazia volume no bolso interno e me explicou algumas das melhorias que havia feito. Perguntei por que tinha trazido aquilo e ele me disse que era para atazanar a vida dos passarinhos. Mahony usava muitas gírias e debochava do padre Butler. Esperamos por quinze minutos, mas não havia sinal de Leo Dillon. Por fim Mahony pulou de volta ao chão e disse:

– Vamos. Eu sabia que o Gorducho ia amarelar.

– Mas e os seis pence dele...?, perguntei.

– Já eram – disse Mahony. Melhor para nós – embolsamos mais seis pence.

Caminhamos pela North Strand Road até chegarmos à Vitriol Works e depois viramos à direita na Wharf Road. Mahony começou a brincar de índio assim que nos afastamos dos olhares públicos. Correu atrás de um bando de garotas maltrapilhas, brandindo o bodeco descarregado e, quando dois garotos maltrapilhos, por simples cavalheirismo, começaram a jogar pedras na gente, propôs que fizéssemos uma carga. Fui contra, porque os garotos eram pequenos demais, e então seguimos adiante enquanto a tropa maltrapilha gritava: *Crentes! Crentes!* achando que éramos protestantes porque Mahony, que tinha a pele morena, usava o distintivo prateado de um time de críquete no boné. Quando chegamos ao Smoothing Iron preparamos um cerco; mas o cerco fracassou, porque são necessários pelo menos três. Nos vingamos de Leo Dillon dizendo que ele era um medroso e tentando adivinhar quantos bolos ia levar do sr. Ryan às três horas.

Então chegamos perto do rio. Passamos um bom tempo caminhando pelas ruas barulhentas ladeadas por altos muros de pedra, observando os guindastes e as máquinas e muitas vezes sendo xingados aos gritos pelos condutores de carretas ragedoras por conta da nossa imobilidade. Era meio-dia quando chegamos aos cais e, como todos os trabalhadores pareciam estar almoçando, compramos dois grandes pães de passas e nos sentamos em um cano de metal à margem do rio para comer. Ficamos encantados com o espetáculo do comércio de Dublin – as barcaças que

soltavam volutas de fumaça ao longe, a esquadra marrom de navios pesqueiros além de Ringsend, o grande navio branco que estava sendo descarregado no cais em frente. Mahony disse que seria bacana fugir para o mar em um daqueles grandes navios e até eu, ao olhar para os altos mastros, vi ou imaginei ver a geografia que me fora parcamente administrada na escola aos poucos ganhar substância diante dos meus olhos. A escola e o conforto de casa pareciam afastar-se de nós e a influência que exerciam parecia dissipar-se.

Atravessamos o Liffey no *ferry*, pagando pelo transporte na companhia de dois trabalhadores e de um pequeno judeu que carregava uma bolsa. Estávamos sérios, quase solenes, mas durante a curta travessia os nossos olhares se encontraram e nós rimos. Após o desembarque ficamos olhando a descarga do gracioso navio de três mastros que tínhamos avistado do outro cais. Algum passageiro disse que era um navio norueguês. Fui até a popa e tentei decifrar a legenda no casco mas, depois de fracassar, voltei e observei os marujos estrangeiros para ver se algum deles tinha olhos verdes porque eu tinha uma ideia confusa... Os olhos dos marujos eram azuis e cinzentos e até mesmo pretos. O único marujo com olhos que se poderiam chamar de verdes era um homem alto que entretinha a multidão no cais gritando com alegria toda vez que as tábuas caíam:

– Tudo bem! Tudo bem!

Quando cansamos dessa visão caminhamos devagar em direção a Ringsend. O dia estava abafado, e nas vitrines das mercearias biscoitos embolorados desbotavam ao sol. Compramos alguns biscoitos e chocolates, que comemos com vontade enquanto perambulávamos pelas ruas sórdidas onde moram as famílias dos pescadores. Não encontramos nenhuma leiteria, então entramos em uma venda e compramos uma garrafa de refrigerante de framboesa cada um. Depois de refrescar-se, Mahony saiu correndo atrás de uma gata por um beco, mas a gata escapou para um terreno aberto. Nós dois estávamos bastante cansados e quando chegamos ao terreno fomos direto até a margem, de onde podíamos ver o Dodder.

Era tarde demais e estávamos cansados demais para levar adiante o projeto de visitar a Pigeon House. Precisávamos estar de volta em casa antes das quatro horas para que não descobrissem a nossa aventura. Mahony olhou com pesar para o bodoque e só recobrou um pouco da alegria quando sugeri que voltássemos de trem. O sol escondeu-se atrás das nuvens e nos abandonou a pensamentos lúgubres e às migalhas das nossas provisões.

Não havia ninguém além de nós no terreno. Depois que passamos algum tempo em silêncio na margem eu vi um homem aproximar-se desde o outro lado do terreno. Observei-o com preguiça enquanto mastigava um daqueles capins verdes que as meninas usam para tirar a sorte. O homem seguia devagar ao longo da margem. Caminhava com uma mão no quadril e com a outra segurava uma bengala que usava para bater de leve na grama. Estava vestido com desleixo em um terno preto-esverdeado e usava um chapéu de feltro com copa alta. Parecia ser um tanto velho, pois tinha o bigode grisalho. Quando passou aos nossos pés, lançou um rápido olhar para cima e continuou andando. Nós o seguimos com o olhar e vimos que depois de dar cerca de cinquenta passos ele deu meia-volta e começou a refazer o caminho. Andou em nossa direção muito devagar, sempre batendo no chão com a bengala, tão devagar que eu achei que estava procurando alguma coisa na grama.

O homem parou quando chegou até nós e nos deu bom-dia. Respondemos à saudação e ele sentou ao nosso lado no barranco, devagar e com muito cuidado. Começou a falar sobre o tempo, dizendo que o verão seria muito quente e acrescentando que as estações tinham mudado bastante desde que era menino – muito tempo atrás. Disse que a época mais feliz da vida de qualquer um é sem dúvida a época escolar, e que daria qualquer coisa para voltar a ser jovem. Permanecemos em silêncio enquanto o homem dava vazão a esses sentimentos que nos

aborreceram um pouco. Depois começou a falar sobre a escola e os livros. Perguntou se tínhamos lido a poesia de Thomas Moore ou as obras de Sir Walter Scott e de Lord Lytton. Fingi que eu tinha lido todos os livros mencionados, até que por fim ele disse:

– Ah, estou vendo que você é um rato de biblioteca como eu. Mas ele, disse, apontando para Mahony, que nos encarava com os olhos arregalados, ele é diferente; prefere as brincadeiras.

O homem disse que tinha todas as obras de Sir Walter Scott e de Lord Lytton em casa e que nunca cansava de ler esses livros. Mas, claro, disse, havia algumas obras de Lord Lytton que meninos não podem ler. Mahony perguntou por quê – uma pergunta que me deixou agitado e triste, porque temi que o homem me achasse estúpido como Mahony. O homem, no entanto, simplesmente sorriu. Vi que tinha grandes falhas na boca entre os dentes amarelos. Então ele perguntou qual de nós tinha mais namoradas. Mahony disse de maneira casual que tinha três paqueras. O homem perguntou quantas eu tinha. Respondi que eu não tinha nenhuma. Ele não acreditou e disse que com certeza eu devia ter uma. Fiquei em silêncio.

– Conte para a gente, disse Mahony em um tom impertinente, quantas o senhor tem?

O homem sorriu como antes e disse que na nossa idade tinha várias namoradas.

– Todo menino tem uma namoradinha, disse.

Naquele instante essa atitude me pareceu estranhamente liberal para um homem daquela idade. No fundo eu achava que o que ele havia dito sobre meninos e namoradas era razoável. Mas eu não gostava das palavras na boca dele e notei que estremeceu uma ou duas vezes, como se temesse alguma coisa ou sentisse um frio repentino. Quando tornou a falar, percebi que tinha um belo sotaque. Começou a nos contar sobre as meninas, dizendo que tinham cabelos bonitos e macios e mãos macias e que na verdade as meninas não eram sempre tão boazinhas quanto pareciam ser. Não havia nada melhor, disse, do que olhar para uma menina bonita, para as belas mãos brancas e os lindos cabelos macios. Fiquei com a impressão de que o homem estava repetindo algo que havia decorado ou que, hipnotizados pelas palavras da própria fala, os pensamentos dele haviam começado a dar voltas e voltas em torno da mesma órbita. Às vezes falava como se estivesse se referindo a um fato do conhecimento de todos, e às vezes baixava o tom da voz e falava com um ar misterioso como se estivesse nos contando algum segredo que não gostaria que outras pessoas escutassem. Repetia as frases diversas vezes, variando a maneira de falar e envolvendo-as com a voz monótona. Continuei a olhar para o fundo do barranco enquanto o escutava.

Depois de um longo intervalo o monólogo cessou. O homem se ergueu devagar, dizendo que precisaria nos deixar por um instante, uns poucos minutos, e, sem mudar a direção do meu olhar, vi-o se afastar de nós enquanto caminhava em direção ao lado mais próximo do terreno. Permanecemos quietos depois que ele se foi. Passados alguns instantes de silêncio ouvi Mahony exclamar:

– Ah! Olhe o que ele está fazendo!

Como não respondi nem ergui o olhar, Mahony exclamou mais uma vez:

– Ah... Que velho esquisito!

– Se ele perguntar os nossos nomes, disse eu, você é Murphy e eu sou Smith.

Não dissemos mais nada. Eu ainda estava pensando se devia ou não ir embora quando o homem voltou e mais uma vez sentou-se ao nosso lado. Mal havia se sentado quando Mahony, vendo a gata que tinha escapado, pôs-se de pé em um salto e a perseguiu terreno afora. Eu e o homem ficamos assistindo à perseguição. A gata escapou mais uma vez e Mahony começou a jogar pedras no muro que ela tinha escalado. Depois de desistir Mahony saiu andando sem rumo pelo outro lado do terreno.

Passado algum tempo o homem se dirigiu a mim. Disse que o meu amigo era um garoto

muito rústico e perguntou se levava muitas surras na escola. Eu estava prestes a responder indignado que não éramos alunos da National School para *levar surras*, como ele dizia; mas continuei quieto. O homem começou a falar sobre castigar meninos. Os pensamentos dele, como que mais uma vez hipnotizados pela fala, pareciam dar voltas e voltas ao redor desse novo centro. Ele disse que garotos assim mereciam levar uma surra e aliás uma bela surra. Quando um menino era rústico e malcomportado não havia remédio a não ser uma surra das boas. Um tapa na mão ou uma bofetada na orelha não adiantavam: o que ele precisava era de uma surra dada com vontade. Fiquei surpreso diante desse sentimento e sem perceber olhei para o rosto dele. Encontrei o olhar de um par de olhos verde-garrafa me encarando por sob a fronte palpitante. Mais uma vez desviei o olhar.

O homem continuou o monólogo. Parecia ter esquecido o recente liberalismo. Disse que se algum dia encontrasse um menino conversando com meninas ou então com uma namorada havia de surrar-lhe e surrar-lhe, para que aprendesse a não conversar com as meninas. E se um menino tivesse uma namorada e mentisse a respeito ele levaria uma surra como nenhum menino jamais levou no mundo. O homem disse que nada no mundo lhe daria tanta satisfação. Começou a descrever a surra que daria num menino desses como se estivesse desvelando um mistério elaborado. Disse que adoraria fazer aquilo mais do que qualquer coisa no mundo; e a voz, enquanto me guiava em tom monótono por aquele mistério, tornou-se quase afetuosa e parecia suplicar para que eu o compreendesse.

Esperei até que houvesse outra pausa no monólogo. Então me levantei de repente. Para não trair minha agitação, demorei-me alguns instantes enquanto fingia ajeitar o sapato e então, dizendo que eu precisava ir embora, desejei-lhe bom dia. Subi o barranco com calma, mas o meu coração batia depressa com medo de que o homem me agarrasse pelos tornozelos. Quando cheguei ao alto do barranco dei a volta e, sem olhar para ele, gritei em direção ao outro lado do terreno:

– Murphy!

Minha voz tinha uma nota de bravura forçada e quase senti vergonha do estratagema ridículo. Precisei chamar pelo nome mais uma vez antes que Mahony me visse e gritasse uma resposta. Como meu coração bateu quando ele atravessou o terreno correndo em minha direção! Correu como se viesse em meu socorro. E me penitenciei; pois no meu íntimo eu sempre o havia desprezado um pouco.

A North Richmond Street, por ser uma rua sem saída, era silenciosa, exceto na hora em que a Christian Brothers' School soltava os garotos. Uma casa desabitada de dois andares ficava no fundo da rua, afastada dos vizinhos em um terreno quadrado. As outras casas da rua, cientes das vidas decentes que abrigavam, olhavam umas para as outras com rostos marrons imperturbáveis. O antigo morador da nossa casa, um padre, havia morrido na saleta dos fundos. Um cheiro de mofo causado pelo longo tempo de enclausuramento pairava sobre todos os cômodos, e o quarto de despejo atrás da cozinha estava cheio de velhos jornais inúteis. No meio deles encontrei alguns livros encadernados em brochura, com páginas curvas e emboloradas: *The Abbot*, de Walter Scott, *The Devout Communicant* e *The Memoirs of Vidocq*. Gostei mais deste último porque as páginas estavam amareladas. O jardim negligenciado atrás da casa tinha uma macieira e arbustos tortos em meio aos quais encontrei a enferrujada bomba de bicicleta do falecido morador. Ele tinha sido um padre muito caridoso; no testamento, deixou todo o dinheiro para instituições e todos os móveis da casa para a irmã.

Quando os dias curtos do inverno chegavam, a noite caía antes do jantar. Quando nos encontrávamos na rua as casas pareciam sombrias. O céu acima das nossas cabeças tinha um tom de violeta em constante mudança, e as lâmpadas da iluminação pública erguiam as débeis lanternas para o alto. O ar frio era cortante e brincávamos até ficar com o corpo avermelhado. Nossos gritos ecoavam pela rua silenciosa. A rota da brincadeira levava-nos pelos becos escuros e lodacentos atrás das casas, onde passávamos pelo corredor da morte formado pelas tribos rústicas dos barracos antes de chegar às portas dos fundos de jardins escuros e gotejantes que soltavam odores das borralheiras e às estrebarias onde um cavaliário alisava e escovava um cavalo ou tirava música das fivelas nos arreios. Quando voltávamos mais uma vez para a rua a luz das cozinhas havia preenchido esses espaços. Se o meu tio aparecesse na esquina, escondíamos-nos na sombra até vê-lo devidamente em casa. Ou se a irmã de Mangan saísse até a soleira da porta e chamasse o irmão para o jantar nós a observávamos da nossa sombra enquanto procurava para cima e para baixo da rua. Esperávamos para ver se ela ia continuar na rua ou entrar e, se continuasse na rua, abandonávamos a nossa sombra e caminhávamos até os degraus da casa de Mangan com um ar resignado. Ela ficava à nossa espera, com a silhueta desenhada pela luz da porta entreaberta. O irmão sempre a provocava antes de obedecer e eu ficava na balaustrada olhando para ela. O vestido ondulava quando ela mexia o corpo e as suaves cordas do cabelo balançavam de um lado para o outro.

Toda manhã eu ficava na sala observando a porta dela. A cortina ficava a um dedo do parapeito para que eu não fosse visto. Quando ela saía até a soleira da porta o meu coração dava um pulo. Eu ia depressa até o corredor, pegava os meus livros e a seguia. Mantinha aquela figura morena sempre no meu campo de visão e, quando chegávamos no ponto em que nossos caminhos se separavam, eu apertava o passo e a ultrapassava. Isso se repetia manhã após manhã. Eu nunca tinha conversado com ela, a não ser por umas poucas palavras casuais, porém mesmo assim seu nome era como um chamado para todo o meu sangue tolo.

A imagem dela me acompanhava até nos lugares mais hostis ao romance. No entardecer de sábado quando a minha tia saía para fazer as compras eu precisava carregar alguns pacotes. Caminhávamos pelas ruas iluminadas, sendo empurrados por bêbados e pechinchadoras em meio aos xingamentos dos trabalhadores, às litanias estridentes dos vendedores que ficavam de guarda junto dos barris de bochechas de porco e às melodias anasaladas dos cantores de rua, que

entoavam um *come-all-you* sobre O'Donovan Rossa ou uma balada sobre os problemas em nossa terra natal. Para mim todos esses barulhos formavam uma única sensação de vida: eu imaginava estar carregando o meu cálice em segurança no meio de uma horda de inimigos. Em certos momentos o nome dela surgia em meus lábios em estranhas orações e elogios que nem eu compreendia. Muitas vezes meus olhos ficavam rasos de lágrimas (eu não sabia por quê) e de vez em quando uma torrente do meu coração parecia derramar-se em meu peito. Eu pensava pouco no futuro. Não sabia se devia ou não falar com ela nem, caso falasse, como poderia explicar minha confusa adoração. Mas o meu corpo era como uma harpa e as palavras e os gestos dela eram como dedos correndo sobre as cordas.

Certa noite fui até a saleta dos fundos onde o padre havia morrido. Era uma noite escura e chuvosa e não se ouvia nenhum barulho na casa. Por um vidro quebrado eu ouvia a chuva cair sobre a terra, as pequenas agulhas incessantes de água brincando nos canteiros encharcados. Uma janela ou uma lamparina distante cintilava logo abaixo de mim. Agradei por ver tão pouco. Todos os meus sentidos pareciam querer esconder-se atrás de um véu e, sentindo que eu estava prestes a escapar, apertei a palma das mãos até que tremessem, murmurando: *Meu amor! Meu amor!* várias vezes.

Por fim ela falou comigo. Quando dirigiu as primeiras palavras a mim fiquei tão confuso que eu não sabia o que responder. Ela me perguntou se eu estava indo para a *Arábia*. Não lembro se respondi sim ou não. Seria um bazar esplêndido, disse-me; ela adoraria ir.

– E por que você não vai?, perguntei.

Enquanto falava ela girava um bracelete de prata ao redor do pulso. Ela não ia, disse, porque naquela semana haveria um retiro no convento. O irmão e outros dois garotos estavam brigando por causa dos bonés e eu estava sozinho na balaustrada. Ela segurava uma das barras, inclinando a cabeça na minha direção. A luz em frente à nossa porta batia na curva branca do pescoço, iluminava os cabelos que se aninhavam por lá e, ao cair, iluminava a mão na balaustrada. A luz caía na lateral do vestido e pegava a borda branca de uma anáguas, mal e mal visível enquanto continuava à vontade.

– Sorte sua, disse ela.

– Se eu for, vou trazer alguma coisa pra você.

Que loucuras destruíram meus pensamentos na vigília e no sono depois daquele entardecer! Eu queria aniquilar os aborrecidos dias de espera. Perdi a paciência com as tarefas escolares. À noite no meu quarto e durante o dia na sala de aula a imagem dela surgia entre mim e a página que eu me esforçava por ler. As sílabas da palavra *Arábia* chamavam-me através do silêncio em que minha alma banhava-se e lançavam sobre mim um encanto oriental. Pedi para ir ao bazar na noite de sábado. Minha tia ficou surpresa e disse que esperava que não fosse um evento maçônico. Eu respondia poucas perguntas durante a aula. Vi a expressão do meu professor passar da afabilidade ao rigor; não queria que eu comesse a relaxar nos estudos. Eu não conseguia organizar meus pensamentos divagantes. Perdia a paciência com as coisas sérias da vida que, por ficar entre mim e o meu desejo, pareciam uma brincadeira infantil, uma monótona e aborrecida brincadeira infantil.

Na manhã de sábado lembrei o meu tio de que eu queria ir ao bazar no entardecer. Ele estava mexendo na chapeleira do corredor, procurando a escova de chapéu, e me respondeu com laconismo:

– Sim, menino, eu sei.

Enquanto ele estava no corredor eu não podia ir para a sala da frente e ficar na janela. Saí de mau humor e caminhei devagar em direção à escola. Fazia um frio implacável e o meu coração logo me deixou em dúvida.

Quando cheguei em casa para o jantar o meu tio ainda não havia passado em casa. Mas ainda era cedo. Fiquei olhando para o relógio durante algum tempo e, quando o tique-taque começou a me irritar, saí da sala. Subi a escada e ganhei a parte superior da casa. Os cômodos altos frios vazios e escuros me libertaram e fui de uma peça à outra cantando. Da janela da frente eu vi os meus amigos brincando na rua lá embaixo. Os gritos chegavam fracos e indistintos até mim, e com a testa encostada contra o vidro frio olhei para a casa escura onde ela morava. Talvez eu tenha passado uma hora lá, sem ver nada além da figura vestida de marrom projetada pela minha imaginação, com a luz da lamparina projetada na curva do pescoço, na mão pousada sobre os balaústres e na barra por baixo do vestido.

Quando voltei a descer encontrei a sra. Mercer sentada ao pé do fogo. Ela era uma senhora falastrona, viúva de um penhorista, que colecionava selos por algum motivo religioso. Precisei aturar os mexericos durante o jantar. A refeição prolongou-se por mais de uma hora e mesmo assim meu tio não chegou. A sra. Mercer pôs-se de pé para ir embora: pediu desculpas por não poder esperar mais, mas já passava das oito horas e ela não gostava de ficar fora até tarde porque o ar noturno lhe fazia mal. Depois que ela se foi eu comecei a andar de um lado para o outro com os punhos crispados. Minha tia disse:

– Acho que você vai ter que adiar o bazar hoje à noite.

Às nove horas ouvi a chave do meu tio na porta do corredor. Ouvi-o falando sozinho e ouvi o balanço da chapeleira ao receber o peso do sobretudo. Eu sabia interpretar esses sinais. Quando ele havia percorrido metade do caminho até o prato eu pedi o dinheiro para ir ao bazar. Ele tinha esquecido.

– As pessoas estão todas na cama a essa hora, disse.

Eu não sorri. Minha tia disse em tom enérgico:

– Você não pode dar o dinheiro para ele e deixar que ele vá? Você já o deixou esperando o suficiente.

Meu tio pediu desculpas pelo esquecimento. Disse que acreditava no velho adágio: *Nem só de trabalho vive o homem*. Perguntou aonde eu ia e, quando eu respondi pela segunda vez, perguntou se eu conhecia *A despedida do árabe ao corcel*. Quando saí da cozinha ele estava prestes a recitar as linhas de abertura do poema para a minha tia.

Apertei o florim com força na minha mão enquanto descia a Buckingham Street rumo à estação. A visão das ruas repletas de compradores e iluminadas a gás fez com que eu relembresse o propósito da jornada. Acomodei-me em um assento de terceira classe no vagão de um trem deserto. Depois de um atraso insuportável o trem afastou-se lentamente da estação. Avançou em meio a casas em ruínas e atravessou o rio cintilante. Na Westland Row Station uma multidão de pessoas se amontoou ao redor das portas; mas os cabineiros afastaram-nas, dizendo que era um trem especial para o bazar. Continuei sozinho no vagão deserto. Em poucos minutos o trem parou ao lado de uma plataforma de madeira improvisada. Passei para a estrada e vi no mostrador iluminado de um relógio que faltavam dez minutos para as dez. À minha frente, uma enorme construção ostentava o nome mágico.

Não consegui encontrar nenhuma entrada de seis pence e, com medo de que o bazar estivesse fechado, passei depressa por uma roleta depois de entregar um xelim a um homem de aspecto cansado. Me vi em um grande saguão circundado na metade da altura por uma galeria. Quase todas as bancas estavam fechadas e a maior parte do saguão estava às escuras. Reconheci um silêncio como o que envolve as igrejas depois da missa. Caminhei timidamente em direção ao centro do bazar. Algumas pessoas estavam reunidas ao redor das bancas que seguiam abertas. Em frente a uma cortina que trazia as palavras *Café Chantant* escritas com lâmpadas coloridas, dois homens contavam dinheiro em uma bandeja. Fiquei escutando o tilintar das moedas.

Depois de lembrar com dificuldade por que eu tinha ido ao bazar, fui até uma das bancas e examinei vasos de porcelana e jogos de chá floridos. Na porta, uma moça estava conversando e rindo com dois jovens cavalheiros. Percebi o sotaque inglês e escutei vagamente a conversa.

– Ah, eu nunca disse uma coisa dessas!

– Ah, claro que disse!

– Ah, não disse não!

– Ela não disse?

– Disse. Eu ouvi.

– Ah, que... mentira!

Ao me ver, a moça se aproximou e perguntou se eu gostaria de comprar alguma coisa. O tom de voz não era muito encorajador; ela parecia ter falado comigo movida por um sentimento de dever. Olhei com humildade para os grandes jarros que se erguiam como guardas orientais em ambos os lados da sombria entrada da banca e murmurei:

– Não, obrigado.

A moça mudou a posição de um dos vasos e voltou para os dois jovens. Os três retomaram a mesma conversa. Por uma ou duas vezes a moça olhou por cima do ombro na minha direção.

Me demorei um pouco em frente à banca, mesmo sabendo que a minha permanência era inútil, para fazer com que o meu interesse nas mercadorias dela parecesse mais real. Depois me virei devagar e atravessei o bazar pelo meio. Deixei os dois pence caírem contra os seis pence no meu bolso. Escutei uma voz gritar do alto da galeria que as luzes seriam apagadas. A parte superior do saguão ficou totalmente às escuras.

Ao olhar para a escuridão me vi como uma criatura movida e vilipendiada pela vaidade; e meus olhos arderam de raiva e de angústia.

Ela estava sentada junto da janela vendo a noite invadir a avenida. A cabeça estava apoiada contra as cortinas, e no nariz estava o cheiro do cretone empoeirado. Ela estava cansada.

Havia pouca gente na rua. O morador da última residência passou a caminho de casa; ela ouviu o baque das passadas no calçamento de concreto e depois o ruído das pedras na estradinha antes das casas vermelhas. Lá costumava haver um campo onde eles costumavam brincar todo entardecer com os filhos dos outros. Depois um homem de Belfast comprou o campo e construiu casas – não casinhas marrons como as deles, mas casas claras de tijolos com telhados reluzentes. As crianças da avenida costumavam brincar juntas no terreno – os Devine, os Water, os Dunn, o pequeno Keogh, o aleijado, ela e os irmãos e irmãs. Ernest, no entanto, não brincava nunca: era crescido demais. O pai muitas vezes corria atrás deles pelo campo com uma vara de abrunheiro na mão; mas em geral o pequeno Keogh ficava de olho e dava um grito quando via o pai dela chegar. Mesmo assim, todos pareciam ter sido felizes naquela época. O pai dela não estava tão mal; e além do mais a mãe ainda estava viva. Tudo isso aconteceu muito tempo atrás; ela e os irmãos e irmãs tinham crescido; a mãe havia morrido. Tizzie Dunn também havia morrido, e a família Water tinha voltado para a Inglaterra. Tudo muda. Agora ela estava prestes a ir embora como os outros, a sair de casa.

Casa! Ela olhou ao redor do cômodo, examinando todos os objetos familiares que havia espanado uma vez por semana ao longo de muitos anos, imaginando de onde vinha todo aquele pó. Talvez nunca mais fosse ver aqueles objetos familiares dos quais nunca tinha imaginado se separar. Mesmo assim, durante todos esses anos ela jamais tinha descoberto o nome do padre cuja fotografia amarelada pendia logo acima do harmônio quebrado ao lado das promessas coloridas feitas à Abençoada Margarida Maria Alacoque. Tinha sido um amigo de escola do pai. Sempre que mostrava a fotografia a uma visita, o pai a estendia com um comentário casual:

– Agora ele está em Melbourne.

Ela havia aceitado ir embora, sair de casa. Seria uma decisão sábia? Tentou avaliar todos os aspectos da questão. Em casa, tinha abrigo e comida; tinha todas as pessoas que havia conhecido durante a vida inteira por perto. Mas é claro que precisava dar duro tanto na casa quanto no trabalho. O que diriam a seu respeito nas Stores quando descobrissem que tinha fugido com um rapaz? Talvez que era uma boba; e a vaga dela seria preenchida através de um anúncio. A srta. Gavan ficaria contente. Sempre perdia a paciência com ela, em especial quando havia outras pessoas escutando.

– Srta. Hill, não viu que as clientes estão esperando?

– Srta. Hill, por favor, tente parecer mais animada.

Ela não derramaria muitas lágrimas por abandonar as Stores.

Mas na nova casa, em um país distante e desconhecido, não seria assim. Lá ela estaria casada – ela, Eveline. As pessoas haveriam de tratá-la com respeito. Não seria tratada como a mãe havia sido. Mesmo agora, com mais de dezenove anos, às vezes sentia-se vulnerável à violência do pai. Sabia que essa era a causa das palpitações. Quando estavam crescendo o pai nunca tinha batido nela como fazia com Harry e Ernest porque era uma garota; mas nos últimos tempos havia começado a fazer ameaças e a dizer o que faria com ela não fosse por conta da falecida mãe. E agora ela não tinha ninguém para protegê-la. Ernest havia morrido e Harry, que estava no negócio de decoração de igrejas, passava quase o tempo inteiro em algum lugar no campo. Além do mais, a invariável discussão por causa de dinheiro nas noites de sábado estava

começando a aborrecê-la além da conta. Ela sempre dava o salário inteiro – sete xelins – e Harry sempre enviava o quanto podia, mas o problema era conseguir dinheiro do pai. Ele dizia que a filha desperdiçava o dinheiro, que não tinha a cabeça no lugar, que não daria o dinheiro ganhado a muito custo para que ela o desperdiçasse pelas ruas e muitas outras coisas, pois via de regra acabava em um estado bastante precário nas noites de sábado. No fim ele entregava o dinheiro e perguntava se ela pretendia comprar o jantar de domingo. Então ela precisava sair de casa o mais depressa possível para fazer as compras, agarrando-se à bolsa de couro preto enquanto abria caminho a cotoveladas em meio às multidões e voltando tarde com a pesada carga de mantimentos. Era um trabalho duro manter a casa em ordem e cuidar para que as duas crianças deixadas a seus cuidados frequentassem a escola regularmente e fizessem as refeições regularmente. Era um trabalho duro – uma vida dura –, mas agora que estava a ponto de abandoná-la não parecia uma vida totalmente indesejável.

Ela estava prestes a explorar uma vida nova com Frank. Frank era muito gentil, másculo, sincero. Ela iria embora no barco noturno para casar e viver com ele em Buenos Aires, onde Frank tinha uma casa esperando por ela. Lembrava muito bem da primeira vez que o viu; ele estava hospedado em uma casa na rua principal onde ela costumava visitá-lo. Tudo parecia ter acontecido há poucas semanas. Ele estava parado junto do portão, com o queixo puxado para trás da cabeça e os cabelos caídos para frente por cima do rosto de bronze. Depois os dois se conheceram. Ele a esperava todas as tardes no lado de fora das Stores e a acompanhava até em casa. Levou-a para ver *The Bohemian Girl* e ela sentiu-se extasiada ao sentar em uma parte desconhecida do teatro em companhia dele. Frank adorava música e também cantava um pouco. As pessoas sabiam que os dois estavam se cortejando e, quando ele cantava sobre a garota que amava um marinheiro, ela sempre sentia uma agradável confusão. Ele a chamava de Pitoca por diversão. Em primeiro lugar tinha sido uma emoção para ela conhecer um rapaz, e depois começou a gostar dele. Frank contava histórias sobre países distantes. Havia começado como moço de convés ganhando uma libra por mês em um navio da Allan Line que foi até o Canadá. Contava para ela os nomes dos barcos em que tinha trabalhado e os nomes dos diferentes serviços. Tinha navegado pelo Estreito de Magalhães e contava histórias sobre os terríveis patagônios. Tinha se dado bem em Buenos Aires, segundo disse, e estava de volta ao país natal apenas durante as férias. Claro, o pai dela tinha descoberto o envolvimento e proibido que os dois se falassem.

– Eu conheço esses marinheiros, disse.

Um dia ele discutiu com Frank e a partir de então ela começou a encontrar o amado em segredo.

Ficou mais escuro na avenida. O branco das duas cartas que ela tinha no colo tornou-se indistinto. Uma era para Harry; a outra era para o pai. Ernest era o favorito dela, mas também gostava de Harry. Havia notado que o pai tinha envelhecido nos últimos tempos; ele sentiria falta dela. Às vezes ele era muito gentil. Pouco tempo atrás, quando ela passou um dia de cama, ele leu uma história de fantasmas e preparou torradas na lareira. Uma outra vez, quando a mãe dela ainda era viva, todos foram fazer um piquenique na Colina de Howth. Ela lembrava que o pai tinha posto o chapéu da mãe para fazer graça na frente dos filhos.

O tempo estava acabando, mas ela continuava sentada junto da janela, com a cabeça apoiada na cortina, inalando o cheiro do cretone empoeirado. Ao longe na avenida ouvia-se o som de um realejo. Ela reconheceu a melodia. Estranho que surgisse justo naquela noite para lembrá-la da promessa feita à mãe, a promessa de cuidar da casa enquanto pudesse. Lembrou-se da última noite da doença da mãe; e mais uma vez se transportou para o quarto escuro e apertado no outro lado do corredor, de onde ouvia uma melancólica canção da Itália tocando na

rua. Deram seis pence ao tocador de realejo e mandaram-no embora. Lembrou do pai voltando até o quarto da doente e dizendo:

– Esses malditos italianos que vêm para cá!

Enquanto pensava, a visão triste da vida da mãe lançou um feitiço na essência de seu ser – uma vida de sacrifícios cotidianos terminada em uma loucura final. Ela estremeceu ao ouvir mais uma vez a voz da mãe repetir com uma insistência tola:

– *Derevaun Seraun! Derevaun Seraun!*

Ela se levantou em um súbito impulso de terror. Fugir! Precisava fugir! Frank haveria de salvá-la. Ele lhe daria vida, e talvez amor, também. Mas ela queria viver. Por que deveria ser infeliz? Ela tinha direito à felicidade. Frank haveria de tomá-la em seus braços, estreitá-la em seus braços. Ela a salvaria.

* * *

Ela estava em meio à multidão ondulante na estação da North Wall. Frank segurava a mão dela e ela notou que ele estava falando, dizendo e redizendo alguma coisa sobre a passagem. A estação estava cheia de soldados com bagagens marrons. Pelas amplas portas dos armazéns ela vislumbrou o vulto negro do barco, parado ao lado do muro do cais com as vigias iluminadas. Ela não respondeu nada. Sentiu o rosto pálido e frio e, em um labirinto de sofrimento, rezou a Deus para que a guiasse, para que indicasse o caminho do dever. O barco soltou um longo apito triste em meio à neblina. Se fosse embora, amanhã estaria no mar com Frank, deixando uma trilha de vapor a caminho de Buenos Aires. A passagem estava reservada. Será que ainda seria possível mudar de ideia depois de tudo o que ele tinha feito? O sofrimento despertou-lhe uma náusea no corpo e ela continuou movendo os lábios em uma ardorosa oração muda.

Um sino dobrou no peito dela. Sentiu quando Frank tomou-lhe a mão:

– Venha!

Todos os mares do mundo desaguavam no peito dela. Ele a puxava para o fundo: acabaria por afogá-la. Ela se agarrou com as duas mãos à balaustrada de ferro.

– Venha!

Não! Não! Não! Era impossível. As mãos se agarravam desesperadas ao metal. Em meio aos mares ela soltou um grito de angústia!

– Eveline! Evvy!

Frank tinha ultrapassado a barreira e naquele instante a chamava. Outras vozes gritavam para que andasse, mas ele continuava a chamar. Ela voltou o semblante branco em direção a ele, passiva, como um animal indefeso. Nos olhos dela não havia sinal de amor, despedida ou reconhecimento.

DEPOIS DA CORRIDA

Os carros vieram em disparada rumo a Dublin, correndo juntos como balas na pista da Naas Road. Na crista da montanha em Inchicore os espectadores haviam se reunido em grupos para ver os carros acelerando rumo à linha de chegada, e por aquele canal de pobreza e inércia o Continente desfilava a riqueza e a indústria. De vez em quando os grupos de pessoas animavam a grata plateia de oprimidos. Essa simpatia, no entanto, era para os carros azuis – os carros dos amigos franceses.

Os franceses, além do mais, tinham conseguido uma vitória técnica. A equipe havia feito uma corrida consistente, ficando em segundo e em terceiro lugar, e haviam noticiado que o piloto do carro alemão vencedor era belga. Assim, os carros azuis receberam uma dupla salva de boas-vindas quando chegaram à crista da montanha, e cada grito de boas-vindas era recebido com sorrisos e acenos de cabeça pelos ocupantes do carro. Em um desses carros construídos com tanto esmero havia um grupo de quatro jovens cujo ânimo parecia estar muito acima do simples galicismo de sucesso: na verdade, esses quatro jovens eram quase hilários. Eram Charles Ségouin, o proprietário do carro; André Rivière, um jovem eletricitista nascido no Canadá; um enorme húngaro chamado Villona e um jovem muito elegante chamado Doyle. Ségouin estava de bom humor porque tinha recebido algumas encomendas adiantadas (estava prestes a abrir um salão de automóveis em Paris) e Rivière estava de bom humor porque seria nomeado gerente do estabelecimento; esses dois jovens (que eram primos) também estavam de bom humor devido ao sucesso dos carros franceses. Villona estava de bom humor porque tinha comido um almoço muito agradável; e além disso era um otimista nato. O quarto integrante do grupo, no entanto, parecia empolgado demais para sentir-se genuinamente feliz.

Tinha cerca de 26 anos de idade, um bigode marrom-claro macio e olhos cinzentos de aspecto inocente. O pai, que havia começado a vida como Nacionalista, tinha mudado de ideia muito tempo atrás. Ganhou dinheiro como açougueiro em Kingstown e depois de abrir lojas em Dublin e nos subúrbios multiplicou esse dinheiro muitas e muitas vezes. Além do mais, tinha sido afortunado o bastante para garantir alguns contratos com a polícia e no fim acabou rico o suficiente para figurar nos jornais de Dublin como um príncipe mercante. Tinha mandado o filho à Inglaterra para que fosse educado em uma grande universidade católica e depois mandou-o à Universidade de Dublin para estudar Direito. Jimmy não levou os estudos muito a sério e andou pelo mau caminho durante algum tempo. Tinha dinheiro e era popular; e dividia o tempo de maneira um tanto curiosa entre círculos musicais e automobilísticos. Depois foi passar um semestre em Cambridge para viver a vida. O pai, bastante crítico, mas no fundo orgulhoso dos excessos do filho, pagou as contas e trouxe-o para casa. Foi em Cambridge que conheceu Ségouin. Os dois eram pouco mais do que conhecidos mas Jimmy gostava muito da companhia de alguém que tinha visto tantos lugares e tinha fama de ser dono de alguns dos maiores hotéis da França. Valia a pena conhecer uma pessoa assim (o pai concordava) mesmo se não fosse a excelente companhia que era. Villona também era divertido – um pianista brilhante –, mas, infelizmente, muito pobre.

O carro seguia alegre com a carga de jovens hilários. Os dois primos estavam no banco da frente; Jimmy e o amigo húngaro estavam atrás. Sem dúvida Villona estava de excelente humor; cantarolou uma melodia em um baixo profundo por vários quilômetros da estrada. Os franceses atiravam risadas e palavras leves por cima dos ombros e muitas vezes Jimmy precisava se curvar à frente para captar uma frase espirituosa. Não era muito agradável, já que quase sempre

era necessário fazer uma tentativa astuta de adivinhar o significado e gritar uma resposta adequada contra o forte vento. Como se não bastasse, a cantoria de Villona confundiria qualquer um – e o barulho do carro também.

Mover-se em alta velocidade através do espaço provoca alegria; a notoriedade também; a posse de dinheiro também. Essas eram três boas razões para o entusiasmo de Jimmy. Naquele dia tinha sido visto por muitos amigos na companhia daqueles três homens do Continente. No controle Séguin havia-o apresentado a um dos competidores franceses e, em resposta ao confuso murmúrio elogioso, o rosto moreno do piloto havia revelado uma fileira de dentes brancos reluzentes. Depois dessa honraria foi bom retornar ao mundo profano dos espectadores em meio a cutucões e olhares de admiração. Quanto ao dinheiro – de fato controlava uma quantia significativa. Séguin talvez não achasse a quantia tão significativa assim, mas Jimmy, que apesar de alguns erros temporários no fundo tinha instintos confiáveis, sabia muito bem a dificuldade que tinha sido juntá-la. Até então esse conhecimento tinha mantido os gastos dentro dos limites de uma extravagância ponderada, e se antes havia demonstrado consciência em relação ao esforço latente no dinheiro ao tratar dos simples caprichos de uma inteligência superior, quanto mais não teria agora, prestes a apostar a maior parte da fortuna! Para ele aquilo era coisa séria.

Claro, o investimento era bom e Séguin tinha dado a entender que era graças a um favor da amizade que aquela mixaria de dinheiro irlandês seria incluída no capital da empresa. Jimmy respeitava a astúcia do pai nos negócios e nesse caso foi o pai quem primeiro sugeriu o investimento; havia dinheiro a ser feito no setor automobilístico, rios de dinheiro. Além do mais, Séguin tinha um ar inconfundível de riqueza. Jimmy começou a traduzir o opulento carro em que estava sentado em dias de trabalho. Como andava macio! Com que estilo haviam corrido pelas estradas rurais! A jornada tinha tocado com magia no verdadeiro pulso da vida, e o valente mecanismo dos nervos humanos esforçava-se por responder ao trajeto sacolejante do célere animal azul.

Eles desceram a Dame Street. A rua estava agitada com os buzinaços dos motoristas e os gongos dos impacientes condutores dos bondes. Próximo ao Banco Séguin parou e Jimmy e o amigo desceram. Um pequeno grupo de pessoas reuniu-se no caminho para prestar homenagem ao motor roncante. Naquela noite os quatro jantariam juntos no hotel de Séguin e, nesse meio-tempo, Jimmy e o amigo, que estava ficando com ele, iriam para casa se arrumar. O carro se afastou devagar em direção à Grafton Street enquanto os dois jovens abriam caminho em meio aos observadores. Caminharam rumo ao norte com um estranho sentimento de decepção nesse exercício, enquanto a cidade suspendia os pálidos globos de luz na névoa do entardecer de verão.

Na casa de Jimmy esse jantar foi considerado uma ocasião e tanto. Um certo orgulho misturou-se à apreensão dos pais, e também uma certa ansia por agir depressa e com naturalidade, pois os nomes das grandes cidades estrangeiras têm pelo menos essa virtude. Jimmy ficou com um ótimo aspecto depois de se arrumar e, quando estava no corredor dando uma última ajeitada nos laços da gravata, o pai deve ter sentido uma satisfação até mesmo comercial por ter assegurado ao filho qualidades muitas vezes incompráveis. Assim, o pai foi especialmente amistoso com Villona e expressou um respeito genuíno pelas conquistas estrangeiras; mas a sutileza do anfitrião deve ter se perdido para o húngaro, que estava começando a sentir um profundo desejo pelo jantar.

O jantar estava excelente, extraordinário. Séguin, pensou Jimmy, tinha um gosto muito refinado. O grupo aumentou com a chegada de um jovem inglês chamado Routh que Jimmy tinha visto na companhia de Séguin em Cambridge. Os jovens fizeram a refeição em um confortável recinto iluminado por lâmpadas elétricas. Travaram uma conversa volúvel e pouco

reservada. Jimmy, com a imaginação desperta, vislumbrou a juventude impetuosa dos franceses misturada à rígida elegância das maneiras inglesas. Uma imagem graciosa, pensou, e também justa. Ele admirou a destreza com que o anfitrião conduzia a conversa. Os cinco jovens tinham gostos variados e estavam com a língua solta. Villona, com imenso respeito, começou a revelar ao inglês um tanto surpreso as belezas do madrigal inglês e a deplorar a perda dos instrumentos antigos. Rivière, em uma iniciativa não muito engenhosa, resolveu explicar para Jimmy o triunfo dos mecânicos franceses. A voz ribombante do húngaro estava prestes a ridicularizar os alaúdes espúrios dos pintores românticos quando Ségouin pastoreou o grupo rumo aos caminhos da política. Esse era um terreno agradável para todos. Jimmy, sob a generosa influência da bebida, sentiu o ímpeto oculto do pai acordar dentro de si: e enfim despertou o apático Routh. O calor no interior do cômodo dobrou de intensidade e a tarefa de Ségouin ficava mais difícil a cada instante: corria-se até mesmo o risco de desavenças pessoais. O anfitrião sempre alerta fez um brinde à Humanidade no primeiro momento oportuno e, depois que todos beberam, abriu uma janela com um gesto prenhe de significado.

Naquela noite a cidade usava a máscara de uma capital. Os cinco jovens caminharam pelo Stephen's Green em uma tênue nuvem de fumaça aromática. Conversaram alegres e em voz alta com os casacos pendurados nos ombros. As pessoas abriam caminho para eles. Na esquina da Grafton Street um homem gordo e baixo estava ajudando duas belas mulheres a entrar num carro aos cuidados de outro homem gordo. O carro se afastou e o homem gordo e baixo percebeu o grupo.

– André.

– É o Farley!

Uma torrente de conversa veio a seguir. Farley era americano. Ninguém sabia direito qual era o assunto da conversa. Villona e Rivière eram os mais ruidosos, mas todos estavam exaltados. Entraram em um carro, espremendo uns aos outros em meio a muitas risadas. Trafegaram ao lado da multidão, a essa altura transformada em cores suaves, ao som de sinos alegres. Pegaram o trem na Westland Row e em poucos instantes, como pareceu a Jimmy, estavam saindo da Kingstown Station. O condutor saudou Jimmy; era um senhor de idade.

– Boa noite, senhor!

Era uma noite amena de verão; o porto estendia-se como um espelho negro logo abaixo. Seguiram em frente de braços dados, cantando *Cadet Roussel* em uníssono, batendo os pés a cada:

– *Ho! Ho! Hohé, vraiment!*

Entraram em um barco a remo no cais e foram em direção ao iate do americano. Lá haveria comida, música, cartas. Villona disse, convicto:

– Que bonito!

Havia um piano na cabine. Villona tocou uma valsa para Farley e Rivière, Farley fazendo as vezes de cavalheiro e Rivière de dama. Logo veio uma quadrilha improvisada, e os homens inventaram passos na hora. Quanta alegria! Jimmy participou com vontade; aquilo, enfim, era viver a vida. Então Farley perdeu o fôlego e gritou *Chega!* Um homem trouxe uma ceia leve, e os jovens sentaram-se por mera convenção. Mesmo assim, beberam: era um hábito boêmio. Beberam a Irlanda, a Inglaterra, a França, a Hungria, os Estados Unidos da América. Jimmy fez um discurso, um longo discurso, e Villona dizia *Mais! Mais!* sempre que havia uma pausa. Houve muitos aplausos quando sentou. Deve ter sido um bom discurso. Farley deu-lhe um tapa nas costas e riu alto. Que sujeitos alegres! Que ótimos companheiros!

Cartas! Cartas! Limparam a mesa. Villona retornou em silêncio ao piano e tocou de improviso. Os outros jogaram rodada atrás de rodada, lançando-se à aventura com vontade.

Beberam à saúde da Dama de Copas e da Dama de Ouro. Jimmy sentiu de maneira obscura a falta de uma audiência: todos pareciam muito espirituosos. As apostas estavam muito altas e o papel começou a circular. Jimmy não sabia direito quem estava ganhando mas sabia que estava perdendo. Mas a culpa era dele mesmo porque muitas vezes confundia as cartas e os outros precisaram calcular o quanto devia. Eram companhias formidáveis mas ele queria que parassem: estava ficando tarde. Alguém fez um brinde ao iate *The Belle of Newport* e em seguida alguém sugeriu um grande jogo para encerrar.

O piano havia parado; Villona devia ter subido ao convés. Foi um jogo terrível. Eles pararam logo antes do fim para beber à sorte. Jimmy percebeu que a decisão seria entre Routh e Ségouin. Quanta emoção! Jimmy também estava empolgado; mas ele perderia, claro. Quanto havia assinado em dívidas? Os homens ficaram de pé para jogar as últimas cartas, falando e gesticulando. Routh ganhou. A cabine estremeceu com a comemoração dos jovens e as cartas foram guardadas. Os ganhos foram recolhidos. Farley e Jimmy sofreram as maiores perdas.

Ele sabia que se arrependeria pela manhã, mas naquele instante estava feliz com o descanso, feliz com o estupor negro que haveria de cobrir aquela insensatez. Apoiou os cotovelos na mesa e pôs a cabeça entre as mãos, contando as pulsações nas têmporas. A porta da cabine se abriu e ele viu o húngaro de pé em uma nesga de luz cinzenta:

– Já é dia, senhores!

Oentardecer quente e cinzento de agosto havia descido sobre a cidade e um ar morno, lembrança do verão, circulava pelas ruas. As ruas, com as venezianas fechadas para o repouso de domingo, fervilhavam com o alegre colorido da multidão. Como pérolas iluminadas, as lâmpadas ardiam desde o alto dos postes sobre a textura viva lá embaixo que, mudando sem parar de forma e de cor, lançava no ar do entardecer quente e cinzento um murmúrio imutável e incessante.

Dois jovens desciam o morro de Rutland Square. Um deles estava chegando ao fim de um longo monólogo. O outro, que caminhava à beira do caminho e por vezes era obrigado a pisar na rua devido à grosseria do companheiro, tinha uma expressão entretida e atenta. Era atarracado e tinha a pele levemente rosada. Usava um chapéu naval empurrado para trás da cabeça e a narrativa que escutava fazia com que ondas de expressão quebrassem por todo o rosto a partir dos cantos do nariz e dos olhos e da boca. Pequenos jatos de riso assoviante saíam de tempos em tempos do corpo convulsionado. Os olhos, cintilando com uma atenção mateira, permaneciam o tempo inteiro fixos no rosto do companheiro. Por uma ou duas vezes ajeitou a leve capa de chuva que havia jogado por cima do ombro à moda toureiro. Os calções, os sapatos brancos de borracha e a capa de chuva jogada de maneira casual expressavam juventude. Mas a figura dava vez à rotundidade na cintura, o cabelo era ralo e grisalho e o rosto, depois que as ondas de expressão passavam, tinha um aspecto maltratado.

Quando teve certeza de que a narrativa tinha acabado ele riu em silêncio por trinta segundos inteiros. Então disse:

– Muito bem...! Essa merece um troféu!

A voz parecia despida de vigor, e para reforçar as palavras ele acrescentou em tom bem-humorado:

– Um troféu único, solitário e *recherché*!

Ficou sério e calado depois de falar. A língua estava cansada, pois tinha falado a tarde inteira em uma taverna na Dorset Street. A maioria das pessoas considerava Lenehan um aproveitador mas, apesar dessa reputação, a simpatia e a eloquência sempre haviam impedido os amigos de adotar uma política mais abrangente contra ele. Lenehan tinha um jeito destemido de se aproximar de um grupo em um bar e de permanecer à margem da companhia até ser incluído em uma rodada. Era um andarilho intrépido armado com um enorme repertório de histórias, *limericks* e charadas. Também era indiferente a todo tipo de descortesia. Ninguém sabia como desempenhava a árdua tarefa de viver, porém havia uma vaga associação entre o nome dele e os boletins sobre os cavalos.

– E de onde você a tirou, Corley?, perguntou.

Corley correu a língua depressa pelo lábio superior.

– Cara, uma noite eu estava andando pela Dame Street e vi uma prostituta bonita em frente ao relógio da Waterhouse e dei boa-noite para ela, sabe como é. Aí a gente foi dar um passeio pelo canal e ela me contou que trabalhava de criada em uma casa na Baggot Street. Eu pus o braço em volta dela e consegui dar uns amassos naquela noite. No domingo seguinte, cara, eu marquei uma hora. A gente foi para Donnybrooke e eu a levei até um campo por lá. Ela me disse que costumava sair com um fazendeiro... Foi legal, cara. Toda noite ela me trazia cigarros e pagava o bonde na saída e na volta. E uma noite ela me levou dois charutos bons para caramba – ah, coisa fina, sabe, que o velho costumava fumar... Cara, eu fiquei com medo que ela fosse falar de família e tudo mais. Mas ela sabe se cuidar.

– Talvez ache que você vai casar com ela, disse Lenehan.

– Eu disse que estava desempregado, respondeu Corley. Disse que eu estava no Pim's. Ela nem sabe o meu nome. Tomei o cuidado de não dizer. Mas ela acha que sou classudo, sabe.

Lenehan riu mais uma vez sem fazer nenhum som.

– De todas as histórias que já ouvi, disse, essa sem dúvida é a que mais merece um troféu.

As passadas de Corley enfatizaram o elogio. A ginga do corpanzil fez com que o amigo executasse alguns pequenos saltos do caminho para o meio da rua e de volta para o calçamento. Corley era filho de um inspetor de polícia e tinha herdado a aparência e a maneira de andar do pai. Caminhava com as mãos ao lado do corpo, mantendo-se ereto e balançando a cabeça de um lado para o outro. A cabeça era grande, globular e oleosa; suave em todos os climas; e o grande chapéu redondo, posto de lado, parecia um bulbo nascido de outro. Olhava sempre em frente, como se estivesse em um desfile, e quando sentia vontade de olhar para outra pessoa na rua era necessário mover o corpo inteiro desde o quadril. Agora ele estava no olho da rua. Quando surgia uma vaga, sempre havia um amigo de plantão para dar essa dura notícia. Muitas vezes era visto caminhando com policiais à paisana, falando sério. Conhecia todos os assuntos por dentro e gostava de dar vereditos. Falava sem escutar o que os amigos diziam. As conversas eram quase sempre a respeito de si mesmo: o que ele tinha dito a outra pessoa e o que essa outra pessoa tinha dito para ele e o que ele tinha dito para encerrar o assunto. Quando reproduzia esses diálogos ele aspirava a primeira letra do nome, à maneira dos florentinos.

Lenehan ofereceu um cigarro ao amigo. Enquanto os dois jovens caminhavam em meio à multidão Corley virava-se de vez em quando e sorria para as garotas que passavam, mas Lenehan tinha o olhar fixo na lua difusa envolta por um duplo halo. Observou com atenção a passagem da teia cinzenta do crepúsculo por sobre o rosto da lua. Por fim disse:

– Bem... me diga uma coisa, Corley, parece que você vai conseguir mesmo, hein?

Corley fechou um olho de maneira expressiva como resposta.

– E ela vai topar?, perguntou Lenehan meio desconfiado. Com as mulheres você nunca sabe.

– Ela é bacana, disse Corley. Eu sei como dar um jeito nela, cara. Ela está caidinha por mim.

– Você é o que eu chamo de um Lothario alegre, disse Lenehan. E um belo Lothario, diga-se de passagem!

Uma sombra de zombaria aliviou a servitude daqueles modos. Para se salvar, Lenehan tinha o hábito de deixar a bajulação aberta à interpretação de jocosidade. Mas Corley não tinha um intelecto sutil.

– Não existe nada como uma boa criadinha, afirmou. Pode acreditar no que eu digo.

– Falou quem já experimentou todas, disse Lenehan.

– Primeiro eu costumava procurar as garotas, você sabe, disse Corley, desabafando; as garotas da South Circular. Costumava sair com elas, cara, pegar um bonde para algum lugar e pagar o bonde ou levá-las para ver uma banda ou uma peça no teatro ou comprar chocolates e doces ou alguma outra coisa desse tipo. Eu costumava gastar um belo dinheiro, acrescentou em tom convincente, como se percebesse a descrença do ouvinte.

Mas Lenehan podia muito bem acreditar naquilo; ele acenou a cabeça com uma expressão grave no rosto.

– Eu conheço esse jogo, e é um jogo para otários, disse.

– Que o diabo me carregue se já ganhei alguma coisa com isso, emendou Corley.

– Assino embaixo, disse Lenehan.

– A não ser por uma delas, disse Corley.

Em seguida correu a língua por cima do lábio superior a fim de umedecê-lo. A lembrança fez com que os olhos dele brilhassem. Também olhou para o disco pálido da lua, já quase encoberto, e pareceu entregar-se à meditação.

– Ela... ela até que era bacana, disse com arrependimento.

Tornou a ficar em silêncio. Em seguida acrescentou:

– Agora ela ganha a vida fazendo ponto. Uma noite dessas eu a vi andando em direção à Earl Street com dois sujeitos dentro de um coche.

– E parece que a culpa é sua, disse Lenehan.

– Outros vieram antes de mim, disse Corley de maneira filosófica.

Dessa vez Lenehan ficou inclinado a duvidar. Balançou a cabeça de um lado para o outro e sorriu.

– Você sabe que não consegue me enganar, Corley, disse.

– Juro por Deus!, exclamou Corley. Ela mesma me disse!

Lenehan fez um gesto trágico.

– Traidor!, emendou.

Enquanto os dois passavam pela balaustrada do Trinity College, Lenehan pulou para o meio da rua e olhou para cima em direção ao relógio.

– Vinte minutos passados, disse.

– Já é hora, respondeu Corley. Ela vai estar lá com certeza. Eu sempre a deixo esperando um pouco.

Lenehan riu em silêncio.

– Pombas! Corley, você sabe mesmo conquistá-las.

– Conheço todas as artimanhas femininas, confessou Corley.

– Mas me diga uma coisa, repetiu Lenehan, você tem certeza que consegue ir até o fim?

Você sabe que é um trabalho delicado. Elas são jogo duro nesse ponto. Não é...? Hein?

Os olhinhos brilhantes buscaram confirmação no rosto do amigo. Corley balançou a cabeça de um lado para outro como se estivesse afastando um inseto insistente e as sobrancelhas dele se juntaram.

– Eu vou dar um jeito, disse. Deixe comigo, está bem?

Lenehan não disse mais nada. Não queria mexer com os brios do amigo para ser mandado ao inferno e ouvir que seus conselhos não eram bem-vindos. Era necessário um pouco de tato. Mas logo a testa de Corley estava lisa outra vez. Os pensamentos dele corriam em outro rumo.

– Ela é uma vagabunda bonita e decente, disse de modo apreciativo; é isso o que ela é.

Os dois caminharam pela Nassau Street e então dobraram na Kildare Street. Perto da varanda do clube havia um harpista na calçada, tocando para uma roda de espectadores. Ele tangia as cordas sem perceber, olhando de vez em quando para o rosto dos recém-chegados e de vez em quando, com uma expressão cansada, para o céu. A harpa, indiferente ao fato de estar com as vestes despidas até os joelhos, também parecia cansada dos olhares de estranhos e das mãos do instrumentista. Uma mão tocava no baixo a melodia de *Silent, O Moyle*, enquanto a outra corria pelos agudos após cada grupo de notas. As notas da melodia pulsavam com profundidade e plenitude.

Os dois jovens subiram a rua sem falar nada, com a música triste a segui-los. Quando chegaram ao Stephen's Green atravessaram a rua. Nesse ponto o barulho dos bondes, as luzes e a multidão os libertaram do silêncio.

– Lá está ela!, disse Corley.

Na esquina da Hume Street uma jovem estava parada. Ela trajava um vestido azul e um chapéu de marinheiro branco. Estava na calçada, balançando uma sombrinha na mão. Lenehan

ficou animado.

– Vamos dar uma espiada nela, Corley, disse.

Corley olhou o amigo de soslaio e teve o rosto tomado por um sorriso desagradável.

– Você está querendo meter a colher na minha sopa?, perguntou.

– Porra!, exclamou Lenehan, eu não quero que você me apresente. Só quero dar uma olhada nela. Não vou comê-la.

– Ah... Só uma olhada?, disse Corley, em tom um pouco mais amigável. Bom... Escute o que eu vou dizer. Eu vou até lá falar com ela e você pode passar por nós.

– Combinado!, disse Lenehan.

Corley já tinha passado uma perna por cima das correntes quando Lenehan gritou:

– E depois? Onde a gente se encontra?

– Às dez e meia, respondeu Corley, trazendo junto a outra perna.

– Onde?

– Na esquina da Merrion Street. A gente vai estar voltando.

– Boa sorte, disse Lenehan ao se despedir.

Corley não respondeu. Atravessou a rua a passos rápidos, balançando a cabeça de um lado para o outro. O porte, o andar tranquilo e o som macio das botas davam-lhe um certo ar de conquistador. Aproximou-se da jovem e, sem cumprimentá-la, tratou de iniciar uma conversa. Ela virava a sombrinha depressa e dava meias-voltas. Por uma ou duas vezes enquanto ele falava bem de perto ela riu e inclinou a cabeça.

Lenehan ficou observando por alguns minutos. Depois caminhou depressa ao longo das correntes até se afastar um pouco e atravessou a rua no sentido oblíquo. Ao se aproximar da esquina com a Hume Street percebeu que o ar estava perfumado e fez uma rápida e nervosa avaliação visual da aparência da jovem. Ela trajava roupas de domingo. A saia de sarja azul estava presa à cintura por um cinto de couro preto. A grande fivela prateada do cinto parecia apertar o centro do corpo, prendendo o material leve da blusa branca como um clipe. Ela usava uma jaqueta preta e curta com botões de madrepérola e um boá de plumas pretas. As pontas da gola de tule haviam sido desarrumadas com todo o cuidado e um grande maço de flores vermelhas estava preso ao colo, com os caules para cima. Os olhos de Lenehan perceberam com aprovação o corpo robusto e musculoso. O rosto tinha um aspecto rústico e saudável nas gordas bochechas vermelhas, nos olhos azuis e desavergonhados. Os traços do rosto eram fortes. Tinha narinas largas e uma boca torta que ficava aberta em um sorriso malicioso de satisfação com dois dentes saltados bem na frente. Quando ele passou Lenehan tirou o chapéu e, após cerca de dez segundos, Corley fez uma saudação para o ar. Ergueu a mão em um gesto vago e pensativo, mudando o ângulo do chapéu.

Lenehan caminhou até o Shelbourne Hotel, onde parou e esperou. Depois de uma breve espera viu os dois se aproximarem e, quando dobraram à direita, seguiu-os pisando de leve nos sapatos brancos por um dos lados de Merrion Square. Enquanto caminhava devagar, ajustando os passos ao ritmo dos dois, observava a cabeça de Corley, que se voltava o tempo inteiro para o rosto da jovem como uma grande bola presa a uma haste. Tomou cuidado para não perder o casal de vista até que os enxergasse subir os degraus do bonde para Donnybrook; então deu a volta e refez o caminho por onde havia chegado.

Quando ficou sozinho o rosto dele pareceu mais velho. A alegria deu a impressão de abandoná-lo e, quando chegou à balaustrada do Duke's Lawn, correu a mão ao longo do metal. A música do harpista passou a controlar seus movimentos. Os pés acolchoados tocavam a melodia enquanto as mãos dedilhavam uma escala de variações ao longo da balaustrada após cada grupo de notas.

Caminhou distraído em volta do Stephen's Green e desceu a Grafton Street. Embora o olhar percebesse muitos elementos da multidão pela qual passava, era uma percepção morosa. Lenehan achou trivial tudo o que poderia encantá-lo e não reagiu aos olhares que o convidavam a ser ousado. Sabia que teria de falar um bocado, inventar e entreter, e estava com a cabeça e a garganta secas demais para essa tarefa. O problema de como fazer as horas passarem até reencontrar Corley voltou a incomodá-lo um pouco. Não conseguia pensar em nenhum outro jeito a não ser continuar andando. Ele dobrou à esquerda quando chegou à esquina de Rutland Square e sentiu-se um pouco mais à vontade na rua escura e silenciosa, com uma aparência que se afinava a seu estado de espírito. Por fim deteve-se em frente à vitrine de um estabelecimento de aparência pobre acima do qual as palavras *Casa de Refrescos* vinham estampadas em letras brancas. Na vitrine havia duas inscrições esvoaçantes: *Ginger Beer* e *Ginger Ale*. Um presunto cortado estava exposto em um grande prato azul, e logo ao lado, em um pires, via-se a fatia de um levíssimo pudim de ameixas. Lenehan encarou a comida com seriedade por algum tempo e, depois de olhar exausto para cima e para baixo da rua, entrou depressa no estabelecimento.

Estava com fome porque, a não ser pelos biscoitos que havia pedido a dois garçons mal-humorados, não tinha comido nada desde o café da manhã. Sentou-se em uma mesa de madeira sem toalha em frente a duas jovens operárias e um mecânico. Uma garota vulgar o atendeu.

– Quanto custa um prato de ervilhas?, perguntou Lenehan.

– Três halfpence, senhor, respondeu a garota.

– Então me traga um prato de ervilhas e uma garrafa de ginger beer.

Lenehan fez o pedido de maneira ríspida para desmentir o ar de refinamento, pois a conversa havia parado quando entrou no bar. O rosto dele estava quente. Tentando parecer natural, empurrou o chapéu mais para trás na cabeça e apoiou os cotovelos na mesa. O mecânico e as duas operárias examinaram-no em detalhe antes de retomar a conversa em voz baixa. A garçonete trouxe-lhe um prato de ervilhas quentes, temperadas com pimenta e vinagre, um garfo e a ginger beer. Lenehan comeu com vontade e achou a comida tão boa que tomou uma nota mental da localização. Depois de comer todas as ervilhas bebericou a ginger beer e passou um tempo sentado pensando sobre a aventura de Corley. Imaginou o casal de amantes caminhando por uma rua escura; ouviu a voz de Corley fazendo profundos e entusiasmados galanteios e tornou a ver o sorriso malicioso na boca da jovem. Essa visão fez com que sentisse toda a intensidade da pobreza que lhe afligia a carteira e o espírito. Lenehan estava farto de ficar de um lado para o outro, de matar cachorro a grito, de artimanhas e intrigas. Completaria 21 anos em novembro. Será que nunca arranjará um emprego decente? Será que nunca teria uma casa própria? Pensou em como seria agradável ter uma lareira em frente à poltrona e uma mesa com o jantar posto. Já havia caminhado o bastante pelas ruas na companhia de amigos e garotas. Sabia o quanto valiam aqueles amigos; e também conhecia as garotas. A experiência havia tornado o coração amargo em relação ao mundo. Mas ainda restava esperança. Lenehan sentiu-se melhor depois de comer, menos farto da vida, com o espírito menos derrotado. Ainda havia tempo para sossegar em um cantinho aconchegante e levar uma vida feliz se ao menos conseguisse encontrar uma garota simples com um pé de meia feito.

Pagou dois pence e meio penny para a garçonete vulgar e saiu do estabelecimento para recomençar a caminhada errante. Entrou na Chapel Street e seguiu em direção à prefeitura. Depois entrou na Dame Street. Na esquina da George's Street encontrou dois amigos e parou para conversar um pouco. Alegrou-se ao ver que poderia descansar um pouco de toda aquela caminhada. Os amigos perguntaram se tinha visto Corley e quais eram as novidades. Lenehan respondeu que tinha passado o dia com Corley. Os amigos falaram muito pouco. Ficaram olhando distraídos para certas figuras no meio da multidão, fazendo às vezes um comentário

crítico. Um deles disse que tinha visto Mac uma hora atrás na Westmoreland Street. Lenehan disse que tinha estado com Mac na noite anterior no Egan's. O jovem que tinha visto Mac na Stephen's Green perguntou se era verdade que Mac tinha ganhado uns trocos em uma partida de bilhar. Lenehan não sabia: disse apenas que Holohan tinha pago as bebidas no Egan's.

Despediu-se dos amigos às quinze para as dez e subiu a George's Street. Dobrou à esquerda na altura do City Markets e entrou na Grafton Street. A multidão de moças e rapazes havia se dispersado e enquanto subia a rua ele ouviu muitos grupos e casais se despedindo. Seguiu até o relógio do College of Surgeons; eram dez horas. Então continuou apressado pelo lado norte do Stephen's Green, apertando o passo com medo de que Corley voltasse antes do combinado. Quando chegou à esquina da Merrion Street, parou à sombra de um poste de iluminação e pegou um dos cigarros guardados e o acendeu. Escorou-se no poste e manteve o olhar fixo no lugar onde esperava ver Corley e a garota reaparecerem.

Os pensamentos dele se agitaram mais uma vez. Pensou se Corley teria conseguido. Pensou se já teria feito o pedido ou se estaria esperando até o último instante. Sofreu com todas as agulhoadas e emoções da situação do amigo, bem como da própria situação. Porém a lembrança de Corley aos poucos o acalmou: tinha certeza de que Corley saberia cuidar de tudo. De repente lhe ocorreu que talvez Corley a tivesse levado até em casa e se escapulado. Lenehan percorreu toda a rua com o olhar: não havia nenhum sinal dos dois. Mesmo assim, fazia pelo menos meia hora desde que tinha avistado o relógio do College of Surgeons. Será que Corley faria uma coisa dessas? Acendeu o último cigarro e começou a fumar, nervoso. Apertava os olhos cada vez que um bonde parava na outra esquina do parque. Eles deviam ter ido para casa por outro caminho. O papel do cigarro rasgou-se e ele o atirou na rua com um palavrão.

De repente avistou os dois se aproximando. Teve um sobressalto de alegria e, sem se afastar do poste, tentou ler o resultado a partir da maneira como andavam. Os dois andavam depressa, a jovem dando passos curtos e ligeiros enquanto Corley a acompanhava com passadas longas. Pareciam estar em silêncio. Uma insinuação do resultado cortou-o como a ponta de um instrumento afiado. Sabia que Corley haveria de fracassar; sabia que não havia jeito.

Os dois entraram na Baggot Street e Lenehan começou a segui-los no mesmo instante, pelo outro caminho. Quando os dois pararam, ele também parou. Ficaram conversando por alguns instantes e logo a jovem desceu os degraus que davam para o terreno de uma residência. Corley ficou de pé junto à estradinha que conduzia até a casa, próximo aos degraus da entrada. Passaram-se alguns minutos. Depois a porta foi aberta devagar e com cautela. Uma mulher desceu os degraus da entrada correndo e tossiu. Corley se virou e foi em direção a ela. A figura avantajada ocultou-a por alguns instantes, mas logo ela reapareceu subindo os degraus às pressas. A porta se fechou mais uma vez e Corley começou a andar depressa rumo ao Stephen's Green.

Lenehan se apressou na mesma direção. Caíram alguns pingos de chuva. Ele interpretou aquilo como um aviso e, olhando para trás em direção à casa onde a jovem havia entrado para ter certeza de que não estava sendo seguido, correu o mais depressa que podia ao longo da rua. A ansiedade e a corrida vigorosa o deixaram sem fôlego. Então gritou:

– Ei, Corley!

Corley se virou para ver quem o chamava e continuou andando como antes. Lenehan correu atrás, ajeitando a capa de chuva nos ombros com uma das mãos.

– Ei, Corley!, gritou mais uma vez.

Em seguida alcançou o amigo e o encarou. Não conseguiu ver nada.

– E aí?, perguntou. Deu certo?

Os dois haviam chegado à esquina de Ely Place. Ainda sem responder, Corley dobrou à

esquerda e subiu a rua lateral. Tinha estampada no rosto uma expressão de tranquilidade austera. Lenehan continuou acompanhando o amigo com a respiração ofegante. Estava perplexo, e uma nota de ameaça insinuou-se em sua voz.

– Não vai me dizer?, perguntou. Você ao menos tentou?

Corley deteve o passo no primeiro poste de iluminação e lançou um olhar sinistro à frente. Então, com um gesto grave, estendeu a mão em direção à luz e, sorrindo, abriu-a devagar ante os olhos do discípulo. Uma pequena moeda dourada reluzia na palma.

Asra. Mooney era filha de um açougueiro. Sabia guardar as coisas para si: era uma mulher determinada. Tinha casado com o capataz do pai e aberto um açougue perto de Spring Gardens. Mas assim que o sogro morreu a vida do sr. Mooney começou a degingolar. Ele bebia, saqueava o caixa, se afundava em dívidas. Não resolvia nada lhe arrancar promessas: sempre as quebrava alguns dias mais tarde. Brigando com a esposa na frente dos fregueses e comprando carne ruim arruinou o negócio. Certa noite foi para cima da esposa com o cutelo e ela precisou dormir na casa de um vizinho.

A partir de então os dois começaram a viver separados. Ela procurou o padre e conseguiu a separação e a guarda das crianças. Recusou-se a dar dinheiro, comida ou alojamento ao ex-marido; e assim ele se viu obrigado a trabalhar como contínuo para o delegado. Era um bêbado corcunda e desleixado com um rosto pálido e um bigode branco e sobrancelhas brancas, desenhadas a lápis acima dos pequenos olhos cheios de veias rosadas e expostas; e passava o dia inteiro na sala do bailio, esperando por um serviço. A sra. Mooney, que havia usado o restante do dinheiro do açougue para abrir uma casa de pensão na Hardwicke Street, era uma mulher grande e imponente. A casa tinha uma população flutuante composta por turistas de Liverpool e da Ilha de Man e às vezes por *artistes* dos salões musicais. A população residente era composta por trabalhadores da cidade. Ela governava a pensão com astúcia e firmeza e sabia quando dar crédito, quando ser rígida e quando deixar as coisas passarem. Todos os jovens residentes chamavam-na de *madame*.

Os rapazes da sra. Mooney pagavam quinze xelins por semana pela hospedagem e pelas refeições (cerveja no jantar não inclusa). Tinham gostos e ocupações em comum, e por este motivo eram muito próximos uns dos outros. Sempre discutiam as chances dos favoritos e dos azarões. Jack Mooney, o filho da madame, que trabalhava em um escritório de corretagem na Fleet Street, tinha a fama de ser um caso complicado. Gostava de praguejar como um soldado, e muitas vezes chegava em casa de madrugada. Quando encontrava os amigos, sempre tinha uma boa história para contar e sempre tinha certeza de que estava prestes a se dar bem – o que em geral envolvia um cavalo ou uma *artiste*. Também sabia usar os punhos e cantava músicas cômicas. Nas noites de domingo muitas vezes havia reuniões na sala de estar da sra. Mooney. Os *artistes* dos salões musicais se apresentavam; e Sheridan tocava valsas e polcas e improvisava acompanhamentos. Polly Mooney, a filha da madame, também costumava cantar. Ela cantava:

*I'm a... naughty girl.
You needn't sham;
You know I am.*

Polly era uma moça esbelta de dezenove anos; tinha cabelos claros e macios e uma boquinha carnuda. Os olhos, que eram cinzentos com um brilho esverdeado, tinham o hábito de olhar para cima quando ela falava, o que lhe conferia um certo ar de madona teimosa. A princípio a sra. Mooney tinha mandado a filha para trabalhar como datilógrafa no escritório de um representante comercial de milho, mas a cada dois dias um dos homens do delegado, que tinha uma reputação nada elogiável, aparecia no escritório pedindo para trocar uma palavra com a filha do patrão, e assim ela resolveu trazer a filha de volta para casa e colocá-la para trabalhar com os afazeres domésticos. Como Polly estava sempre muito animada, a ideia era encarregá-la

de atender os rapazes. Além do mais, os rapazes gostam de saber que há uma moça por perto. Polly, é claro, flertava com os rapazes, mas a sra. Mooney, que era uma juíza arguta, sabia que os rapazes estavam apenas passando o tempo: nenhum deles levava aquilo a sério. As coisas seguiram assim por um bom tempo e a sra. Mooney começou a pensar em mandar Polly de volta para a datilografia quando notou que havia alguma coisa entre Polly e um dos rapazes. Começou a observar os dois e não falou nada.

Polly sabia que estava sendo observada, mas o silêncio persistente da mãe era uma mensagem clara. Não havia cumplicidade declarada entre mãe e filha, não havia compreensão declarada, mas a sra. Mooney não interveio nem quando os hóspedes da pensão começaram a comentar o assunto. Polly começou a agir de maneira um pouco estranha, e o rapaz estava visivelmente perturbado. Por fim, quando julgou ser o momento oportuno, a sra. Mooney interveio. Ela lidava com questões morais da mesma forma como um cutelo lida com a carne: e nesse caso estava decidida.

Era uma bela manhã de domingo no início do verão, que prometia calor apesar da brisa fresca que soprava. Todas as janelas da pensão estavam abertas e as cortinas de renda inflavam-se de leve em direção à rua por baixo das janelas levantadas. Do campanário da George's Church saíam badaladas constantes, e os fiéis, sozinhos ou em grupo, atravessavam o pequeno circo em frente à igreja, revelando a intenção que os movia não somente pela atitude contida como também pelos pequenos volumes que traziam nas mãos enluvadas. O café da manhã tinha se encerrado na casa de pensão, e a mesa estava coberta de pratos com listras amarelas de ovos e pedaços de gordura e de casca de toucinho. A sra. Mooney estava sentada na poltrona de palha, observando a criada Mary recolher as louças do café. Pediu a Mary que recolhesse as cascas e os farelos de pão para fazer o pudim de pão da terça-feira. Quando a mesa estava limpa e o pão recolhido, e o açúcar e a manteiga trancados a sete chaves, ela começou a reconstruir a conversa com Polly na noite anterior. As coisas eram como havia imaginado: tinha sido franca nas perguntas e Polly tinha sido franca nas respostas. As duas haviam ficado um pouco sem jeito, claro. Ela tinha ficado sem jeito por não querer receber a notícia de maneira cavalheiresca demais nem dar a impressão de ter participado da intriga, e Polly ficou sem jeito não apenas porque alusões daquele tipo sempre a deixavam sem jeito mas também porque não queria que pensassem que, em uma inocência astuta, tivesse adivinhado as intenções por trás da tolerância da mãe.

A sra. Mooney olhou instintivamente para o pequeno relógio dourado no consolo da lareira ao perceber, através do devaneio, que os sinos da George's Church haviam parado de soar. Eram 11h17: haveria tempo suficiente para tirar o assunto a limpo com o sr. Doran e depois ir à missa do meio-dia na Marlborough Street. Tinha certeza de que venceria. Para começar, tinha todo o peso da opinião pública a seu lado: era uma mãe indignada. Ela o havia recebido sob o teto da própria casa, imaginando que fosse um homem honrado, e ele tinha simplesmente abusado dessa hospitalidade. Ele tinha 34 ou 35 anos de idade, então a juventude não poderia ser usada como desculpa; tampouco a ignorância, uma vez que era um homem com uma boa experiência de vida. Tinha simplesmente se aproveitado da juventude e da inexperiência de Polly: isso era óbvio. A questão era: como pretendia reparar essa falta?

Uma reparação é sempre necessária em casos como esse. Para o homem é muito conveniente: ele pode ir embora como se nada tivesse acontecido depois de ter desfrutado um momento de prazer, porém a moça tem que arcar com as consequências. Certas mães ficariam satisfeitas se pudessem remediar a situação com uma soma em dinheiro; a própria sra. Mooney sabia de casos assim. Mas para ela não seria o suficiente. Para ela apenas uma reparação poderia compensar a perda da honra da filha: o casamento.

Contou todas as cartas mais uma vez antes de pedir que Mary subisse até o quarto do sr. Doran e dissesse que ela desejava conversar. Tinha certeza de que venceria. O sr. Doran era um rapaz sério, não um degenerado ou um falastrão como os outros. Se tivesse acontecido com o sr. Sheridan ou o sr. Meade ou Bantam Lyons, a tarefa seria muito mais difícil. A sra. Mooney achava que ele não encararia a publicidade. Todos os hóspedes da pensão sabiam alguma coisa sobre o caso; alguns tinham inventado detalhes. Além do mais, ele trabalhava há treze anos no escritório de um grande comerciante de vinhos católico, e qualquer publicidade talvez significasse a perda desse cargo. E se ele concordasse, tudo estaria bem. Ela sabia que ele ganhava uns bons trocados e suspeitava que tivesse economias guardadas.

Já eram quase trinta minutos passados! A sra. Mooney se levantou e se olhou no espelho da sala. Ao ver a expressão decisiva no amplo rosto corado deu-se por satisfeita e pensou em algumas mães que conhecia e que não encontravam jeito de se livrar das filhas.

O sr. Doran estava realmente muito ansioso naquela manhã de domingo. Tinha feito duas tentativas de se barbear, porém a mão estava tão trêmula que foi obrigado a desistir. A barba avermelhada de três dias emoldurava-lhe o rosto, e a cada dois ou três minutos um vapor se condensava nos óculos, de modo que se via obrigado a retirá-los e poli-los com o lenço que trazia no bolso. A lembrança da confissão feita na noite anterior era motivo de uma intensa dor; o padre tinha arrancado todos os ridículos detalhes relativos ao caso e no fim aumentou o pecado a tal ponto que ele quase agradeceu a chance de poder reparar a falta. O mal estava feito. O que mais poderia fazer senão casar-se ou fugir? Não havia como encarar aquela situação. Sem dúvida correriam boatos sobre o caso, e o patrão com certeza ficaria sabendo. Dublin é uma cidade pequena; todos sabem da vida dos outros. Sentiu o coração bater quente na garganta enquanto, na fantasia inflamada, ouvia o velho sr. Leonard dizendo com a voz rouca: *Peça ao sr. Doran que venha falar comigo, por favor.*

Todos os longos anos de serviço desperdiçados! Todo o esforço e toda a dedicação jogados no lixo! Na juventude tinha aprontado um bocado, claro; gabava-se de ser um livre-pensador e negava a existência de Deus na frente dos amigos e nos bares. Mas tudo isso era passado... ou quase. Ainda comprava o *Reynolds's Newspaper* toda semana, mas observava os deveres religiosos e durante nove décimos do ano levava uma vida regrada. Tinha dinheiro suficiente para sustentar-se; não era esse o problema. Mas a família a desprezaria. Para começar, o pai tinha má reputação, e como se não bastasse a pensão da mãe também começava a ser falada. Teve a impressão de que estavam lhe pregando uma peça. Imaginava os amigos discutindo o assunto e rindo. Ela *era* um pouco vulgar; às vezes dizia *Menas* e *Quando eu ir*. Mas de que importaria a gramática se realmente a amasse? Ele não conseguia decidir se gostava dela ou se a desprezava pelo que havia feito. Claro, ele tinha feito a mesma coisa. O instinto suplicava para que permanecesse livre, não para que casasse. Depois que você casa está tudo acabado, dizia.

Enquanto ele permanecia sentado sem saber o que fazer na lateral da cama trajando camisa e calças ela deu uma leve batida na porta e entrou. Contou-lhe tudo, que tinha aberto o coração para a mãe e que a mãe falaria com ele naquela manhã. Ela chorou e o abraçou, dizendo:

– Ah, Bob! Bob! O que eu vou fazer? O que eu posso fazer?

Ela disse que daria fim à própria vida.

Ele tentou oferecer algum consolo, pedindo que não chorasse e dizendo que tudo ia ficar bem, que não havia o que temer. Sentia contra o peito a agitação no seio dela.

Mas a culpa pelo que havia acontecido não era toda dele. Graças à paciente memória do celibatário, lembrava-se muito bem das primeiras carícias casuais que o vestido, a respiração e os dedos dela haviam lhe feito. Certa noite, enquanto ele tirava a roupa para se deitar ela bateu na

porta, tímida. Queria reacender uma vela apagada pelo vento. Era a noite do banho. Ela usava um penhoar aberto de flanela estampada. O arco do pé reluzia na abertura das pantufas fofas e o sangue corria quente por trás da pele fragrante. As mãos e os pulsos também soltaram um perfume suave enquanto ela acendia e firmava a vela.

Nas noites em que ele chegava tarde era ela quem esquentava o jantar. Ele mal sabia o que estava comendo quando os dois ficavam sozinhos à noite na casa adormecida. Quanta consideração! Se a noite estivesse fria ou úmida ou ventosa com certeza um copo de ponche estaria pronto quando chegasse. Talvez pudessem ser felizes juntos...

Os dois também costumavam subir as escadas juntos, na ponta dos pés, cada um com uma vela, e no terceiro patamar trocavam um boa-noite relutante. Costumavam se beijar. Ele lembrava muito bem dos olhos dela, do toque da mão e do delírio que sentia...

Mas o delírio passa. Repetiu a frase dela, aplicando-a a si mesmo: *O que eu vou fazer?* O instinto do celibato instigava-o a resistir. Mas o pecado fora cometido; o próprio sentimento de honra dizia que um pecado daqueles exigia reparação.

Enquanto estava sentado com ela no lado da cama Mary apareceu na porta e disse que a patroa gostaria de falar-lhe na sala de estar. Ele se levantou e vestiu o colete e o casaco, mais confuso do que nunca. Quando terminou de se vestir tentou mais uma vez oferecer algum consolo a ela. Tudo ficaria bem, não havia o que temer. Ela ficou chorando na cama e gemendo baixinho: *Ah meu Deus!*

Enquanto ele descia as escadas os óculos ficaram tão embaçados que foi preciso retirá-los para lhes dar polimento. Queria atravessar o teto e voar para outro país onde nunca mais fosse ouvir falar sobre esse problema, e mesmo assim uma força o arrastava escada abaixo, degrau após degrau. Os rostos implacáveis do patrão e da madame observavam aquela descompostura. No último lance de escadas ele passou por Jack Mooney, que estava vindo da dispensa com duas garrafas de *Bass*. Os dois trocaram um cumprimento frio; e os olhos do apaixonado fixaram-se por um ou dois instantes em uma cara achatada de buldogue e em um par de braços atarracados. Quando chegou ao pé da escada ele olhou para cima e viu que Jack o observava de uma porta.

De repente lembrou-se da noite em que um dos *artistes* dos salões musicais, um loirinho de Londres, fez uma alusão um tanto liberal em relação a Polly. A reunião quase foi interrompida por conta da violenta reação de Jack. Todos tentaram acalmá-lo. O *artista* dos salões musicais, um pouco mais pálido do que o normal, continuou a sorrir e a dizer que não tinha falado por mal; mas Jack continuou a gritar que se alguém tentasse aquele tipo de coisa *com a irmã dele* ele com certeza faria o sujeito engolir os próprios dentes, ah se faria.

* * *

Polly ficou um tempo sentada na beira da cama, chorando. Depois enxugou as lágrimas e foi até o espelho. Molhou a ponta da toalha na jarra d'água e lavou os olhos com a água fria. Olhou-se de perfil e ajustou um alfinete de cabelo acima da orelha. Em seguida ela voltou e sentou-se no pé da cama. Ficou olhando os travesseiros por um bom tempo, e aquela visão despertou agradáveis memórias secretas. Ela recostou a nuca contra o metal frio do estrado e começou a devanear. Não havia mais nenhuma perturbação visível em seu rosto.

Esperou com paciência, quase com alegria, sem nenhuma apreensão à medida que as memórias davam lugar à esperança e a visões do futuro. As esperanças e as visões eram tão complexas que ela já não enxergava mais os travesseiros brancos em que tinha o olhar fixo e tampouco lembrava que estava esperando qualquer coisa.

Por fim ouviu o chamado da mãe. Pôs-se de pé e correu até os corrimãos.

– Polly! Polly!

– Pois não, mamãe?

– Desça, querida. O sr. Doran quer falar com você.

Nesse instante ela lembrou o que estava esperando.

Oito anos atrás tinha se despedido do amigo na North Wall e desejado sucesso. Gallaher tinha se dado bem. Dava para ver no ar viajado, no elegante terno de tweed e no sotaque destemido. Poucos tinham um talento parecido, e menos pessoas ainda conseguiam lidar com tamanho sucesso. O coração de Gallaher estava no lugar certo e a vitória fora merecida. Era uma experiência e tanto ter um amigo assim.

Desde a hora do almoço os pensamentos do Pequeno Chandler estavam voltados para o encontro com Gallaher, para o convite de Gallaher e para a grande cidade de Londres onde Gallaher morava. Chamava-se Pequeno Chandler porque, embora tivesse uma estatura apenas um pouco menor do que a média, dava a impressão de ser um homem pequeno. Tinha mãos brancas e pequenas, porte frágil, voz baixa e modos refinados. Tomava o maior cuidado com o bigode e os cabelos claros e sedosos e usava um discreto perfume no lenço. As meias-luas das unhas estavam sempre impecáveis e quando ele sorria dava para ver uma fileira de dentes brancos e infantis.

Sentado junto à escrivaninha na King's Inns, pensava sobre as mudanças que esses oito anos haviam trazido. O amigo que tinha conhecido sob uma aparência de desleixo e penúria havia se tornado uma figura brilhante da imprensa londrina. Cansado de escrever, muitas vezes o Pequeno Chandler desviava os olhos do papel e olhava para fora da janela. O brilho de um pôr do sol de outono cobria os gramados e as calçadas. Derramava uma espécie de pó dourado em cima das governantas desalinhas e dos velhos decrépitos que cochilavam nos bancos; cintilava em todas as figuras que se moviam – nas crianças que passavam gritando pelas estradinhas de cascalho e em todos os que atravessavam os jardins. Ele ficou observando a cena e pensando na vida; e então (como sempre acontecia quando pensava na vida) ficou triste. Uma suave melancolia o invadiu. Sentiu que era inútil lutar contra o destino, sendo esse o fardo de sabedoria que a história lhe havia legado.

Pensou nos livros de poesia que tinha nas prateleiras em casa. Havia-os comprado na época de solteiro e em vários entardeceres, sentado na saleta que dava para o corredor, sentira vontade de tirar um volume da prateleira e ler alguma coisa para a esposa. Mas a timidez sempre o impedia; e assim os livros haviam ficado nas prateleiras. Às vezes repetia os versos para si mesmo, e isso o consolava.

Quando a hora chegou, levantou-se e se despediu meticulosamente da escrivaninha e dos colegas. Emergiu sob o arco feudal da King's Inns como uma figura modesta e elegante e desceu a Henrietta Street às pressas. O pôr do sol dourado começava a desaparecer e o ar estava cortante. Uma horda de crianças imundas ocupava a rua. Ficavam paradas ou corriam pela rua ou se arrastavam pelos degraus em frente às portas escancaradas ou acocoravam-se como ratos nas soleiras. O Pequeno Chandler não lhes deu atenção. Seguiu adiante com desenvoltura em meio a toda aquela infima vida sórdida e à sombra das lúgubres mansões espectrais que tinham abrigado as pândegas da antiga nobreza de Dublin. Nenhuma memória do passado o afligia, pois estava tomado pela alegria do presente.

Nunca tinha estado no Corless's, mas conhecia o valor desse nome. Sabia que as pessoas iam para lá depois do teatro para comer ostras e tomar licores; e tinha ouvido dizer que os garçons falavam francês e alemão. Durante as rápidas caminhadas noturnas, tinha visto coches pararem em frente à porta para que damas suntuosamente vestidas, acompanhadas por cavalheiros, apeassem e entrassem às pressas. Elas usavam vestidos espalhafatosos e muitas

camadas de tecido. Tinham o rosto empoado e seguravam os vestidos quando tocavam a terra, como Atalantas desesperadas. O Pequeno Chandler sempre havia passado sem olhar para trás. Tinha o hábito de caminhar depressa pela rua mesmo durante o dia e sempre que estava na cidade à noite apertava o passo, cheio de apreensão e entusiasmo. Às vezes, no entanto, cortejava as causas do medo que sentia. Escolhia as ruas mais escuras e mais estreitas e, enquanto seguia corajosamente pelo caminho, o silêncio que se espalhava ao redor das passadas o perturbava, as figuras errantes o perturbavam; e às vezes o som de uma grave risada fugaz punha-o a tremer como vara verde.

Dobrou à direita, em direção à Capel Street. Ignatius Gallaher na imprensa londrina! Quem teria imaginado uma coisa dessas oito anos atrás? Mesmo assim, ao reexaminar o passado, o Pequeno Chandler percebeu vários sinais da futura grandeza do amigo. As pessoas costumavam dizer que Ignatius Gallaher era louco. Claro, na época ele se dava com um grupo de degenerados, bebia à vontade e pedia dinheiro emprestado por toda parte. No fim acabou se envolvendo em algum negócio escuso, alguma transação financeira: pelo menos essa era uma das versões para explicar a fuga. Mas ninguém negava que fosse talentoso. Sempre havia um certo... um certo quê em Ignatius Gallaher que impressionava as pessoas, por menos impressionáveis que fossem. Mesmo quando estava na sarjeta e desesperado por dinheiro, mantinha uma expressão decidida no rosto. O Pequeno Chandler se lembrou (e a lembrança estampou-lhe um discreto orgulho no semblante) de uma frase que Ignatius Gallaher costumava dizer quando estava em apuros:

– Vamos fazer um intervalo agora, rapazes, costumava dizer em tom de brincadeira. Onde está o meu chapéu pensador?

Esse era Ignatius Gallaher; e, poxa vida, não havia com não o admirar por ser assim.

O Pequeno Chandler apertou o passo. Pela primeira vez na vida sentia estar acima das pessoas por quem passava. Pela primeira vez na vida a alma se revoltava contra a deselegância estéril da Capel Street. Não havia dúvida: para obter sucesso era preciso ir embora. Não havia o que fazer em Dublin. Enquanto atravessava a Grattan Bridge, olhou para o rio em direção aos cais e sentiu pena dos casebres miseráveis. Pareciam um bando de mendigos amontoados ao longo da margem, com os velhos casacos cobertos pelo pó e pela fuligem, atordoados pela visão do pôr do sol e esperando que o primeiro vento frio da noite os obrigasse a se levantar, sacudir-se e ir embora. Pensou se conseguiria escrever um poema para expressar essa ideia. Talvez Gallaher conseguisse publicá-lo em algum jornal de Londres. Será que era capaz de escrever algo original? Não tinha certeza quanto à ideia que desejava expressar, mas o pensamento de que havia sido tocado por um momento poético ganhou vida como uma esperança infantil. Seguiu adiante com bravura.

A cada passo ficava mais perto de Londres, mais longe daquela vida sóbria e inartística. Uma luz começou a tremular no horizonte de seus pensamentos. Ele não era velho demais – tinha 32 anos. O temperamento estava no ponto exato da maturidade. Havia tantos estados de espírito e impressões diferentes que gostaria de expressar em verso! Sentia-os dentro de si. Tentou avaliar o peso da própria alma para ver se era a alma de um poeta. A nota dominante era a melancolia, pensou, mas uma melancolia temperada por intercorrências de fé e resignação e simples alegria. Se conseguisse dar expressão a esses sentimentos em um livro de poemas, talvez o escutassem. Nunca seria popular: disso tinha certeza. Não poderia cair no gosto das multidões, mas talvez pudesse agradar a um pequeno círculo de espíritos afins. Os críticos ingleses talvez o reconhecessem como integrante da escola celta devido ao tom melancólico dos poemas; e trataria de incluir alusões. Começou a inventar frases e comentários das resenhas que o livro receberia. *O sr. Chandler tem o dom do verso fácil e gracioso... Uma tristeza contemplativa*

permeia os poemas... A nota celta. Era uma pena que não tivesse um nome mais irlandês. Talvez fosse melhor incluir o nome da mãe antes do sobrenome: Thomas Malone Chandler, ou, melhor ainda: T. Malone Chandler. Falaria com Gallaher a respeito.

Entregou-se ao devaneio com tamanho arrebatamento que passou da rua e precisou voltar. À medida que se aproximava do Corless's o nervosismo anterior começou a dominá-lo e ele parou diante da porta sem saber o que fazer. Por fim abriu a porta e entrou.

A luz e o barulho que vinham do bar mantiveram-no junto à entrada por alguns instantes. Correu os olhos ao redor, mas teve apenas uma visão confusa devido ao brilho de tantas taças vermelhas e verdes. O bar parecia estar cheio, e ele percebeu que as pessoas o observavam com certa curiosidade. Olhou depressa para a esquerda e para a direita (franzindo um pouco a testa para dar um ar de seriedade ao gesto), mas quando conseguiu enxergar melhor viu que ninguém tinha se virado: e lá, conforme o esperado, estava Ignatius Gallaher, escorado no balcão com os pés afastados um do outro.

– Aí está você, Tommy, meu velho! O que vai ser? O que você quer beber? Eu estou bebendo uísque: é melhor do que o que servem quando você atravessa o mar. Refrigerante? Água com gás? Sem água? Eu também prefiro assim. A água estraga o sabor... Garçom, nos traga duas doses de uísque de malte, faça a gentileza... Mas me conte, como você tem se virado desde a última vez que nos vimos? Meu Deus, como estamos ficando velhos! Você percebe algum sinal da idade em mim – hein? Algum cabelo branco – hein?

Ignatius Gallaher tirou o chapéu e revelou uma cabeça grande e com cabelos cortados bem rente. Tinha o rosto pesado, pálido e barbeado. Os olhos, que tinham a coloração azulada da ardósia, aliviavam a palidez doentia e destacavam-se acima da vívida gravata laranja que estava usando. Entre esses dois detalhes rivais, os lábios pareciam muito longos e informes e incolores. Ele inclinou a cabeça e passou dois dedos solidários no cabelo ralo que crescia no topo da cabeça. O Pequeno Chandler fez um gesto negativo com a cabeça. Ignatius Gallaher recolocou o chapéu.

– Acaba com você, a vida em uma redação. Você passa o tempo inteiro com pressa procurando uma cópia disso ou daquilo e às vezes nem encontra: e sempre tem alguma novidade no meio das suas *coisas*. Quero distância dessas porcarias de provas e de tipógrafos por alguns dias. Estou feliz pra burro, sabe, de voltar para a minha terra. Faz bem tirar umas férias de vez em quando. Me sinto muito melhor desde que desembarquei na velha e imunda Dublin... Mas aí está você, Tommy. Água? Me avisa quando der.

O Pequeno Chandler deixou que o amigo diluísse bastante o uísque.

– Você não sabe o que é bom, meu velho, disse Ignatius Gallaher. Eu bebo o meu puro.

– Não estou acostumado a beber, disse o Pequeno Chandler com modéstia. Às vezes uma dose quando encontro a turma das antigas: nada mais.

– Ah, disse Ignatius Gallaher com alegria na voz, um brinde a nós e aos velhos tempos e à nossa velha amizade!

Os dois tocaram os copos e beberam.

– Encontrei um pessoal das antigas hoje, disse Ignatius Gallaher. Parece que o O'Hara não está nada bem. O que ele anda fazendo?

– Nada, respondeu o Pequeno Chandler. Está jogado às traças.

– Mas o Hogan se deu bem, não?

– É; ele trabalha na Comissão de Reforma Agrária.

– Nos encontramos uma noite em Londres e ele parecia estar por cima da carne seca... Mas coitado do O'Hara! Foi a bebida?

– E outras coisas mais, acrescentou o Pequeno Chandler.

Ignatius Gallaher deu uma risada.

– Tommy, você não mudou um átomo, disse. Continua sendo o mesmo sujeito sério que costumava me dar sermões nas manhãs de domingo quando eu estava com dor de cabeça ou com a língua enrolada. Você precisava ver um pouco mais do mundo. Nunca esteve em outro lugar, nem que fosse em uma viagem?

– Eu visitei a Ilha de Man, disse o Pequeno Chandler.

Ignatius Gallaher deu uma risada.

– A Ilha de Man!, repetiu. Vá para Londres ou Paris; de preferência Paris. Faria bem para você.

– Você esteve em Paris?

– Pelo que me consta! Passei um tempo por lá.

– E a cidade é mesmo tão bonita como todo mundo diz?, perguntou o Pequeno Chandler.

Ele bebericou o uísque enquanto Ignatius Gallaher terminava de entornar o copo com gosto.

– Bonita?, repetiu Ignatius Gallaher, fazendo uma pausa por conta da palavra e do sabor da bebida. Não é tão bonita assim, sabe? Claro, é bonita... Mas é a vida de Paris; é disso que as pessoas falam. Ah, não existe outra cidade como Paris para a alegria, a agitação, o entusiasmo...

O Pequeno Chandler terminou o uísque e, com alguma dificuldade, conseguiu chamar a atenção do garçom. Repetiu o pedido.

– Eu estive no Moulin Rouge, continuou Ignatius Gallaher enquanto o barman retirava os copos, e em todos os cafés boêmios. É uma loucura! Mas não para um sujeito carola que nem você, Tommy.

O Pequeno Chandler não disse nada até que o barman voltasse com os dois copos: então tocou o copo do amigo de leve e retribuiu o brinde anterior. Estava começando a se desiludir um pouco. O sotaque e a maneira de se expressar de Gallaher não o agradavam. O amigo tinha algo de vulgar que ele nunca tinha percebido antes. Mas talvez fosse apenas o resultado de viver em Londres, em meio ao agito e à competição na imprensa londrina. O velho encanto pessoal continuava lá por baixo das novas maneiras espalhafatosas. E, afinal de contas, Gallaher tinha vivido, tinha visto o mundo. O Pequeno Chandler olhou para o amigo com inveja.

– Tudo em Paris é alegre, disse Ignatius Gallaher. Lá as pessoas acreditam em aproveitar a vida; e você não acha que elas estão certas? Se quiser se divertir em grande estilo você precisa ir a Paris. E, veja bem, as pessoas adoram os irlandeses por lá! Quando descobriram que eu era da Irlanda só faltou me pegarem no colo.

O Pequeno Chandler tomou quatro ou cinco goles do copo.

– Me conte, é verdade que Paris é tão... imoral quanto dizem?

Ignatius Gallaher fez um gesto católico com o braço direito.

– Todos os lugares são imorais, respondeu. Claro que existem lugares licenciosos em Paris. As festas dos estudantes, por exemplo. Sempre fica bem animado, digamos, quando as *cocottes* começam a se soltar. Mas acho que você sabe o que elas são?

– Já ouvi falar a respeito, disse o Pequeno Chandler.

Ignatius Gallaher terminou de beber o uísque e balançou a cabeça.

– Ah, pode dizer o que você quiser. Não existe mulher como a *Parisienne* – para o estilo, para a disposição.

– Mas então é uma cidade imoral, disse o Pequeno Chandler, em uma insistência tímida, se comparada a Londres ou a Dublin?

– Londres!, exclamou Ignatius Gallaher. É trocar seis por meia dúzia. Pergunte ao Hogan, meu velho. Eu o levei para dar umas voltas em Londres quando ele estava lá. Ele poderia abrir os seus olhos... Ah, Tommy, não transforme esse uísque em ponche: beba direito!

– Não, é sério...

– Ora, vamos lá, mais um não vai fazer mal. O que vai ser? Mais uma dose, imagino?

– Hm... está bem.

– *François*, mais uma dose... Quer fumar, Tommy?

Ignatius Gallaher pegou um estojo de charutos. Os dois amigos acenderam os charutos e soltaram baforadas em silêncio até que as bebidas chegassem.

– Vou dizer o que eu penso, disse Ignatius Gallaher enquanto emergia das nuvens de fumaça em que tinha se escondido; o mundo é esquisito. Por exemplo, a imoralidade! Eu já ouvi falar de – o que eu estou dizendo? – eu já estive envolvido nesses casos de... imoralidade...

Ignatius Gallaher continuou soltando baforadas pensativo e então, no tom calmo de um historiador, esboçou para o amigo algumas cenas da depravação que assolava os outros países. Resumiu os vícios de diversas capitais e parecia disposto a entregar o troféu a Berlim. Não podia ter certeza quanto a certas coisas (os amigos lhe haviam contado), porém tinha vivenciado outras em primeira mão. Não poupou nenhuma posição ou casta. Revelou muitos dos segredos dos estabelecimentos religiosos no continente e descreveu algumas das práticas em voga na alta sociedade e encerrou contando, em detalhe, a história de uma duquesa inglesa – uma história que sabia ser verídica. O Pequeno Chandler ficou espantado.

– Mas, enfim, disse Ignatius Gallaher, cá estamos nós na boa e velha Dublin onde todas essas coisas são desconhecidas.

– Aqui deve ser bem aborrecido para você depois de todos os outros lugares que você viu!, disse o Pequeno Chandler.

– Bem, disse Ignatius Gallaher, na verdade é relaxante vir para cá, sabe? E afinal aqui é a minha terra, como se costuma dizer, não é mesmo? Não dá para escapar de um certo apego. É a natureza humana... Mas me fale um pouco sobre você. O Hogan me disse que você tinha... fruído o êxtase da alegria conjugal. Faz dois anos, não?

O Pequeno Chandler enrubescou e sorriu.

– É verdade, respondeu. Em maio passado fez um ano que eu casei.

– Espero que não seja tarde demais para que eu deseje felicidades, disse Ignatius Gallaher. Eu não tinha o seu endereço, senão teria mandado cumprimentos na época.

Ele estendeu a mão, e o Pequeno Chandler apertou-a.

– Bem, Tommy, desejo tudo de bom para você e para a sua família, meu velho, e quilos de dinheiro, e que você não morra enquanto eu não lhe der um tiro. E esses são os desejos de um amigo sincero, de um amigo das antigas. Sabia?

– Eu sei, disse o Pequeno Chandler.

– E os filhos?, perguntou Ignatius Gallaher.

O Pequeno Chandler enrubescou mais uma vez.

– Tivemos um, respondeu.

– Menino ou menina?

– Um menininho.

Ignatius Gallaher deu um sonoro tapa nas costas do amigo.

– Bravo!, disse; eu sabia que você não me decepcionaria, Tommy.

O Pequeno Chandler sorriu, olhou um pouco confuso para o copo e mordeu o lábio inferior com três dentes frontais brancos e infantis.

– Espero que você passe uma noite com a gente antes de ir embora, disse. A minha esposa adora conhecer você. Podemos ouvir um pouco de música e –

– Muito obrigado, meu velho, disse Ignatius Gallaher; é uma pena que a gente não tenha se encontrado antes. Mas eu preciso ir embora amanhã à noite.

– Quem sabe hoje à noite...?

– Me desculpe, meu velho. Eu estou hospedado na casa de um amigo, um outro sujeito jovem e esperto como você, e já combinamos um carteadinho. Se eu pudesse...

– Bom, então...

– Mas quem sabe?, disse Ignatius Gallaher cheio de consideração. No ano que vem de repente eu apareço por aqui, agora que já quebrei o gelo. Foi um prazer adiado.

– Muito bem então, disse o Pequeno Chandler; na próxima vez que você vier nós vamos passar uma noite juntos. Estamos combinados?

– Claro, estamos combinados, respondeu Ignatius Gallaher. Eu volto no ano que vem, *parole d'honneur*.

– Então agora nós vamos tomar mais uma para selar o acordo, disse o Pequeno Chandler.

Ignatius Gallaher tirou do bolso um grande relógio dourado e olhou para o mostrador.

– É a última?, perguntou. Porque, sabe como é, eu tenho que conferir uma prova.

– Ah, com certeza, disse o Pequeno Chandler.

– Muito bem, então, disse Ignatius Gallaher, vamos tomar mais um *deoc an doruis* – acho que isso é vernáculo para um trago de uísque.

O Pequeno Chandler pediu as bebidas. O rubor que lhe havia subido ao rosto alguns momentos atrás estava voltando. Qualquer coisa o fazia enrubescer: e naquele instante o Pequeno Chandler sentia calor e empolgação. Três pequenas doses de uísque lhe haviam subido à cabeça e o charuto forte de Gallaher havia lhe confundido as ideias, pois era delicado e abstinência. A aventura de encontrar Gallaher depois de oito anos, de estar com Gallaher no Corless's cercado por luzes e barulhos, de ouvir as histórias de Gallaher e de compartilhar por um breve instante a vida errante e triunfal de Gallaher perturbou o equilíbrio de sua natureza sensível. Ele percebeu o forte contraste entre a própria vida e a vida do amigo, e aquilo pareceu-lhe injusto. Gallaher vinha de um berço e de uma formação inferiores. O Pequeno Chandler tinha certeza de que poderia fazer melhor do que o amigo jamais havia feito ou jamais seria capaz de fazer, algo mais nobre do que mero jornalismo barato, se ao menos tivesse uma chance. Mas o que o impedia? Aquela timidez ingrata! O Pequeno Chandler queria se vingar de alguma forma, afirmar a própria masculinidade. Percebeu o que estava por trás da recusa de Gallaher. Gallaher estava apenas bajulando o amigo com uma gentileza, da mesma forma como estava bajulando a Irlanda com aquela visita.

O barman trouxe as bebidas. O Pequeno Chandler empurrou um copo na direção do amigo e pegou o outro com um gesto determinado.

– Quem sabe?, disse enquanto os dois erguiam os copos. Quando você voltar no ano que vem talvez eu tenha o prazer de brindar à saúde do sr. e da sra. Gallaher.

Enquanto bebia, Ignatius Gallaher piscou o olho de maneira expressiva por cima da borda do copo. Quando terminou de beber, estalou os lábios, largou o copo em cima da mesa e disse:

– Nem que a vaca tussa, meu velho. Ainda quero curtir a vida e ver o mundo antes de dar o pescoço à corda – se é que um dia eu vou fazer isso.

– Com certeza, disse o Pequeno Chandler.

Ignatius Gallaher virou a gravata cor de laranja e os olhos cor de ardósia em direção ao rosto do amigo.

– Você acha mesmo?, perguntou.

– Você vai dar o pescoço à corda, repetiu o Pequeno Chandler com convicção, se encontrar a garota certa, como todo mundo.

Falou com uma ênfase um pouco exagerada e percebeu que havia se traído; mas, embora o rubor tivesse aumentado, não evitou o olhar do amigo. Ignatius Gallaher observou-o por mais alguns instantes e então falou:

– Mesmo que aconteça, pode apostar que vai ser sem nenhuma pieguice e nenhum sentimentalismo. Pretendo me casar com dinheiro. Ela precisa ter uma conta bem gorda no banco ou então não serve.

O Pequeno Chandler balançou a cabeça.

– Ah, criatura de Deus, disse Ignatius Gallaher com veemência, sabe o que é? Eu só preciso dizer a palavra mágica e amanhã mesmo posso ficar com a mulher e o dinheiro. Você não acredita? Bom, é verdade. Existem centenas – o que estou dizendo? – existem milhares de alemãs e judias podres de rica que adorariam... Espere só mais um pouco, meu velho. Veja se não vou jogar bem as minhas cartas. Fique sabendo que quando eu me meto em alguma coisa é para valer. É só você esperar um pouco.

Gallaher levou o copo à boca, terminou a bebida e deu uma sonora risada. Em seguida olhou pensativo para frente e disse, um pouco mais calmo:

– Mas eu não tenho pressa. Elas podem esperar. Não pretendo me amarrar a mulher nenhuma, sabe?

Ele fez com a boca um gesto como se estivesse provando alguma coisa e torceu a cara.

– Acho que deve ser muito enjoativo, disse.

* * *

O Pequeno Chandler estava sentado na saleta que dava para o corredor, segurando uma criança nos braços. Para economizar dinheiro não tinha nenhuma criada, porém Monica, a irmã mais nova de Annie, aparecia por cerca de uma hora pela manhã e uma hora à tarde para ajudar. Mas Monica tinha ido para casa há muito tempo. Eram quinze para as nove. O Pequeno Chandler tinha chegado tarde para o jantar e, além do mais, tinha esquecido de levar para Annie o pacote de café da Bewley's. Claro que ela estava de mau humor e lacônica. Disse que não jantaria, mas quando a loja da esquina estava quase fechando decidiu sair por conta própria para comprar cem gramas de chá e um quilo de açúcar. Ela pôs a criança adormecida nos braços do marido e disse:

– Tome. Não o acorde.

Havia um abajur com uma pequena cúpula branca de porcelana em cima da mesa, e a luz se projetava em uma fotografia envolta por uma moldura de chifre. Era um retrato de Annie. O Pequeno Chandler olhou para a fotografia e se deteve nos lábios finos e apertados. Ela trajava a blusa azul de verão que havia lhe dado de presente em um sábado. Tinha custado dez xelins e onze pence; mas que agonia de nervosismo também havia custado! Como tinha sofrido naquele dia, esperando na porta até que a loja esvaziasse, aguardando no balcão e tentando parecer tranquilo enquanto a vendedora empilhava blusas femininas, pagando no caixa e esquecendo de pegar o penny de troco, sendo chamado de volta ao caixa e, finalmente, tentando esconder o rubor ao sair da loja enquanto fingia examinar o pacote para ver se estava bem amarrado. Quando chegou com a blusa em casa Annie o beijou e disse que era muito bonita e elegante; mas quando soube quanto havia custado ela jogou a blusa em cima da mesa e disse que era um roubo cobrar dez xelins e onze pence por aquilo. No início ela quis devolver a peça, mas depois de experimentá-la ficou encantada, em especial com as mangas, e então o beijou e agradeceu por ter pensado nela.

Hm...!

Ele encarou os olhos da fotografia, que o encaravam de volta com uma expressão fria. Com certeza eram bonitos e o rosto em si também era bonito. Mas pareciam maus. Por que o retrato parecia tão distraído e feminino? A compostura dos olhos o irritava. Repeliu-o e

desafiavam-no; não havia paixão, não havia êxtase naquele olhar. Ele pensou no que Gallaher havia dito sobre judias ricas. Aqueles olhos escuros e orientais, pensou, quanta paixão, quanto desejo de volúpia...! Por que havia casado com os olhos na fotografia?

Pegou-se refletindo sobre a questão e olhou nervoso ao redor. Percebeu algo de sinistro na mobília graciosa que havia comprado a prestação para a casa. A própria Annie tinha escolhido os móveis, que o fizeram pensar nela. A mobília também era muito bonita e muito elegante. Um ressentimento vago em relação à vida despertou na alma dele. Será que não poderia escapar daquela casinha? Será que era tarde demais para tentar viver uma vida de bravura como a de Gallaher? Será que poderia ir para Londres? Ainda faltava pagar a mobília. Se conseguisse escrever e publicar um livro, talvez algumas portas se abrissem.

Um volume dos poemas de Byron estava aberto em cima da mesa. Abriu as páginas de leve com a mão esquerda para não acordar o filho e começou a ler o primeiro poema do livro:

*Os ventos se calam co'a tarde escura;
O Zéfiro não roça folha ou ramo
Quando leio "Margaret" na sepultura
E espalho flores na terra que amo.*

Nesse ponto se deteve. Sentiu o ritmo do verso por toda a saleta. Quanta melancolia! Será que também conseguiria escrever daquela forma, expressar a melancolia da própria alma em verso? Queria descrever muitas coisas: a sensação de passar algumas horas diante da Grattan Bridge, por exemplo. Se conseguisse recriar aquele estado de espírito...

O menino acordou e começou a chorar. O Pequeno Chandler virou a página e tentou acalmá-lo, mas o filho não se acalmou. Começou então a embalar o menino nos braços, mas o choro ficou ainda mais forte. Embalou-o mais depressa enquanto os olhos começaram a ler a segunda estrofe:

*No estreito túbulo repousa o corpo,
O corpo que outrora...*

Era inútil. Não conseguia ler. Não conseguia fazer nada. O choro do menino furava-lhe os tímpanos. Era inútil, inútil! Ele era um prisioneiro da vida. Os braços começaram a tremer de raiva e de repente ele se inclinou em direção ao rosto do filho e gritou:

– Chega!

O menino conteve o choro por um instante, teve um espasmo de medo e começou a gritar. O Pequeno Chandler pulou da cadeira e caminhou apressado de um lado para o outro na saleta com o filho nos braços. O menino soltava soluços comoventes, ficava sem fôlego por quatro ou cinco segundos e em seguida começava outra vez. As finas paredes da saleta ecoavam o som. Ele tentou acalmar o menino, porém os soluços tornaram-se ainda mais convulsivos. Olhou para o rosto contraído e trêmulo do filho e começou a se preocupar. Contou sete soluços sem nenhum intervalo entre um e outro e apertou o menino contra o peito, apavorado. Se ele morresse...!

A porta se abriu de repente e uma jovem entrou correndo e ofegando.

– O que houve? O que houve?, perguntava.

O menino, ao ouvir a voz da mãe, explodiu em um paroxismo de choro.

– Não foi nada, Annie... não foi nada... Ele começou a chorar...

Ela atirou os pacotes no chão e agarrou o menino.

– O que você fez com ele?, gritou, encarando-o nos olhos.

O Pequeno Chandler resistiu àquele olhar por um instante e sentiu o coração fechar-se ao constatar o ódio que encerrava. Começou a balbuciar:

– Não foi nada... Ele... ele começou a chorar... Eu não consegui... Eu não fiz nada... Como?

Sem prestar nenhuma atenção ela começou a andar de um lado para o outro, abraçando o filho e murmurando:

– Meu homenzinho! Meu homenzito! Ficou com medo, querido...? Calma, querido! Calma...! *Lambabaun!* Cordeirinho da mamãe...! Calma!

O Pequeno Chandler sentiu o rosto se encher de vergonha e afastou-se da luz. Escutou enquanto o paroxismo de choro se acalmava; e lágrimas de remorso encheram-lhe os olhos.

PARTES COMPLEMENTARES

Acampainha soou com fúria e, quando a sra. Parker foi até o tubo de comunicação, uma voz furiosa gritou em um carregado sotaque do norte da Irlanda:

– Mande o Farrington para cá!

A sra. Parker voltou para a máquina e disse a um homem que estava trabalhando em uma escrivaninha:

– O sr. Alleyne quer falar com você no andar de cima.

O homem balbuciou *Maldição!* e empurrou a cadeira para trás a fim de se levantar. Quando se levantava, era um homem alto e corpulento. Tinha um rosto flácido, da cor de vinho escuro, com sobrancelhas e bigode claros: os olhos eram um pouco esbugalhados e a parte branca era suja. Levantou o balcão e, depois de passar pelos clientes, saiu do escritório com passos pesados.

Subiu pesadamente a escada até chegar ao segundo patamar, onde uma porta ostentava uma placa de latão com a inscrição *Sr. Alleyne*. Nesse ponto deteve-se, resfolegando por conta do esforço e da irritação, e bateu. A voz estridente gritou:

– Entre!

O homem entrou na sala do sr. Alleyne. Ao mesmo tempo o sr. Alleyne, um homenzinho com óculos de armação dourada e rosto barbeado, ergueu a cabeça por cima de uma pilha de documentos. A cabeça era tão rosada e tão calva que mais parecia um ovo repousando em cima dos papéis. O sr. Alleyne não perdeu um instante sequer:

– Farrington? O que significa isso? Por que eu sempre preciso reclamar do senhor? Posso perguntar por que o senhor não providenciou uma cópia daquele contrato entre o Bodley e o Kirwan? Eu avisei que aquilo tinha que estar pronto às quatro horas.

– Mas, senhor, o sr. Shelley disse que –

– *Senhor, o sr. Shelley disse que...* Faça a gentileza de prestar atenção ao que eu digo e não ao que *o sr. Shelley disse, senhor*. O senhor sempre encontra uma ou outra desculpa para não trabalhar. Fique sabendo que se esse contrato não estiver copiado antes do entardecer eu vou levar o assunto ao conhecimento do sr. Crosbie... O senhor me ouviu?

– Sim, senhor.

– O senhor me ouviu...? Ah, e outra coisa! Parece que falar com as paredes ou com o senhor surte o mesmo efeito. Entenda de uma vez por todas que o senhor tem meia hora para o almoço, não uma hora e meia. Eu gostaria de saber quantos pratos o senhor pretende comer no almoço... Entendido?

– Sim, senhor.

O sr. Alleyne voltou a inclinar a cabeça por cima da pilha de papéis. O homem fixou o olhar no crânio polido que dirigia a Crosbie & Alleyne, avaliando a fragilidade do material. Um espasmo de raiva o aferrou pela garganta por alguns momentos e depois passou, deixando uma forte sensação de sede. O homem reconheceu a sensação e sentiu que precisaria beber um bocado à noite. O mês já tinha passado da metade e, se conseguisse preparar a cópia no prazo, talvez o sr. Alleyne lhe desse um adiantamento. Ficou parado, encarando aquela cabeça acima da pilha de papéis. De repente o sr. Alleyne começou a derrubar todos os papéis à procura de alguma coisa. Então, como se não tivesse percebido a presença do homem até aquele instante, ergueu mais uma vez a cabeça e disse:

– O que houve? O senhor pretende passar o resto do dia aí parado? Farrington, o senhor

realmente gosta de facilitar as coisas!

– Eu estava esperando para ver...

– Muito bem, o senhor não precisa esperar para ver. Vá lá para baixo fazer o seu trabalho.

O homem foi até a porta com passos pesados e, ao sair da sala, escutou o sr. Alleyne gritar que se a cópia do contrato não estivesse pronta ao entardecer o assunto chegaria aos ouvidos do sr. Crosbie.

Voltou para a escrivadinha no escritório do andar de baixo e contou as folhas que ainda precisavam ser copiadas. Tomou a pena e mergulhou-a no tinteiro, mas continuou a olhar com uma expressão estúpida para as últimas palavras que havia escrito: *Em hipótese alguma ao referido Bernard Bodley bastará...* Estava ficando tarde e em alguns minutos ligariam a iluminação a gás; então poderia escrever. Sentiu que precisava matar a sede na garganta. Ergueu-se da escrivadinha e, depois de levantar o balcão como antes, saiu do escritório. Enquanto saía, o secretário-chefe encarou-o com uma expressão inquisitória.

– Está tudo bem, sr. Shelley, disse o homem, indicando com o dedo o objetivo da jornada.

O secretário-chefe olhou para a chapeleira mas, depois de ver a fileira completa, não fez nenhum comentário. Assim que chegou ao patamar o homem puxou uma boina xadrez do bolso, colocou-a na cabeça e desceu pelos ruidosos degraus o mais rápido que podia. Já na rua, caminhou com passos furtivos pela parte interna do caminho até a esquina e de repente mergulhou no vão de uma porta. Estava a salvo na salinha escura da loja de O'Neill e, enchendo a janelinha que dava para o bar com o rosto inflamado, da cor de vinho escuro ou carne escura, gritou:

– Pat, me traga um copo de *porter*, por favor.

O garçom serviu-lhe um copo de *porter*. O homem bebeu tudo de um só gole e pediu uma semente de alcaravia. Largou o penny em cima do balcão e, deixando ao garçom a tarefa de encontrá-lo na penumbra, saiu do esconderijo de maneira tão furtiva quanto havia chegado.

A escuridão, acompanhada por uma densa neblina, estava vencendo a luz de fevereiro, e a iluminação pública da Eustace Street já estava acesa. O homem seguiu junto das casas até chegar à porta do escritório, pensando se conseguiria terminar a cópia a tempo. Na escada, o nariz foi recebido por um forte aroma de perfume: sem dúvida a sra. Delacour havia chegado enquanto estava no O'Neill's. Mais uma vez enfiou a boina no bolso e retornou ao escritório com um ar de distração.

– O sr. Alleyne estava procurando o senhor, disse o secretário-chefe em tom severo. Onde o senhor estava?

O homem olhou para os dois clientes que esperavam junto do balcão como se quisesse dar a entender que aquelas presenças o impediam de responder. Como os clientes fossem dois homens o secretário-chefe se permitiu dar uma risada.

– Eu sei o que o senhor anda aprontando, disse. Cinco vezes em um dia é meio... Bem, trate de parecer apresentável e faça uma cópia da nossa correspondência relativa ao caso Delacour para o sr. Alleyne.

Essa ordem na presença do público, a corrida escada acima e a *porter* que havia bebido com tanta pressa deixaram o homem confuso e, quando se sentou à escrivadinha para pegar os materiais necessários, percebeu que seria impossível terminar a cópia do contrato antes das cinco e meia. A noite escura e fria estava se aproximando e ele ansiava por passá-la nos bares, bebendo com os amigos em meio à iluminação a gás e ao tilintar dos copos. Pegou a correspondência relativa ao caso Delacour e saiu do escritório. Tinha a esperança de que o sr. Alleyne não percebesse que as últimas duas cartas estavam faltando.

Um cheiro forte de perfume envolvia todo o caminho até a sala do sr. Alleyne. A sra.

Delacour era uma mulher de meia-idade com uma aparência judia. Diziam que o sr. Alleyne tinha uma queda por ela ou pelo dinheiro que tinha. Ela aparecia com frequência no escritório e demorava um bom tempo sempre que aparecia. Estava sentada ao lado da escrivãzinha, envolta no aroma dos perfumes, alisando o cabo da sombrinha e abanando a enorme pluma preta do chapéu. O sr. Alleyne tinha girado a cadeira para vê-la de frente e largado o pé de maneira casual em cima do joelho esquerdo. O homem deixou a correspondência em cima da escrivãzinha e fez uma mesura respeitosa, mas nem o sr. Alleyne nem a sra. Delacour perceberam o gesto. O sr. Alleyne tamborilou um dedo em cima da correspondência e em seguida folheou-a à vista do funcionário como se dissesse: *Tudo bem: pode ir embora.*

O homem voltou ao escritório no andar de baixo e sentou-se mais uma vez à escrivãzinha. Olhou com atenção para a frase incompleta: *Em hipótese alguma ao referido Bernard Bodley bastará...* e pensou que era um tanto estranho as três últimas palavras começarem com a mesma letra. O secretário-chefe começou a apressar a sra. Parker, dizendo que ela nunca conseguiria datilografar as cartas ainda a tempo de enviá-las pelo correio. O homem escutou o ruído da máquina por alguns minutos e depois voltou a trabalhar na cópia. Mas estava distraído, e logo os pensamentos deixaram-se levar pelo brilho e pelo rumor da taverna. A noite estava boa para tomar ponche quente. Empenhou-se na cópia, mas quando o relógio marcou cinco horas ainda faltavam catorze páginas. Maldição! Não haveria como terminar a tempo. Sentiu vontade de xingar em voz alta, de esmurrar alguma coisa com vontade. Estava tão enfurecido que escreveu *Bernard Bernard* em vez de *Bernard Bodley* e precisou começar tudo outra vez em uma folha nova.

Sentia-se forte o bastante para esvaziar o escritório com uma só mão. O corpo ansiava por fazer alguma coisa, por sair correndo e esbaldar-se em violência. Todas indignidades da vida o enfureciam... Será que poderia pedir um adiantamento diretamente ao caixa? Não, o caixa não resolveria, não resolveria nada: assim não conseguiria um adiantamento... Mas sabia onde encontrar a turma: Leonard e O'Halloran e Nosey Flynn. O barômetro de sua natureza emocional indicava a proximidade da arruaça.

A imaginação o distraiu a tal ponto que precisou ser chamado duas vezes pelo nome antes de responder. O sr. Alleyne e a sra. Delacour estavam de pé no outro lado do balcão e todos os colegas haviam se virado como que à espera de que alguma coisa acontecesse. O homem se levantou da escrivãzinha. O sr. Alleyne disparou uma saraivada de ofensas, dizendo que duas cartas estavam faltando. O homem respondeu que não sabia de nada, que havia feito uma cópia fiel. A saraivada continuou: era tão amarga e violenta que o homem mal conseguiu resistir à tentação de descer o punho na cabeça do pinga de gente que tinha diante de si.

– Não sei de nada sobre essas duas cartas, disse com um ar de cretino.

– *O senhor – não sabe – de nada.* Mas é claro que o senhor não sabe de nada, disse o sr. Alleyne. Diga, acrescentou depois de buscar aprovação no olhar da dama que o acompanhava, o senhor acha que eu sou idiota? Pensa que eu sou um idiota completo?

O homem alternou o olhar entre o rosto da dama e a cabecinha oval por diversas vezes; e, quase antes que se desse conta, a língua dele encontrou um momento feliz:

– Acho que não seria conveniente me fazer essa pergunta, senhor.

Os colegas prenderam a respiração. Todos ficaram atônitos (o autor da frase de efeito não menos do que os colegas) e a sra. Delacour, que era uma pessoa amistosa, abriu um grande sorriso. O sr. Alleyne enrubescou como uma rosa silvestre e seus lábios começaram a tremer com a fúria de um anão. Brandiu o punho na cara do homem até que parecesse vibrar como o botão de um aparelho elétrico:

– Seu malandro impertinente! Seu malandro impertinente! Eu vou acabar com a sua raça!

Espere só! Peça desculpa por essa impertinência ou o senhor vai ser demitido do escritório agora mesmo! O senhor vai ser demitido, estou avisando, se não me pedir desculpa!

* * *

O homem estava em pé no vão de uma porta em frente ao escritório para ver se o caixa sairia sozinho. Todos os colegas passaram e por fim o caixa saiu com o secretário-chefe. Não adiantava conversar quando estava com o secretário-chefe. O homem sentiu que estava em uma posição bastante ruim. Tinha sido obrigado a oferecer uma desculpa nojenta pela impertinência com o sr. Alleyne, mas sabia que daquele momento em diante o escritório seria um vespeiro. Ainda não tinha se esquecido da maneira como o sr. Alleyne tinha afugentado o pequeno Peake do escritório a fim de abrir espaço para o próprio sobrinho. Sentia um impulso selvagem e vingativo, e estava aborrecido consigo mesmo e com todo mundo. O sr. Alleyne não lhe daria mais um instante de paz; a vida dele seria um inferno. Dessa vez tinha se passado por um idiota completo. Será que não podia ter ficado de boca fechada? Mas já no início os dois tinham se desacertado, ele e o sr. Alleyne, desde o dia em que o sr. Alleyne o ouviu imitando o sotaque do norte da Irlanda para entreter Higgins e a sra. Parker: foi assim que tudo começou. Talvez pudesse ter pedido o dinheiro a Higgins, mas Higgins nunca tinha nada nem para si mesmo. Um homem com duas casas para sustentar, nem haveria como...

Ele sentiu o corpo ansiar pelo conforto da taverna. A neblina havia começado a esfriar e ele se perguntou se não poderia pegar um empréstimo com Pat no O'Neill's. Mesmo assim, não conseguiria mais do que um xelim – e um xelim não adiantaria nada. De qualquer maneira, precisava conseguir dinheiro de um jeito ou de outro: tinha gastado o último penny com a *porter* e logo ficaria tarde para conseguir dinheiro em qualquer lugar. De repente, enquanto passava os dedos na corrente do relógio, lembrou-se do penhor de Terry Kelly na Fleet Street. Mas é claro! Como não havia pensado nisso antes?

Atravessou o beco estreito de Temple Bar às pressas, balbuciando para si mesmo que poderiam ir todos para o inferno porque ele estava a fim de aproveitar a noite. O balconista de Terry Kelly disse *Uma coroa!*, mas o outro funcionário estendeu seis xelins; e no fim os seis xelins ficaram com ele. Saiu alegre do penhor, fazendo um pequeno cilindro com as moedas entre o polegar e os dedos. As calçadas da Westmoreland Street estavam repletas de rapazes e moças que voltavam do trabalho enquanto pivetes esfarrapados corriam de um lado para o outro gritando os nomes dos jornais vespertinos. O homem atravessou a multidão, observando o espetáculo com uma satisfação orgulhosa e encarando as garotas dos escritórios com maestria. A cabeça estava cheia com os barulhos dos sinos dos bondes e o zunido dos vagões, e o nariz já sentia o aroma dos vapores rodopiantes do ponche. Enquanto caminhava, pensava nos termos em que narraria o incidente à turma:

– Aí eu olhei para ele – com um olhar frio, sabe, e depois olhei para ela. Depois olhei para ele outra vez – sem pressa, sabe? Então eu disse, *Acho que não seria conveniente me fazer essa pergunta, senhor.*

Nosey Flynn estava sentado no canto habitual do Davy Byrne's e, quando ouviu a história, pagou uma dose a Farrington e disse que aquele era um dos comentários mais inteligentes que já tinha ouvido. Depois Farrington pagou uma bebida. Passado algum tempo O'Halloran e Paddy Leonard chegaram e a história foi repetida. O'Halloran pagou doses de uísque quente para todo mundo e contou a história da resposta que tinha dado para o secretário-chefe quando trabalhava no Callan's, na Fownes's Street; mas, como a resposta foi dada à maneira dos pastores liberais nas

éclogas, precisou admitir que não tinha sido tão espirituoso quanto a de Farrington. Nesse ponto Farrington pediu aos rapazes que esvaziassem os copos e bebessem mais uma.

Quem chegou enquanto escolhiam os venenos senão Higgins! Claro que se juntou aos outros. Os homens pediram que desse sua própria versão da história e ele a apresentou com grande entusiasmo, pois a visão de cinco uísques quentes era muito animadora. Todos explodiram em risadas quando mostrou o jeito como o sr. Alleyne tinha brandido o punho em frente ao rosto de Farrington. Depois imitou Farrington, dizendo *E lá estava o camarada, sem dar a mínima*, enquanto Farrington olhava para a companhia com os olhos pesados e sujos, sorrindo e por vezes limpando as gotas fujonas de destilado no bigode com a ajuda do lábio inferior.

Quando a rodada terminou fez-se uma pausa. O'Halloran tinha dinheiro mas os outros dois não pareciam ter nada; então toda a turma saiu do bar com um certo arrependimento. Na esquina da Duke Street Higgins e Nosey Flynn dobraram à esquerda enquanto os outros três voltaram em direção à cidade. Estava chovendo nas ruas frias e, quando chegaram ao Ballast Office, Farrington sugeriu a Scotch House. O bar estava cheio de homens e muito ruidoso com o barulho de línguas e copos. Os três homens passaram pelos vendedores de fósforos na porta e formaram um pequeno grupo no canto do balcão. Puseram-se a contar histórias. Leonard apresentou-os a um sujeito jovem chamado Weathers que trabalhava no Tivoli como acrobata e *artiste*. Farrington pagou uma rodada para todo mundo. Weathers disse que tomaria uma dose de uísque pequena com Apollinaris. Farrington, que tinha uma noção bem clara sobre as coisas, perguntou à turma se todos beberiam Apollinaris, mas os rapazes pediram a Tim que servisse uísque quente. A conversa ganhou ares teatrais. O'Halloran pagou uma rodada e depois Farrington pagou mais uma rodada, enquanto Weathers protestou dizendo que aquela hospitalidade era irlandesa demais. Prometeu levá-los ao camarim e apresentá-los a algumas garotas simpáticas. O'Halloran disse que ele e Leonard aceitariam o convite, mas Farrington não iria por ser casado; e os olhos pesados e sujos de Farrington olharam de soslaio para o grupo para dar a entender que havia notado a provocação. Weathers fez com que todos tomassem mais uma pequena dose de tintura por sua conta e prometeu encontrá-los mais tarde no Mulligan's da Poolbeg Street.

Quando a Scotch House fechou seguiram todos juntos para o Mulligan's. Acomodaram-se no salão dos fundos e O'Halloran pediu uma rodada de bebidas quentes para todo mundo. Todos estavam ficando meio inebriados. Farrington tinha acabado de anunciar a rodada seguinte quando Weathers voltou. Para o grande alívio de Farrington, Weathers pediu um copo de biter dessa vez. O saldo estava acabando mas eles ainda tinham o suficiente para continuar. De repente duas moças com grandes chapéus e um jovem de terno xadrez entraram e sentaram-se em uma mesa próxima. Weathers cumprimentou-os e disse à companhia que tinham acabado de sair do Tivoli. Os olhos de Farrington desviavam o tempo inteiro em direção a uma das garotas. Um detalhe na aparência dela chamava a atenção. Um enorme cachecol de musselina azul-pavão estava enrolado ao redor do chapéu e atado com um grande laço por baixo do queixo; e ela usava luvas amarelo-gema que chegavam até os cotovelos. Farrington olhou admirado para o braço gorducho que ela movimentava o tempo inteiro com muita graça; e, quando depois de algum tempo ela respondeu aos olhares, ficou ainda mais admirado com aqueles enormes olhos castanhos. A expressão oblíqua daquele olhar o fascinou. Ela olhou para ele por uma ou duas vezes e, quando o grupo estava deixando o salão, esbarrou na cadeira dele e disse *Ah, perdão!* com um sotaque londrino. Ele a acompanhou com o olhar na esperança de que olhasse para trás, mas acabou decepcionado. Amaldiçoou a falta de dinheiro e amaldiçoou todas as rodadas que havia pagado, em especial os uísques e Apollinaris que havia pagado para Weathers. Se tinha uma coisa que detestava era um parasita. Estava tão irritado que se perdeu na conversa dos

amigos.

Quando Paddy Leonard o chamou, Farrington descobriu que estavam falando sobre demonstrações de força. Weathers estava mostrando o biceps para a companhia e contando tanta vantagem que os outros dois chamaram Farrington para que defendesse a honra nacional. Farrington arregaçou a manga e mostrou o biceps à companhia. Os dois braços foram examinados e comparados e no fim acabou decidido que haveriam de medir as forças. A mesa foi desocupada e os dois homens apoiaram nela os cotovelos, com as mãos enlaçadas. Quando Paddy Leonard disse *Valendo!* cada um tentou baixar a mão do outro até a mesa. Farrington parecia muito sério e determinado.

A prova começou. Passados uns trinta segundos Weathers aos poucos conseguiu encostar a mão do oponente na mesa. O rosto cor de vinho de Farrington ficou ainda mais escuro com a raiva e a humilhação de ser derrotado por um simples garoto.

– Você sabe que não vale usar o peso do corpo. Pare de trapacear, disse.

– Quem está trapaceando?, perguntou o outro.

– Vamos mais uma vez. Melhor de três.

A disputa começou mais uma vez. As veias saltaram na testa de Farrington, e a tez pálida de Weathers ganhou a cor de uma peônia. As mãos e os braços dos competidores tremiam com o esforço. Depois de uma longa batalha Weathers mais uma vez levou a mão do oponente devagar até o tampo da mesa. Fez-se um murmúrio de aplauso entre os espectadores. O garçom, que estava atrás da mesa, acenou a cabeça vermelha para o campeão e disse com uma grosseira familiaridade:

– Ah! É assim que se faz!

– Que diabo você tem a ver com isso?, disse Farrington se virando com um ar agressivo na direção do homem. O que você pretende com essa conversinha?

– Pst, pst!, disse O'Halloran ao ver a expressão violenta no rosto de Farrington. Paguem a conta, pessoal. Só vamos tomar mais um pequeno *smahan* e depois vamos embora.

Um homem de expressão muito mal-humorada estava na esquina da O'Connell Bridge esperando que o pequeno bonde de Sandymount o levasse para casa. Estava cheio de um borbulhante sentimento de raiva e de vingança. Sentia-se humilhado e descontente; nem ao menos estava bêbado; e tinha apenas dois pence no bolso. Começou a praguejar contra tudo. Tinha acabado consigo mesmo no escritório, penhorado o relógio e gastado todo o dinheiro; e nem ao menos tinha conseguido ficar bêbado. Começou a sentir sede outra vez e teve vontade de voltar à taverna quente e fedorenta. Tinha perdido a fama de forte depois de ser derrotado duas vezes por um reles garoto. O coração encheu-se de fúria, e ao pensar na mulher de chapéu que tinha esbarrado nele e dito *Perdão!* a fúria quase o sufocou.

O bonde deixou-o na Shelbourne Road e ele arrastou o peso do corpo à sombra do muro que cercava o quartel. Detestava voltar para casa. Quando entrou pela porta lateral viu que a cozinha estava vazia e que o fogo estava quase apagado. Gritou na escada:

– Ada! Ada!

A esposa era uma mulherzinha de rosto marcante que importunava o marido quando ele estava sóbrio e era importunada por ele quando estava bêbado. Os dois tinham cinco filhos. Um menino desceu a escada correndo.

– Quem é?, perguntou o homem, olhando para a escuridão.

– Sou eu, pai.

– Eu quem? Charlie?

– Não, pai. Tom.

– Cadê a sua mãe?

– Na capela.

– Ah... Ela lembrou de deixar alguma coisa pronta para o meu jantar?

– Lembrou, pai. Eu –

– Acenda a lâmpada. A troco de que você está no escuro? Todo mundo já está deitado?

O homem largou o peso em uma das cadeiras enquanto o menino acendia a lâmpada. Começou a imitar o sotaque do filho, dizendo meio que para si mesmo: *Na capela. Na capela, pois não!* Quando a lâmpada estava acesa ele deu um murro em cima da mesa e gritou:

– O que tem para o jantar?

– Eu vou... eu vou cozinhar, pai, disse o menino.

O homem deu um pulo furioso e apontou para o fogo.

– Naquele fogo? Você deixou o fogo apagar! Eu juro que vou lhe ensinar a nunca mais deixar isso acontecer!

O homem deu um passo em direção à porta e pegou a bengala que estava logo atrás.

– Vou lhe mostrar o que acontece quando você deixa o fogo apagar!, disse, arregaçando a manga para ter o braço livre.

O menino soltou um grito de *Ah, pai!* e correu choramingando ao redor da mesa, porém o homem foi atrás e o agarrou pelo casaco. O menino olhou assustado ao redor, mas, vendo que não havia como escapar, caiu de joelhos.

– Agora eu quero ver você deixar o fogo apagar outra vez!, disse o homem, surrando o menino com a bengala. Tome, seu fedelho!

O menino soltou um grito de dor quando a bengala rasgou-lhe a coxa. Juntou as mãos erguidas e falou com a voz trêmula de pavor.

– Ah, pai!, gritou. Não me bata, pai! Eu prometo... Eu prometo que vou rezar uma *Ave-Maria* para o senhor... Eu vou rezar uma *Ave-Maria* para o senhor, pai, se o senhor não me bater... Eu vou rezar uma *Ave-Maria*...

Asupervisora tinha dado permissão para que saísse assim que o chá das mulheres terminasse, e Maria estava muito entusiasmada com a noite de folga. A cozinha estava brilhando: a cozinheira havia dito que dava para se enxergar nas grandes chaleiras de cobre. O fogo estava forte e bonito e em um dos aparadores havia quatro bolos enormes. Os bolos pareciam estar inteiros; porém ao chegar perto dava para ver que tinham sido cortados em longas fatias grossas e que estavam prontos para serem servidos durante o chá. A própria Maria os havia cortado.

Maria era uma pessoa muito, muito pequena, mas tinha um nariz comprido e um queixo muito comprido. Era um pouco fanha, mas falava sempre em um tom tranquilizador: *Sim, meu bem* e *Não, meu bem*. Sempre era chamada quando as mulheres brigavam por causa das tinas e sempre conseguia restabelecer a paz. Um dia a supervisora disse:

– Maria, você é uma legítima promotora da paz!

E a vice-supervisora e duas integrantes do comitê ouviram o elogio. E Ginger Mooney sempre dizia que estaria tudo acabado para a surda-muda encarregada dos ferros se não fosse por Maria. Todos gostavam muito de Maria.

As mulheres tomariam o chá às seis horas e ela poderia sair antes das sete. De Ballsbridge ao Pillar, vinte minutos; do Pillar a Drumcondra, vinte minutos; e vinte minutos para comprar as coisas. Chegaria antes das oito. Ela pegou a bolsa com as fivelas prateadas e leu mais uma vez as palavras *Lembrança de Belfast*. Gostava muito daquela bolsa porque a tinha ganhado de Joe cinco anos atrás quando ele e Alphy foram a Belfast em uma viagem de Pentecostes. Na bolsa havia duas meias-coroas e alguns pence. Ainda restariam cinco xelins depois que pagasse a passagem do bonde. Que noite agradável seria aquela, com todas as crianças cantando! Torcia apenas para que Joe não aparecesse bêbado. Ele ficava muito diferente quando bebia.

Muitas vezes Joe havia pedido que ela fosse morar com eles; porém Maria achava que seria uma presença incômoda (mesmo que a esposa de Joe sempre a tratasse muito bem), e além disso tinha se acostumado à vida na lavanderia. Joe era um bom sujeito. Ela tinha cuidado dele e de Alphy também; e Joe costumava dizer:

– A mamãe é a mamãe, mas a minha mãe de verdade é a Maria.

Depois do rompimento em casa os garotos haviam lhe conseguido a vaga na lavanderia Dublin by Lamplight, e Maria gostou do emprego. Antes tinha uma opinião desfavorável em relação aos protestantes, mas agora achava que eram boas pessoas, talvez um pouco quietas e sérias demais, porém mesmo assim pessoas com quem era bom conviver. Além do mais, tinha as próprias plantas na estufa e gostava de cuidar delas. Tinha lindas samambaias e trepadeiras e, sempre que alguém ia visitá-la, dava à visita uma ou duas mudinhas da estufa. Havia apenas uma coisa que a desagradava – as citações bíblicas nas paredes; mas a supervisora era uma pessoa tão simpática, tão gentil!

Quando a cozinheira disse que tudo estava pronto Maria foi até o salão das mulheres e começou a tocar o grande sino. Em poucos minutos as mulheres começaram a chegar em duplas e trios, esfregando as mãos escaldadas nas anáguas e baixando as mangas das blusas por cima dos braços vermelhos e escaldados. Sentaram-se diante das enormes canecas que a cozinheira e a surda-muda haviam enchido com chá quente, já misturado ao leite e ao açúcar em enormes recipientes de latão. Maria supervisionou a distribuição do bolo para garantir que cada mulher recebesse quatro fatias. Houve muitas risadas e graças durante a refeição. Lizzie Fleming disse que Maria com certeza acharia o anel, e embora Fleming tivesse dito a mesma coisa por muitos

anos na véspera do Dia de Todos os Santos, Maria teve de rir e dizer que não queria saber de nenhum anel e de homem nenhum; e quando ela ria os olhos verdes brilhavam com uma timidez decepcionada e a ponta do nariz quase encostava na ponta do queixo. Em seguida Ginger Mooney ergueu a caneca de chá e propôs um brinde à saúde de Maria enquanto todas as outras mulheres batiam as canecas na mesa, e disse que lamentava não ter um pouco de *porter* para beber com o chá. E Maria riu mais uma vez até que a ponta do nariz quase encostasse na ponta do queixo e até que seu corpinho minúsculo se sacudisse todo porque ela sabia que Mooney tinha a melhor das intenções, é claro, afinal ela tinha as ideias de uma mulher comum.

Mas como Maria ficou contente quando as mulheres terminaram o chá e a cozinheira e a surda-muda começaram a limpar a mesa de chá! Foi até o quartinho e, ao lembrar que na manhã seguinte haveria missa, mudou o ponteiro do alarme das sete para as seis. Depois tirou a saia de trabalho e as botas de ficar em casa e estendeu a melhor saia em cima da cama e pôs as botinhas de sair junto ao pé da cama. Também trocou a blusa e, quando ficou de pé em frente ao espelho, pensou em como costumava se vestir para a missa de domingo quanto ainda era menina; e olhou com uma curiosa afeição para o pequeno corpinho que tantas vezes havia enfeitado. Apesar da idade, ela ainda o considerava um corpinho bonito e em boa forma.

Quando saiu as ruas estavam brilhando com a chuva e ela ficou feliz por ter lembrado da velha capa de chuva marrom. O bonde estava cheio e ela precisou sentar no banquinho nos fundos do carro, de frente para todo mundo, com os pés mal tocando o chão. Organizou mentalmente tudo o que pretendia fazer e pensou em como era bom ser independente e ter o próprio dinheiro no bolso. Estava torcendo para que tivessem uma noite agradável juntos. Tinha certeza de que seria assim, mas não conseguiu deixar de pensar que era uma pena que Alphy e Joe estivessem brigados. Nesses últimos tempos passavam o tempo inteiro brigados, embora durante a infância tivessem sido os melhores amigos: mas assim é a vida.

Maria desceu do bonde no Pillar e se esgueirou depressa em meio à multidão. Entrou na confeitaria Downes's, mas a loja estava tão cheia que ela precisou esperar um bom tempo até ser atendida. Comprou uma dúzia de bolinhos variados de um penny e por fim saiu da loja com um grande pacote. Depois pensou no que mais iria comprar: queria alguma coisa especial. Com certeza eles teriam maçãs e nozes em casa. Era difícil saber o que comprar e ela não conseguia pensar em nada além de bolo. Decidiu comprar um bolo de ameixa mas o bolo de ameixa da Downes's não tinha cobertura de amêndoas suficiente então ela foi até uma outra loja na Henry Street. Lá passou um longo tempo olhando, e a estilosa jovem atrás do balcão, que sem dúvida ficou um pouco irritada com aquela presença, perguntou se por acaso ela estava procurando um bolo de casamento. O comentário fez com que Maria enrubescesse e abrisse um sorriso para a jovem; mas a jovem levou tudo muito a sério e no fim cortou uma grossa fatia de bolo de ameixa, fez um pacote e disse:

– Dois xelins e quatro pence.

Ela pensou que teria de ficar de pé no bonde para Drumcondra porque os rapazes davam a impressão de não enxergá-la mas um senhor ofereceu-lhe o lugar. Era um senhor robusto e estava usando um chapéu marrom; tinha um rosto quadrado e vermelho e um bigode cinzento. Maria pensou que tinha um ar de coronel e que era muito mais educado do que os rapazes que simplesmente mantinham o olhar fixo à frente. O senhor puxou assunto e começou a falar sobre o Dia de Todos os Santos e o tempo chuvoso. Imaginou que o pacote estivesse cheio de guloseimas para os pequenos e disse que os jovens tinham mesmo que aproveitar a vida enquanto eram jovens. Maria concordou e brindou-o com tímidos acenos de cabeça e ahans. O senhor foi muito simpático, e ao descer na Canal Bridge Maria agradeceu e fez uma mesura, e ele retribuiu a mesura e ergueu o chapéu e deu um sorriso amistoso; e enquanto subia o terraço, com a

cabecinha inclinada para baixo por causa da chuva, ela pensou em como era fácil reconhecer um cavalheiro, ainda que tenha tomado uns goles.

Todo mundo disse *Ah, a Maria está aqui!* quando ela chegou à casa de Joe. Joe estava lá, recém-chegado do trabalho, e todas as crianças estavam com as roupas de domingo. Também estavam lá duas meninas grandes do vizinho e todos brincavam juntos. Maria entregou o pacote de bolos para que Alphy, o menino mais velho, dividisse-o com os outros, e a sra. Donnelly disse que era muita gentileza levar um pacote de bolos tão grande e fez todas as crianças dizerem:

– Obrigado, Maria.

Mas Maria disse que tinha levado uma coisa especial para o papai e a mamãe, uma coisa que com certeza apreciariam, e então começou a procurar o bolo de ameixa. Olhou no pacote da Downes's e nos bolsos da capa de chuva e depois na chapeleira mas não o encontrou em lugar nenhum. Em seguida perguntou a todas as crianças se alguém o tinha comido – por engano, claro – mas todas as crianças disseram que não e ficaram com uma cara de quem não gosta de comer bolo se é para ser acusado de roubar. Todos tinham uma solução para o mistério e a sra. Donnelly disse que com certeza Maria tinha esquecido o pacote no bonde. Ao lembrar da confusão provocada pelo senhor de bigode cinzento, Maria enrubescceu de vergonha e raiva e decepção. Ao pensar no fracasso da pequena surpresa e nos dois xelins e quatro pence que havia gastado para nada ela quase começou a chorar.

Mas Joe disse que não era nada e a fez sentar-se ao pé do fogo. Ele foi muito simpático. Contou a ela tudo o que estava acontecendo no escritório e repetiu uma resposta espirituosa que tinha dado ao gerente. Maria não entendeu por que Joe dava tanta risada com a resposta que tinha dado mas disse que o gerente devia ser uma pessoa arrogante. Joe disse que não era tão ruim assim para quem sabia como tratá-lo, que o gerente era um sujeito tranquilo desde que ninguém mexesse com ele. A sra. Donnelly tocou piano para as crianças e elas dançaram e cantaram. Depois as duas meninas do vizinho distribuíram as nozes. Ninguém conseguiu encontrar os quebra-nozes e Joe estava começando a ficar irritado e perguntou como esperavam que Maria fosse quebrar as nozes sem um quebra-nozes. Mas Maria respondeu que não gostava de nozes e que ninguém precisava se preocupar com ela. Então Joe lhe ofereceu uma garrafa de *stout* e a sra. Donnelly disse que também tinha vinho do porto em casa se ela preferisse. Maria disse que preferia não beber nada – mas Joe insistiu.

Então Maria cedeu e os dois sentaram-se ao pé do fogo para falar sobre os velhos tempos e Maria achou que seria hora de fazer um elogio a Alphy. Mas Joe respondeu que queria cair morto se um dia voltasse a falar com o irmão e Maria pediu desculpas por haver tocado no assunto. A sra. Donnelly disse ao marido que era uma vergonha falar daquele jeito da própria carne e do próprio sangue mas Joe disse que Alphy não era seu irmão e quase houve uma briga por conta disso. Mas Joe disse que não perderia a paciência naquela noite e pediu à esposa que pegasse mais uma *stout*. As duas meninas do vizinho tinham preparado jogos típicos da véspera do Dia de Todos os Santos e logo tudo voltou a ficar alegre. Maria encantou-se ao ver as crianças tão alegres e Joe e a esposa tão animados. As meninas do vizinho colocaram os pratos na mesa e depois levaram as crianças para a mesa, com os olhos vendados. Uma delas pegou o livro de orações e as outras três pegaram a água; e quando uma das meninas do vizinho pegou o anel a sra. Donnelly apontou o dedo para a menina corada como se dissesse: *Ah, eu sei de tudo!* Depois todos insistiram em vendar os olhos de Maria e levá-la até a mesa para ver o que haveria de pegar; e, enquanto estavam colocando a venda, Maria riu e continuou a rir até que a ponta do nariz quase encostasse na ponta do queixo.

Levaram-na até a mesa em meio a risadas e a gracejos e ela ergueu as mãos como haviam pedido que fizesse. Em seguida mexeu a mão de um lado para o outro no ar e pousou-a

sobre um dos pratos. Sentiu uma substância úmida na ponta dos dedos e ficou surpresa ao perceber que ninguém falava nada nem retirava a venda. Fez-se uma pausa de alguns instantes; e logo vieram uns quantos rumores e sussurros. Alguém disse alguma coisa sobre o jardim, e por fim a sra. Donnelly fez um comentário muito irritado a uma das meninas do vizinho e mandou-a jogar alguma coisa fora naquele mesmo instante: aquilo não era brincadeira. Maria compreendeu que não havia dado certo daquela vez e que precisaria fazer tudo de novo: e dessa vez ela pegou o livro de orações.

Depois a sra. Donnelly tocou *Miss McCloud's Reel* para as crianças e Joe fez Maria beber uma taça de vinho. Logo estavam todos alegres outra vez e a sra. Donnelly disse que Maria entraria para um convento antes do fim do ano porque tinha pegado o livro de orações. Maria nunca tinha visto Joe tão simpático como naquela ocasião, tão cheio de comentários agradáveis e lembranças. Disse que toda a família era muito boa para ela.

Por fim as crianças ficaram cansadas e com sono e Joe perguntou a Maria se não cantaria uma canção antes de ir embora, uma canção antiga. A sra. Donnelly disse *Cante, Maria, por favor!* e Maria precisou se levantar e postar-se ao lado do piano. A sra. Donnelly pediu às crianças que ficassem em silêncio e escutassem Maria cantar. Ela tocou o prelúdio e disse *Agora, Maria!* e Maria, muito corada, começou a cantar com uma vozinha trêmula e minúscula. Cantou *I Dreamt that I Dwelt* e, quando chegou à segunda estrofe, cantou outra vez:

*I dreamt that I dwelt in marble halls
With vassals and serfs at my side
And of all who assembled within those walls
That I was the hope and the pride,
I had riches too great to count, could boast
Of a high ancestral name,
But I also dreamt, which pleased me most,
That you loved me still the same.*

Mas ninguém comentou o erro; e quando ela terminou de cantar Joe estava muito emocionado. Disse que não existia outra época como antigamente nem músicas como as do velho Balfe, coitado; e os olhos dele se encheram com tantas lágrimas que no fim não encontrou o que estava procurando e teve de perguntar à esposa onde estava o saca-rolhas.

Osr. James Duffy morava em Chapelizod porque queria viver o mais longe possível da cidade que habitava e porque achava todos os outros subúrbios de Dublin torpes, modernos e pretensiosos. Morava em uma casa antiga e sombria e das janelas conseguia ver a antiga destilaria ou um pouco mais para cima ao longo do rio pouco caudaloso em cujas margens Dublin foi construída. Nas altas paredes do quarto sem carpete não havia nenhum quadro pendurado. Ele mesmo havia comprado todo o mobiliário da peça: um estrado de ferro preto, um lavatório de ferro, quatro cadeiras de palha, uma cômoda, um balde de carvão, grelha e trasfogueiros para a lareira e a mesa quadrada onde ficava uma escrivaninha dupla. Uma estante de livros tinha sido montada em um canto com prateleiras de madeira branca. A cama estava arrumada com lençóis brancos e tinha um tapete preto e escarlate a cobrir-lhe o pé. Um pequeno espelho ficava acima do lavatório e durante o dia uma abajur com pantalha branca era o único ornamento no consolo da lareira. Os livros nas prateleiras de madeira branca estavam dispostos de baixo para cima de acordo com o tamanho. Um Wordsworth completo estava no canto da prateleira inferior e um exemplar do *Maynooth Catechism*, costurado com a capa de tecido de uma caderneta, estava no canto da prateleira superior. Sempre havia materiais de escrita em cima da escrivaninha. Dentro da escrivaninha havia uma tradução manuscrita do *Michael Kramer* de Hauptmann, com as rubricas em tinta roxa, e um pequeno maço de papéis presos com um alfinete de latão. Nessas folhas uma frase era escrita de tempos em tempos e, em um momento irônico, um anúncio de remédio para o excesso de bile fora colado na primeira página. Ao erguer a tampa da escrivaninha um discreto perfume escapava – o perfume de lápis novos de cedro ou de um vidro de goma ou de uma maçã passada que talvez estivesse esquecida lá dentro.

O sr. Duffy tinha horror a tudo o que evidenciasse desorganização física ou mental. Um médico medieval teria dito que era um saturnino. O rosto, que contava toda a história dos anos, tinha a mesma cor marrom das ruas de Dublin. Na cabeça comprida e um tanto avantajada cresciam cabelos pretos e secos, e o bigode castanho-claro não chegava a encobrir a boca inamistosa. As maçãs do rosto também conferiam ao semblante uma expressão dura; mas não havia nenhuma severidade nos olhos, que, ao ver o mundo por sob as sobranceiras castanho-claras, davam a impressão de um homem sempre disposto a reconhecer um instinto redentor nas outras pessoas, apesar das frequentes decepções. Morava a uma certa distância do corpo, observando os próprios atos com duvidosos olhares de esguelha. Tinha um estranho hábito autobiográfico que de tempos em tempos levava-o a compor mentalmente uma breve frase a respeito de si próprio com um sujeito na terceira pessoa e um predicado no passado. Nunca dava esmolas a mendigos e caminhava com passos firmes, com uma robusta avelêira.

Por muitos anos tinha trabalhado como caixa de um banco privado na Baggot Street. Toda manhã chegava de Chapelizod no bonde. Ao meio-dia almoçava no restaurante de Dan Burke – uma garrafa de *lager* e uma pequena bandeja de biscoitos de araruta. Às quatro horas estava livre. Jantava em uma cantina na George's Street onde se sentia a salvo da juventude dourada de Dublin e onde a comida era servida com uma certa honestidade singela. Passava as noites ao piano da senhoria ou andando pelos arredores da cidade. A admiração pela música de Mozart às vezes levava-o à ópera ou a um concerto: essas eram as únicas dissipações em sua vida.

Não tinha companheiros nem amigos, igreja nem credo. Vivia uma vida espiritual sem nenhuma comunhão com as outras pessoas, fazendo visitas a parentes no Natal e acompanhando-os ao cemitério quando morriam. Cumpria esses dois deveres sociais em nome da antiga

dignidade, porém não fazia mais nenhuma concessão às convenções que regem a vida cívica. Permitia-se imaginar que em certas situações seria lícito roubar o banco onde trabalhava, mas, como essas situações nunca se concretizavam, levava uma vida regrada – uma história sem nenhuma aventura.

Certa noite estava sentado ao lado de duas mulheres na Rotunda. A casa, pouco cheia e silenciosa, transmitia uma deprimente impressão de fracasso. A mulher logo ao lado correu os olhos pelo auditório deserto por uma ou duas vezes e disse:

– Que pena essa casa tão vazia hoje à noite! Para os artistas é muito difícil cantar para os bancos vazios na plateia.

O sr. Duffy interpretou o comentário como um convite à conversa. Surpreendeu-se ao ver que a mulher parecia muito à vontade. Enquanto os dois conversavam, tentou fixá-la permanentemente na memória. Quando descobriu que a jovem logo ao lado era a filha da mulher, pensou que ela devia ser apenas cerca de um ano mais jovem do que ele próprio. O rosto dela, que devia ter sido bonito, tinha conservado um ar inteligente. Era um rosto oval de traços marcantes. Os olhos eram azul-escuros e fixos. O olhar começou com uma nota de desafio, mas logo se confundiu com o que parecia ser um desmaio intencional da pupila no interior da íris, que por um instante revelou um temperamento de grande sensibilidade. Logo a pupila se recompôs e essa natureza revelada ficou mais uma vez sob o domínio da prudência, enquanto a jaqueta de astracã, que moldava um busto de certa exuberância, soava a nota de desafio com maior intensidade.

O sr. Duffy tornou a encontrá-la algumas semanas depois em um concerto no Earlsfort Terrace e aproveitou os momentos em que a filha estava distraída para criar uma certa intimidade. Por uma ou duas vezes a mulher fez alusões ao marido, mas o tom em que falava não transformava as alusões em alertas. Chamava-se sra. Sinico. O trisavô do marido tinha vindo de Livorno. O marido era capitão de um barco mercante que fazia a rota entre Dublin e a Holanda; e os dois tinham uma filha.

Ao vê-la por acaso uma terceira vez, teve a coragem de convidá-la para um encontro. Ela compareceu. Esse foi o primeiro de vários encontros; os dois sempre viam-se ao entardecer e escolhiam os recantos mais silenciosos para as caminhadas. O sr. Duffy, no entanto, não gostava de expedientes sub-reptícios e, ao ver que seriam obrigados a se encontrar às escondidas, obrigou-a a fazer um convite para que a visitasse em casa. O capitão Sinico apoiou essas visitas, achando que a mão da filha estava em jogo. O capitão havia excluído a esposa com tamanha sinceridade da própria galeria de prazeres que não imaginou que alguém pudesse se interessar por ela. Como o marido passava a maior parte do tempo longe e a filha ministrava aulas de música, o sr. Duffy tinha muitas oportunidades de aproveitar a companhia da mulher. Nem ele nem ela jamais tinham vivido uma aventura daquelas, e nenhum dos dois percebia qualquer tipo de incongruência. Aos poucos os pensamentos dele entremearam-se aos dela. Emprestou livros, forneceu ideias, compartilhou a própria vida intelectual com a nova companheira. Ela escutava tudo.

Às vezes, em troca daquelas teorias, oferecia fatos da própria vida. Com uma solicitude quase maternal, pedia a ele que deixasse sua natureza revelar-se ao máximo; tornou-se uma confessora. O sr. Duffy contou que durante algum tempo tinha assistido aos encontros do Partido Socialista Irlandês, onde havia se sentido uma figura única em meio a uma vintena de operários sisudos em um sótão iluminado por uma lâmparina a óleo pouco eficiente. Quando o partido dividiu-se em três grupos, cada uma com um líder e um sótão próprio, parou de comparecer às sessões. As discussões dos operários, segundo disse, eram muito tímidas; e o interesse que demonstravam pela questão salarial era exagerado. O sr. Duffy achava que os operários eram

realistas ferrenhos e que ademais ressentiam a exatidão resultante de um ócio muito além de seu alcance. Não haveria nenhuma revolução social em Dublin nos séculos vindouros, disse.

Ela perguntou por que ele não registrava essas ideias no papel. Para quê?, perguntou com uma zombaria calculada. Para competir com repetidores de chavões incapazes de pensar sem interrupção por mais de sessenta segundos? Para se expor às críticas de uma classe média obtusa que confiava os valores morais à polícia e as belas artes aos empresários?

Com frequência ele a visitava na pequena casinha fora de Dublin, e com frequência os dois passavam as tardes a sós. Aos poucos, à medida que os pensamentos de ambos se misturavam, começaram falar sobre assuntos menos remotos. A companhia dela era como o solo quente ao redor de uma planta exótica. Muitas vezes ela deixou que a noite caísse sobre os dois, recusando-se a acender a luz. A sala escura e discreta, o isolamento e a música que ainda vibrava nos ouvidos unia-os. Essa união o exaltava, aparava as arestas da personalidade ríspida, trazia emoção à vida mental. Por vezes se pegava escutando os sons da própria voz. Imaginava que, aos olhos dela, ascenderia a uma estatura angelical; e, enquanto trazia a natureza ardente da companheira cada vez para mais perto de si, ouvia uma estranha voz impessoal que reconhecia como sua insistindo na solidão incurável da alma. Não podemos nos entregar, dizia a voz: pertencemos a nós mesmos. O fim desses discursos veio numa noite em que ela tinha dado todos os sinais de um entusiasmo sem precedentes. A sra. Sinico pegou a mão dele com paixão e apertou-a contra o rosto.

O sr. Duffy ficou muito surpreso. Aquela interpretação do que havia dito o desiludiu. Passou uma semana sem visitá-la; depois escreveu pedindo para vê-la. Como não queria que esse último encontro fosse perturbado pela influência do confessional arruinado, encontraram-se em uma pequena confeitaria próxima à Parkgate. Era um dia frio de outono, mas apesar do frio os dois caminharam para cima e para baixo nas trilhas do parque durante quase três horas. Concordaram em se afastar: todos os laços, disse o sr. Duffy, prendem-nos à tristeza. Ao sair do parque, caminharam em silêncio em direção ao bonde; mas nesse ponto a sra. Sinico começou a tremer de tal maneira que, temendo um colapso, o sr. Duffy deu-lhe adeus e se afastou às pressas. Poucos dias depois recebeu um pacote com seus livros e partituras.

Quatro anos se passaram. O sr. Duffy retornou à vida regrada de antes. O quarto ainda trazia indícios da ordem que reinava em sua mente. Algumas novas partituras ocupavam a estante de música e nas prateleiras havia dois livros de Nietzsche: *Assim falou Zaratustra* e *A gaia ciência*. Era raro que escrevesse no maço de folhas em cima da escrivaninha. Uma das frases, escrita duas semanas depois do último encontro com a sra. Sinico, dizia: O amor entre dois homens é impossível porque não pode haver contato sexual e a amizade entre um homem e uma mulher é impossível porque precisa haver contato sexual. Manteve-se longe dos concertos para evitá-la. O pai morreu; o sócio mais jovem do banco se aposentou. Mesmo assim, todos os dias de manhã ele tomava o bonde até a cidade e todas as tardes caminhava da cidade até em casa depois de comer um jantar humilde na George's Street e ler o jornal vespertino de sobremesa.

Certa noite estava prestes a pôr uma garfada de carne seca e repolho na boca quando deteve a mão. Os olhos fixaram-se em um parágrafo no jornal vespertino apoiado contra a moringa d'água. Devolveu o bocado de comida ao prato e leu o parágrafo com atenção. Em seguida tomou um copo d'água, empurrou o prato para o lado, dobrou o jornal diante do rosto, entre os cotovelos, e tornou a ler o parágrafo diversas vezes. O repolho começou a depositar uma graxa branca na superfície do prato. A garçonete veio perguntar se o jantar não estava bem cozido. Ele respondeu que o jantar estava muito bom e engoliu mais alguns bocados com dificuldade. Depois pagou a conta e foi embora.

Saiu a passos apressados no entardecer de novembro, com a robusta bengala de avelaíra

batendo no chão a intervalos regulares e a franja parda do *Mail* espiando para fora do bolso lateral do sobretudo ajustado. No caminho solitário que vai da Parkgate a Chapelizod, reduziu a marcha. A bengala batia no chão com menos força, e a respiração, que vinha irregular, com um som quase suspirante, condensava o ar do inverno. Ao chegar em casa subiu direto até o quarto e, depois de pegar o jornal do bolso, leu o parágrafo mais uma vez na luz evanescente da janela. Não leu em voz alta, porém mexeu os lábios como um padre faz ao ler as orações *Secreto*. Eis o parágrafo:

MULHER MORRE NA SYDNEY PARADE UM CASO DOLOROSO

Hoje, no City of Dublin Hospital, o legista-assistente (na ausência do sr. Leverett) examinou o corpo da sra. Emily Sinico, de 43 anos, morta na Sydney Parade Station ontem à tarde. As evidências demonstram que, enquanto tentava atravessar a ferrovia, a falecida foi abalroada pela locomotiva do trem das dez horas que vinha de Kingstown e sofreu os ferimentos na cabeça e no lado direito do corpo que a levaram a óbito.

James Lennon, o maquinista, declarou que trabalha para a companhia férrea há quinze anos. Ao ouvir o apito do sinaleiro, pôs o trem em movimento, e um ou dois segundos mais tarde freou em resposta a vários gritos. O trem estava andando em baixa velocidade.

O carregador P. Dunne afirmou ter visto uma mulher tentando atravessar a via férrea quando o trem estava prestes a partir. Correu em direção a ela aos gritos, mas antes que pudesse alcançá-la a mulher foi colhida pelo para-choque da locomotiva e caiu ao chão.

Um jurado – O senhor viu a mulher cair?

Testemunha – Vi.

O sargento Croly afirmou que, ao chegar, encontrou a falecida caída na plataforma e possivelmente morta. Tomou providências para que o corpo fosse levado à sala de espera enquanto a ambulância não chegava.

O policial 57E corroborou a informação.

O sr. Halpin, cirurgião-assistente no City of Dublin Hospital, afirmou que a falecida tinha duas fraturas nas costelas e havia sofrido contusões violentas no ombro direito. O lado direito da cabeça foi atingido durante a queda. Mesmo assim, os ferimentos não seriam suficientes para causar a morte de uma pessoa normal. A morte, na opinião do sr. Halpin, foi provavelmente o resultado de um choque e de uma parada cardíaca súbita.

O sr. H. B. Patterson Finlay, porta-voz da companhia ferroviária, expressou profundo pesar em relação ao ocorrido. A companhia sempre tomou as precauções necessárias para evitar que as pessoas atravessassem a ferrovia nos pontos onde não existem passarelas fixando avisos em todas as estações e instalando cancelas nos desvios de nível. A falecida tinha o hábito de atravessar a ferrovia à noite entre uma plataforma e outra e, em virtude de outras circunstâncias relativas ao caso, o sr. Finlay acredita que os empregados da companhia férrea não tiveram culpa.

O capitão Sinico, de Leoville, Sydney Parade, marido da vítima, também prestou depoimento. Declarou que a falecida era sua esposa. O capitão Sinico não estava em Dublin no momento do acidente e havia chegado naquela mesma manhã de uma viagem a Roterdã. Os dois foram casados por 22 anos e tiveram um relacionamento feliz até cerca de dois anos atrás, quando a esposa passou a levar uma vida desregrada.

A sra. Mary Sinico disse que a falecida mãe tinha o hábito de sair à noite para comprar bebida. A testemunha afirmou que muitas vezes tentou conversar com a mãe e insistiu para que entrasse em um grupo de apoio. Ela chegou em casa apenas uma hora depois do acidente.

O júri deu um veredito de acordo com a evidência médica e isentou Lennon de qualquer tipo de culpa.

O legista-assistente disse que o caso era muito doloroso e expressou sentimentos ao capitão Sinico e à filha. Também pediu que a companhia adotasse medidas mais eficazes para evitar acidentes semelhantes no futuro. Não houve culpados.

O sr. Duffy ergueu os olhos e lançou um olhar para a rua, em direção ao triste panorama do entardecer. O rio permanecia em silêncio ao lado da antiga destilaria e de tempos em tempos uma luz surgia nas casas da Lucan Road. Que fim! Toda a narrativa daquela morte o repugnava, e repugnava-o pensar que em outra época havia feito revelações sobre tudo o que considerava sagrado para aquela mulher. As frases batidas, as expressões indiferentes de solidariedade e as palavras cautelosas que o repórter havia usado para ocultar os detalhes de uma morte trivial e vulgar atacaram-lhe o estômago. Ela não havia simplesmente degradado a si mesma; também havia degradado a ele. O sr. Duffy percebeu a sórdida extensão daquele vício, miserável e malcheiroso. Sua alma gêmea! Pensou nos desgraçados trôpegos que carregam latas e garrafas para serem enchidas pelo barman. Meu Deus, que fim! Sem dúvida ela não estava apta a viver, sem nenhuma firmeza de propósito – uma presa fácil para o hábito, um dos refugos sobre os quais a civilização se ergueu. Mas que pudesse afundar àquele ponto! Será que podia ter se enganado de maneira tão flagrante a respeito dela? Lembrou-se do desabafo naquela noite e o interpretou com ainda mais rigor do que antes. Naquele instante, não teve nenhuma dificuldade para aprovar a decisão que havia tomado.

Enquanto a luz se esvanecia e os pensamentos começavam a se perder, imaginou que a mão dela havia tocado a sua. O choque que a princípio lhe havia atacado o estômago começou a se espalhar para os nervos. Ele vestiu o sobretudo e o chapéu e saiu às pressas. Foi recebido por um sopro de ar frio no limiar da porta; e o frio subiu-lhe pelas mangas do casaco. Quando chegou à taverna na Chapelizod Bridge, entrou e pediu um ponche quente.

O proprietário o serviu com educação, mas não se aventurou a conversar. Havia cinco ou seis operários no estabelecimento discutindo o valor da propriedade de um certo senhor em County Kildare. De vez em quando bebiam dos enormes canecos de cerveja e fumavam, cuspidos no chão com frequência e por vezes arrastando serragem para cima do cuspe com as pesadas botas. O sr. Duffy sentou-se no banco e ficou encarando o grupo de homens, sem vê-los nem ouvi-los. Depois que foram embora ele pediu mais um ponche. Levou um bom tempo para esvaziar o copo. A taverna estava muito silenciosa. O proprietário esparramou-se por cima do balcão, lendo o *Herald* e bocejando. De vez em quando ouvia-se o rumor de um bonde passando pela rua deserta lá fora.

Enquanto ficava lá sentado, revivendo a vida ao lado dela e evocando alternadamente as duas imagens em que agora a concebia, percebeu que ela havia morrido, que havia deixado de existir, que havia se tornado uma lembrança. Começou a sentir-se perturbado. Tentou imaginar o que mais poderia ter feito. Não poderia ter levado adiante aquela comédia de engodos; não poderia ter vivido abertamente com ela. Fez então o que lhe pareceu melhor. Que culpa poderia ter? Agora que ela tinha ido embora ele compreendeu como a vida devia ser solitária noite após noite naquela sala vazia. A vida dele também seria solitária até que morresse, deixasse de existir, se tornasse uma lembrança – caso alguém se lembrasse.

Eram mais de nove horas quando saiu da taverna. A noite estava fria e escura. Entrou no parque pelo primeiro portão e caminhou sob a copa das árvores lúgubres. Caminhou pelas aleias desoladas por onde haviam caminhado juntos quatro anos atrás. Ela parecia estar próxima na escuridão. Em certos momentos ele tinha a impressão de sentir a voz dela no ouvido, a mão dela

na sua. Deteve-se para escutar. Por que a havia privado da vida? Por que a havia condenado à morte? Sentiu a própria natureza moral desabar.

Quando chegou ao alto da Magazine Hill ele parou e olhou ao longo do rio em direção a Dublin, cujas luzes ardiam vermelhas e hospitaleiras em meio à noite fria. Olhou para baixo e, no pé da encosta, à sombra do muro do parque, percebeu duas figuras humanas deitadas. Aqueles amores venais e furtivos o enchiam de desespero. Lamentou a retidão da própria existência; sentiu que havia sido expulso do banquete da vida. Uma pessoa havia lhe oferecido amor e em troca ele a privou da felicidade e da vida: condenou-a à ignomínia, a uma morte vergonhosa. Sabia que as criaturas prostradas junto do muro o estavam observando, ansiosas para que fosse embora. Ninguém o queria; tinha sido expulso do banquete da vida. Voltou o olhar em direção ao cintilante rio cinzento que serpenteava em direção a Dublin. Um pouco mais além viu um trem de mercadorias aproximar-se desde a Kingsbridge Station, como um verme de cabeça flamejante que serpenteia obstinado em meio à escuridão. Logo o trem sumiu de vista; mas nos ouvidos dele ainda soava o rumor feito pelo esforço da locomotiva, que repetia as sílabas do nome dela.

Começou voltar pelo mesmo caminho, com o ritmo da locomotiva latejando nos ouvidos. Começou a duvidar da realidade do que a memória lhe dizia. Deteve-se sob a copa de uma árvore e esperou que o ritmo morresse. Não conseguia senti-la por perto na escuridão nem escutar a voz dela perto do ouvido. Passou alguns minutos escutando. Mas não conseguiu ouvir nada: a noite estava no mais perfeito silêncio. Escutou mais uma vez: o mais perfeito silêncio. Então sentiu que estava sozinho.

DIA DE HERA NA SALA DO COMITÊ

Ovelho Jack remexeu as cinzas com um pedaço de papelão e espalhou-as com cuidado pelo domo de carvões esbranquiçados. Quando o domo ficou coberto por uma fina camada o rosto dele sumiu na escuridão, mas, quando se preparou para abanar o fogo mais uma vez, a sombra encolhida subiu pela parede oposta e o rosto dele aos poucos reemergiu na luz. Era o rosto de um velho, muito ossudo e hirsuto. Os úmidos olhos azuis piscavam diante do fogo e a boca úmida às vezes caía aberta, fazendo um ou dois movimentos automáticos de mastigação ao fechar-se. Quando as cinzas se acenderam, largou o pedaço de papelão contra a parede, suspirou e disse:

– Agora está melhor, sr. O'Connor.

O sr. O'Connor, um jovem de cabelos grisalhos com um rosto desfigurado por inúmeras manchas e espinhas, tinha acabado de enrolar o tabaco em um cilindro vistoso, mas ao ser interpelado desfez esse trabalho com requintes meditativos. Em seguida começou a enrolar o tabaco mais uma vez com requintes meditativos e, depois de refletir por um instante, resolveu lamber o papel.

– O sr. Tierney disse que horas ia voltar?, perguntou em um rouco falseto.

– Não disse.

O sr. O'Connor pôs o cigarro na boca e começou a procurar alguma coisa nos bolsos. Puxou um maço de finos cartões de papel.

– Vou pegar um fósforo, disse o velho.

– Não precisa, isso aqui serve, disse o sr. O'Connor.

Ele pegou um dos cartões e leu o que estava escrito:

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DISTRITO DA ROYAL EXCHANGE

O sr. Richard J. Tierney, Guardião da Lei dos Pobres, vem respeitosamente pedir o seu apoio e o seu voto na próxima eleição a ser realizada no Distrito da Royal Exchange.

O sr. O'Connor tinha sido contratado pelo agente do sr. Tierney como cabo eleitoral do distrito mas, como o tempo não dava trégua e as botas dele estavam molhadas, passou boa parte do dia sentado ao pé do fogo na sala do comitê na Wicklow Street com Jack, o velho zelador. Os dois estavam sentados desde que o curto dia havia escurecido. Era 6 de outubro, e fazia um dia frio e triste na rua.

O sr. O'Connor rasgou uma tira do cartão e, depois de acendê-la, acendeu o cigarro. No entanto, a chama pegou em uma folha de hera escura e brilhosa que trazia na lapela do casaco. O velho observou-o atentamente e, depois de pegar mais uma vez o pedaço de papelão, começou a abanar o fogo devagar enquanto o companheiro fumava.

– Enfim, disse, continuando o que estava dizendo, é difícil saber como criar os filhos. Quem ia imaginar que podem acabar desse jeito? Eu o matriculei na Christian Brothers e fiz tudo o que eu pude, e agora ele anda por aí enchendo a cara. Eu queria que ele fosse um rapaz decente.

O homem guardou o papelão com um ar de cansaço.

– Se eu não estivesse tão velho eu ia acabar com essa farra. Eu pegaria a bengala e daria uma bela surra até que aprendesse a me obedecer – como fiz tantas vezes. A mãe, o senhor sabe, fica sempre cheia de mimos...

– É isso o que estraga as crianças, disse o sr. O'Connor.

– Não há dúvida, disse o velho. E esses mimos não trazem quase nada de bom, só atrevimento. Ele nunca perde a chance de se aproveitar quando vê que eu tomei um trago. O que está acontecendo com o mundo para os filhos tratarem os pais desse jeito?

– Que idade ele tem?, perguntou o sr. O'Connor.

– Dezenove, respondeu o velho.

– Por que o senhor não arranja alguma coisa para ele fazer?

– Não fiz mais nada para aquele pinguço desde que saiu da escola. *Você não vai viver às minhas custas, digo. Trate de arranjar um emprego sozinho.* Mas, claro, quando ele arranja um emprego é pior; ele bebe todo o salário.

O sr. O'Connor sacudiu a cabeça em solidariedade, e o velho ficou em silêncio, olhando para o fogo. Alguém abriu a porta e disse:

– Olá! O que é isso, uma reunião da Maçonaria?

– Quem é?, perguntou o velho.

– O que vocês estão fazendo no escuro?, perguntou a voz.

– É você, Hynes?, perguntou o sr. O'Connor.

– Sou eu. Mas o que vocês estão fazendo no escuro?, perguntou Hynes, avançando em direção à luz do fogo.

Era um jovem esbelto com um bigode castanho-claro. Iminentes gotinhas de chuva penduravam-se na borda do chapéu, e a gola do casaco estava virada para cima.

– Bem, Mat, disse ele ao sr. O'Connor, como estão as coisas?

O sr. O'Connor balançou a cabeça. O velho se afastou da lareira e, depois de andar com passos trôpegos pelo cômodo, voltou com dois castiçais que foram enfiados um depois do outro no fogo e em seguida levados até a mesa. Uma sala austera se revelou e o fogo perdeu toda a alegre coloração. As paredes da sala estavam vazias, a não ser pela cópia de um discurso eleitoral. No meio da sala havia uma pequena mesa com uma pilha de papéis.

O sr. Hynes escorou-se contra o consolo da lareira e perguntou:

– Ele já pagou você?

– Ainda não, disse o sr. O'Connor. E espero que pelo amor de Deus ele não nos deixe na mão.

O sr. Hynes deu uma risada.

– Ah, ele vai pagar. Pode ficar tranquilo, disse.

– Espero que ele fique esperto se pretende levar isso a sério, disse o sr. O'Connor.

– O que você acha, Jack?, perguntou o sr. Hynes ao velho em tom irônico.

O velho mais uma vez sentou-se ao pé do fogo, dizendo:

– O que eu sei é que ele tem. Diferente daquele outro remendeiro.

– Que outro remendeiro?, quis saber o sr. Hynes.

– Colgan, disse o velho, cheio de desprezo.

– Você diz isso porque Colgan é um operário? Qual é a diferença entre um pedreiro bom e honesto e um taverneiro – hein? Por acaso o operário não tem direito a estar na corporação como qualquer outra pessoa – e com certeza muito mais direito do que aqueles arrivistas que estão sempre de chapéu na mão quando encontram alguém com um título interessante? Não é verdade, Mat?, perguntou o sr. Hynes, dirigindo-se ao sr. O'Connor.

– Acho que você tem razão, disse o sr. O'Connor.

– Um é um homem honesto sem nenhuma intenção oculta. Quer apenas representar a classe operária. O sujeito para quem você está trabalhando quer apenas conseguir um emprego.

– Claro, a classe operária precisa de representação, disse o velho.

– Os operários levam um monte de patadas por uns reles trocados, disse o sr. Hynes. Mas é a classe operária que produz tudo. Os operários não estão em busca de cargos gordos para os filhos e sobrinhos e primos. Os operários não arrastam a honra de Dublin na lama para agradar um monarca alemão.

– Como é?, perguntou o velho.

– Você não sabe que estão querendo fazer um discurso de boas-vindas para o rei Eduardo caso ele apareça aqui no ano que vem? Qual é o nosso interesse em nos humilhar na frente de um rei estrangeiro?

– O nosso candidato não vai apoiar o discurso, afirmou o sr. O'Connor. Ele está com os Nacionalistas.

– Ah, não?, retrucou Hynes. Espere só para ver. Eu o conheço. Ou você acha que foi à toa que ganhou o apelido de Tricky Dicky Tierney?

– Meu Deus! Talvez você tenha razão, Joe, disse o sr. O'Connor. Mas, enfim, eu queria mesmo é que ele aparecesse com a bufunfa.

De repente os três homens calaram-se. O velho começou a juntar mais cinzas com o papelo. O sr. Hynes tirou o chapéu, sacudiu-o e baixou a gola do casaco, revelando com o gesto uma folha de hera na lapela.

– Se esse homem estivesse vivo, disse, apontando para a hera, ninguém cogitaria um discurso de boas-vindas.

– É verdade, disse o sr. O'Connor.

– *Musha*, que Deus esteja com os velhos tempos!, exclamou o velho. Naquela época as pessoas sabiam viver.

Mais uma vez a sala ficou em silêncio. A seguir um homenzinho com o nariz fungante e as orelhas geladas abriu a porta de repente. Caminhou depressa até o fogo, esfregando as mãos como se quisesse fazê-las soltar faíscas.

– Nada de dinheiro, rapazes.

– Sente-se aqui, sr. Henchy, disse o velho, oferecendo a própria cadeira.

– Ah, não, fique aí, Jack, fique aí, disse o sr. Henchy.

Ele acenou a cabeça para o sr. Hynes e sentou-se na cadeira que o velho tinha desocupado.

– Você passou pela Aungier Street?, perguntou ao sr. O'Connor.

– Passei, disse o sr. O'Connor, procurando as anotações no bolso.

– Fez uma visita a Grimes?

– Fiz.

– E então? Qual é a posição dele?

– Não quis fazer nenhuma promessa. Ele disse: *Eu não vou abrir o meu voto para ninguém*.

Mas eu acho que está tudo bem.

– Por quê?

– Ele me perguntou quem eram os outros apoiadores e eu respondi. Mencionei o nome do padre Burke. Acho que está tudo bem.

O sr. Henchy começou a fungar e a esfregar as mãos em frente ao fogo numa velocidade terrível. Em seguida disse:

– Pelo amor de Deus, Jack, traga um pouco de carvão para cá. Ainda deve ter mais um pouco.

O velho saiu da sala.

– Não tem jeito, disse o sr. Henchy, balançando a cabeça. Eu perguntei àquele lambedor de botas, mas ele me respondeu: *Ah, sr. Henchy, quando o trabalho estiver andando como deve eu não vou esquecer do senhor, pode ter certeza*. Que remendeiro desgraçado! *Usha*, o que mais

poderia ser?

– O que foi que eu disse, Mat?, perguntou o sr. Hynes. Tricky Dicky Tierney.

– Ah, ele faz jus à fama de canalha, disse o sr. Henchy. Não é de graça que tem aqueles olhinhos de porco. Quero mais é que vá para o inferno! Será que não poderia falar comigo como um homem em vez de dizer: *Ah, sr. Henchy, agora eu preciso falar com o sr. Fanning... Já gastei um bocado de dinheiro*. Maldito lambedor de botas do inferno! Parece que se esqueceu da época em que o pai cuidava da loja da família na Mary's Lane.

– Mas essa história é verdade?

– Por Deus, é a mais pura verdade, disse o sr. Henchy. Você nunca ouviu falar a respeito? Os homens costumavam ir até lá no domingo pela manhã antes que as tavernas abrissem para comprar um colete ou um par de calças – *moya!* Só que o pai do Tricky Dicky sempre tinha uma garrafinha preta escondida no canto. Entendeu agora? É isso. Foi aí que ele se deu conta.

O velho retornou com alguns pedaços de carvão e os dispôs em cima do fogo.

– É um tratamento e tanto, disse o sr. O'Connor. Como ele espera contar com o nosso apoio se não está disposto a abrir a mão?

– Eu não sei o que fazer, disse o sr. Henchy. Decerto vou encontrar os credores na minha porta quando eu voltar para casa.

O sr. Hynes deu uma risada e, empurrando o corpo para longe do consolo com os ombros, preparou-se para ir embora.

– Tudo vai ficar bem com a vinda do rei Eduardo, disse. Bem, rapazes, por enquanto não há mais o que fazer. Até mais tarde. Tchau.

Ele saiu da sala devagar. Nem o sr. Henchy nem o velho disseram nada, mas, quando a porta estava batendo, o sr. O'Connor, que estava olhando pensativo para o fogo, gritou de repente:

– Tchau, Joe.

O sr. Henchy esperou mais alguns instantes e acenou a cabeça em direção à porta.

– Me conte, disse por cima do fogo, o que trouxe o nosso amigo para cá? O que ele quer?

– *'Usha*, pobre Joe!, respondeu o sr. O'Connor atirando a ponta do cigarro no fogo, ele está duro como nós todos.

O sr. Henchy fungou com força e cuspiu uma quantidade tão grande que por pouco não apagou o fogo, que fez um protesto sibilante.

– A minha opinião pessoal e sincera, disse, é que ele está do outro lado. Eu acho que ele é um espião de Colgan. *Dê uma passada por lá e descubra o que eles estão tramando. Não vão suspeitar de você*. Sabe?

– Ah, coitado, o Joe é um sujeito decente, disse o sr. O'Connor.

– O pai dele era um homem respeitável, admitiu o sr. Henchy. Pobre Larry Hynes! Quantas boas ações não fez em vida! Mas eu realmente temo que o nosso amigo não tenha todo esse quilate. Que inferno, eu entendo alguém estar sem grana, mas não entendo que se preste a ser dedo-duro. Será que ele não tem um pingote de hombridade?

– Eu não ofereço uma recepção muito calorosa quando ele aparece, disse o velho. Que vá trabalhar para o lado dele e não venha xeretar por aqui.

– Eu não sei, disse o sr. O'Connor em tom de dúvida enquanto pegava as folhas de seda e o tabaco. Eu acho que Joe Hynes é um homem honesto. E além do mais tem jeito com as palavras. Vocês lembram daquele negócio que ele escreveu...?

– Alguns desses montanheses e fenianos são espertos demais para o meu gosto, disse o sr. Henchy. Sabem qual é a minha opinião pessoal e sincera a respeito desses palhaços? Acho que a metade deles está na folha de pagamento do Castelo.

– Não há como saber, disse o velho.

– Ah, mas é isso mesmo, sr. Henchy. São caguetas do Castelo... Não estou falando de Hynes... Não, pô, eu acho que ele está acima disso... Mas tem um certo nobre vesgo – sabem quem é o patriota de quem estou falando?

O sr. O'Connor acenou a cabeça.

– Um descendente em linha reta do major Sirr! Ah, o sangue de um patriota! É o tipo de sujeito que venderia o próprio país por quatro pence – e cairia de joelhos e agradeceria a Deus Todo-Poderoso por ter um país que pudesse vender.

Alguém bateu na porta.

– Entre!, disse o sr. Henchy.

Um homem que parecia um eclesiástico pobre ou um ator pobre apareceu na porta. As roupas pretas estavam bem abotoadas no corpo atarracado e era impossível dizer se usava a gola de um eclesiástico ou de um leigo porque a gola do casaco puido, com botões que refletiam a luz dos castiçais, estava virada para cima em volta do pescoço. Usava um chapéu duro de feltro preto. O rosto, que brilhava com os pingos da chuva, tinha o aspecto de um queijo amarelo e úmido a não ser pelos dois pontos rosados que indicavam as maçãs do rosto. De repente o homem abriu a boca comprida para expressar decepção e ao mesmo tempo arregalou os olhos azuis e brilhantes para expressar satisfação e surpresa.

– Ah, padre Keon!, disse o sr. Henchy, pulando da cadeira. É o senhor? Entre!

– Ah, não, não, não!, disse o padre Keon às pressas, fazendo um biquinho com os lábios, como se estivesse dirigindo-se a uma criança.

– O senhor não quer entrar e sentar um pouco?

– Não, não, não!, disse o padre Keon com uma voz discreta, indulgente e aveludada. Não quero incomodar os senhores! Eu estava apenas procurando o sr. Fanning...

– Ele está no *Black Eagle*, disse o sr. Henchy. Mas o senhor não quer mesmo entrar e sentar um pouco?

– Não, não, obrigado. Era apenas uma pequena questão de negócios, disse o padre Keon. Obrigado, de verdade.

Ele se afastou e o sr. Henchy, depois de pegar um dos castiçais, foi até a porta para iluminar o caminho até o andar de baixo.

– Ah, não se preocupe, por favor!

– Não, essa escada é escura demais.

– Não, não, eu consigo ver... Obrigado, de verdade.

– O senhor tem certeza?

– Tenho certeza, obrigado... Obrigado.

O sr. Henchy retornou com o castiçal e largou-o em cima da mesa. Mais uma vez sentou-se ao pé do fogo. A sala ficou em silêncio por alguns instantes.

– John, me diga uma coisa, disse o sr. O'Connor enquanto acendia o cigarro com outro cartão de papel.

– Hm?

– O que ele é afinal de contas?

– Boa pergunta, disse o sr. Henchy.

– Ele e Fanning parecem ser muito próximos. Muitas vezes estão juntos no Kavanagh's. Ele é um padre de verdade?

– Mmmsim, acho que é... Acho que ele é o que se costuma chamar de ovelha negra. Não temos muitas pessoas assim, graças a Deus, mas temos algumas... Ele é um desgraçado qualquer...

– E como é que ele se vira?, perguntou o sr. O'Connor.

– Eis aí um outro mistério.

– Por acaso ele é ligado a alguma capela ou igreja ou instituição ou –

– Não, disse o sr. Henchy. Acho que ele viaja por conta própria... Deus que me perdoe, eu achei que era a nossa dúzia de *stouts*.

– Alguma chance de conseguir algo para beber?, perguntou o sr. O'Connor.

– Eu também estou com a garganta seca, disse o velho.

– Eu já pedi três vezes para aquele lambedor de botas mandar uma dúzia de *stouts* aqui para cima, disse o sr. Henchy. Acabei de pedir mais uma vez, mas ele estava apoiado no balcão em mangas de camisa batendo um papo com Alderman Cowley.

– E você não disse nada?, perguntou o sr. O'Connor.

– Bom, eu não quis interromper a conversa com Alderman Cowley. Mas eu esperei até que ele olhasse para mim e disse: *Não esqueça daquele assunto que estávamos discutindo... Não se preocupe, sr. H.*, disse ele. *Yerra*, com certeza aquele pingão de gente esqueceu.

– Devem estar aprontando alguma coisa por lá, disse o sr. O'Connor depois de refletir um pouco. Ontem eu vi os três conversando a todo vapor na esquina da Suffolk Street.

– Acho que sei qual é o jogo que estão jogando, disse o sr. Henchy. Hoje em dia você precisa de dinheiro para os vereadores se quiser ser prefeito. Aí elegem você. Meu Deus! Estou pensando seriamente em ser vereador. O que vocês acham? Será que eu me sairia bem?

O sr. O'Connor deu uma risada.

– No que depender das dívidas...

– Sair da Mansion House, disse o sr. Henchy, com toda a minha gentinha, com o Jack logo atrás de mim usando uma peruca com talco – que tal?

– E não esqueça de me nomear secretário particular, John.

– Claro. E o padre Keon vai ser o meu capelão particular. Vamos ter festas em família.

– Eu juro, sr. Henchy, disse o velho, o senhor faria mais bonito do que muita gente. Eu estava falando um dia desses com o velho Keegan, o porteiro. *O que você achou do novo patrão, Pat?*, eu perguntei para ele. *Agora você não tem muitas regalias*, disse eu. *Regalias!*, disse ele. *O homem vive de vento e ventura*. E sabe o que ele me disse? Juro por Deus, eu nem acreditei.

– O quê?, perguntaram o sr. Henchy e o sr. O'Connor.

– Ele disse: *O que você acha de um prefeito de Dublin que pede meio quilo de costeletas para o jantar? Que tipo de regalia é essa?*, perguntou. Eu disse, *Wisha, wisha! Meio quilo de costeletas na Mansion House*, disse ele. Eu disse *Wisha!*, *que tipo de gente é essa?*

Nesse momento alguém bateu na porta e um rapaz enfiou a cabeça para dentro da sala.

– O que houve?, perguntou o velho.

– Entrega do *Black Eagle*, disse o rapaz, entrando de lado e colocando no chão um cesto que fazia barulho de vidro tilintante.

O velho ajudou o rapaz a transferir as garrafas do cesto para a mesa e conferiu a contagem. Depois da transferência o rapaz pôs o cesto no ombro e perguntou:

– Algum casco?

– Que casco?, perguntou o velho.

– Você não vai nem deixar a gente beber antes?, perguntou o sr. Henchy.

– Me disseram para pegar os cascos.

– Volte amanhã, disse o velho.

– Garoto, será que você podia ir até o O'Farrell's e pedir um saca-rolhas? Diga que é para o sr. Henchy. Devolvemos em cinco minutos. Pode deixar o cesto aqui.

O rapaz saiu e o sr. Henchy começou a esfregar as mãos com alegria, dizendo:

– Ah, ele não é tão mau assim no fim das contas. Pelo menos honrou a palavra.
– Não temos copos, disse o velho.
– Ah, não seja por isso, Jack, disse o sr. Henchy. Muita gente boa já bebeu no gargalo antes de nós.

– De qualquer jeito é melhor do que nada, disse o sr. O'Connor.
– Ele não é má pessoa, disse o sr. Henchy, o problema é que Fanning manda e desmanda no desgraçado. Mas tem boas intenções, apesar daquele jeito humilde.

O rapaz voltou com o saca-rolhas. O velho abriu três garrafas e estava devolvendo o saca-rolhas quando o sr. Henchy disse para o rapaz:

– Quer tomar uns goles com a gente, garoto?

– Fico agradecido, senhor.

O velho abriu mais uma garrafa meio a contragosto e entregou-a ao rapaz.

– Que idade você tem?

– Dezesete, disse o rapaz.

Como o velho não disse mais nada o rapaz pegou a garrafa e disse: *Tudo de bom para o senhor* para o sr. Henchy, bebeu todo o conteúdo, pôs a garrafa de volta em cima da mesa e limpou a boca com a manga da camisa. Em seguida pegou o saca-rolhas e saiu de lado pela porta, balbuciando uma espécie de saudação.

– É assim que começa, disse o velho.

– E nem sempre acaba bem, disse o sr. Henchy.

O velho distribuiu as três garrafas que tinha aberto e os homens começaram a beber todos ao mesmo tempo. Depois todos puseram as garrafas em cima do consolo, ao alcance da mão, e deram um suspiro de satisfação.

– Foi um belo dia de trabalho, disse o sr. Henchy depois de uma pausa.

– É mesmo, John?

– Foi sim. Consegui um ou dois votos garantidos na Dawson Street, eu e o Crofton. Cá entre nós, o Crofton é um sujeito decente, mas não vale nada como cabo eleitoral. Não tem lábia nem para jogar aos cachorros. Fica lá parado, olhando para as pessoas enquanto eu me encarrego do falatório.

Nesse ponto dois homens entraram na sala. Um deles era um homem muito gordo, com roupas de sarja azul que pareciam estar prestes a cair daquela figura inclinada. Tinha um rosto enorme com uma expressão que sugeria o aspecto de um bezerro, olhos azuis penetrantes e um bigode grisalho. O outro homem, que parecia muito mais jovem e frágil, tinha um rosto magro e barbeado. Estava usando uma gola dupla muito alta e um chapéu-coco de aba larga.

– Olá, Crofton!, disse o sr. Henchy ao homem gordo. Falando no diabo...

– De onde veio essa bebida?, perguntou o jovem. Por acaso a vaca pariu?

– Ah, como sempre, a primeira coisa que Lyons vê é a bebida!, disse o sr. O'Connor com uma risada.

– É assim que vocês fazem o trabalho de cabo eleitoral enquanto eu e o Crofton estamos no frio e na rua conseguindo votos?

– Vá para o inferno, disse o sr. Henchy; em cinco minutos eu consigo mais votos do que vocês dois conseguiriam juntos em uma semana.

– Abra mais duas garrafas de *stout*, Jack, disse o sr. O'Connor.

– Como, perguntou o velho, se não temos saca-rolhas?

– Espere, espere um pouco!, disse o sr. Henchy, levantando-se de repente. Vocês conhecem esse truque?

Ele pegou duas garrafas da mesa e, depois de levá-las até a lareira, colocou-as em cima da

chapa. Então sentou-se ao pé do fogo e tomou mais um gole de sua garrafa. O sr. Lyons sentou na ponta da mesa, empurrou o chapéu em direção à nuca e começou a balançar as pernas.

– Qual é a minha garrafa?, perguntou.

– Essa aqui, disse o sr. Henchy.

O sr. Crofton sentou-se em um caixote e ficou olhando para a outra garrafa na chapa. Permaneceu em silêncio por dois motivos. O primeiro, suficiente por si só, era que não tinha nada a dizer; e o segundo era que considerava os companheiros inferiores a si próprio. Tinha trabalhado como cabo eleitoral de Wilkins, o Conservador, mas quando os Conservadores retiraram o candidato e, tendo de escolher o menor entre dois males, resolveram apoiar o candidato Nacionalista, passou a trabalhar para o sr. Tierney.

Dentro de alguns instantes um *Poc!* apologetico foi ouvido quando a rolha saltou da garrafa do sr. Lyons. O sr. Lyons saiu da mesa com um salto, foi até a lareira, pegou a garrafa e levou-a de volta para a mesa.

– Eu estava agora mesmo dizendo, Crofton, que conseguimos uns bons votos hoje, gabou-se o sr. Henchy.

– De quem?, perguntou o sr. Lyons.

– Bem, o primeiro foi o Parkes, depois o Atkinson, e depois eu consegui o voto do Ward, da Dawson Street. Um sujeito simpático – um velho Conservador cheio da grana. *Mas o seu candidato não é Nacionalista?*, ele perguntou. *Ele é um homem respeitável*, respondi. *Apoia tudo o que possa beneficiar o país. Ele paga impostos muito altos*, eu disse. *Têm vários imóveis na cidade e três negócios, e assim também se beneficiaria de impostos mais baixos. É um cidadão prestigioso e respeitado, e um Guardião da Lei dos Pobres, e não pertence a partido nenhum, seja bom, ruim ou indiferente. É assim que se fala com o eleitorado.*

– E o discurso de boas-vindas ao rei?, perguntou o sr. Lyons, depois de tomar um gole e estalar os lábios.

– Escute, disse o sr. Henchy. O que a gente quer nesse país, como eu disse para o velho Ward, é capital. A vinda do rei significa a entrada de dinheiro no país. Os cidadãos de Dublin vão ser beneficiados. Pense em quantas fábricas paradas existem nos cais! Pense em quanto dinheiro podíamos gerar no país se as antigas indústrias, os moinhos, os estaleiros e as fábricas estivessem em funcionamento! O que a gente quer é capital.

– Mas veja bem, John, disse o sr. O'Connor. Por que haveríamos de dar boas-vindas ao rei da Inglaterra? Por acaso Parnell não...

– Parnell morreu, disse o sr. Henchy. Pelo menos é assim que eu vejo essa questão. Temos um sujeito que ascendeu ao trono depois que a mãe o manteve longe da coroa até que ficasse com os cabelos grisalhos. Ele é um homem do mundo e tem boas intenções. Um sujeito e tanto, se você quer saber o que eu penso, sem nenhuma afetação. Deve pensar: *A velha nunca foi visitar esses irlandeses selvagens. Por Deus, preciso dar um jeito de ir até lá e ver que jeito têm.* E agora nós vamos insultar o sujeito justamente durante uma visita amistosa? Hein? Crofton, o que você me diz?

O sr. Crofton acenou a cabeça.

– Mas você há de concordar, disse o sr. Lyons tentando argumentar, que a vida do rei Eduardo não é muito... você sabe...

– São águas passadas, disse o sr. Henchy. Eu tenho uma grande admiração por ele. É apenas um sujeito comum como eu e você. Aprecia um bom copo de rum e talvez seja um pouco boêmio, e além do mais é um bom esportista. Poxa, será que nós, irlandeses, não podemos jogar limpo?

– Tudo o que você disse é muito bonito, comentou o sr. Lyons. Mas olhe para o caso de Parnell.

– Pelo amor de Deus, disse o sr. Henchy, qual é a semelhança entre os dois casos?

– O que eu estou dizendo, prosseguiu o sr. Lyons, é que temos os nossos ideais. Por que, a essa altura, daríamos boas-vindas a um homem como esse? Por acaso você acha que Parnell seria um líder adequado depois do que fez? Se não, por que agora temos que dar boas-vindas a Eduardo VII?

– Hoje é o aniversário da morte de Parnell, disse o sr. O'Connor, então não vamos cavar esses podres. Todos nós o respeitamos agora que está morto e enterrado – até os Conservadores, acrescentou, virando-se em direção ao sr. Crofton.

Poc! A rolha tardia voou da garrafa do sr. Crofton. O sr. Crofton se levantou do caixote e foi até a lareira. Enquanto voltava com a garrafa, disse com uma voz profunda:

– O nosso lado respeita Parnell porque ele foi um cavalheiro.

– É isso mesmo, Crofton!, disse o sr. Henchy com entusiasmo. Parnell foi a única pessoa que conseguiu manter aquele saco de gatos em ordem. *Quietos, bando de cachorros! Deitados!* Era assim que os tratava. Entre, Joe! Entre!, gritou o sr. Henchy ao ver o sr. Hynes no vão da porta.

O sr. Hynes entrou devagar.

– Abra mais uma *stout*, Jack, disse o sr. Henchy. Ah, eu esqueci que não temos saca-rolhas! Me alcance uma garrafa que eu a ponho na lareira.

O velho entregou-lhe mais uma garrafa e ele a colocou na chapa.

– Sente, Joe, disse o sr. O'Connor, estamos agora mesmo falando sobre o chefe.

– É isso aí, disse o sr. Henchy.

O sr. Hynes sentou-se na lateral da mesa, próximo ao sr. Lyons, mas não disse nada.

– Aí está um dos que nunca o decepcionaram, disse o sr. Henchy. Por Deus, Joe, disso eu tenho certeza! Não, por Deus, você o apoiou até o fim!

– Ah, Joe!, disse o sr. O'Connor de repente. Onde está aquele negócio que você escreveu – lembra? Está com você?

– Ah, claro!, disse o sr. Henchy. Faça uma declamação para a gente. Você já ouviu isso, Crofton? Escute só: é uma coisa esplêndida.

– Vamos lá, disse o sr. O'Connor. Pode começar, Joe.

A princípio o sr. Hynes pareceu não lembrar direito da composição a que estavam se referindo, mas depois de refletir um pouco disse:

– Ah, aquilo? Claro... é uma coisa tão antiga...

– Desembuche!, disse o sr. O'Connor.

– Pst, pst!, fez o sr. Henchy. Joe, vamos!

O sr. Hynes hesitou por mais alguns instantes. Depois, em silêncio, tirou o chapéu, largou-o em cima da mesa e se levantou. Parecia estar ensaiando mentalmente a declamação. Após uma longa pausa ele anunciou:

A MORTE DE PARNELL

6 de outubro de 1891

Limpou a garganta uma ou duas vezes e então começou a recitar:

O nosso rei sem coroa morreu.

Erin, chora com tristeza e pesar,

Pois morto está quem a pérfida corja

*Dos tempos atuais logrou enterrar.
Assassinado por míseros cães
O homem que foi da vileza à glória,
Os sonhos e as esperanças de Erin
Fenecem no triste curso da história.
Onde esteja, o coração irlandês
(Seja nobre ou plebeu, velho ou menino)
Chora de luto – pois hoje perdemos
O nobre arauto de nosso destino.
Queria ver uma Erin gloriosa,
Reunindo sob a verde bandeira
Homens de estado, bardos e soldados
Perante toda a nação estrangeira.
Sonhou (ah, tudo não passou de um sonho!)
Co'a Liberdade: e com valentia
Tentou buscá-la, mas a traição
Separou-o do que tanto queria.
Que a infâmia recaia sobre os covardes
Que o lesaram, ou co'um beijo insincero,
Entregaram-no a uma corja de ratos
Bajuladores – a escória do clero.
Que a lembrança dos inimigos sofra
Co'a profunda vergonha que consome
A memória de traidores que tentam
Manchar a honra de um excelso nome.
Caiu como caem os grandes homens,
Nobre e impávido até o último instante;
E agora na morte está reunido
A heróis do passado como um gigante.
Que a luta não mais lhe perturbe o sono!
Pois já não existe nenhuma agrura,
Nenhuma ambição que agora o incite
Rumo aos píncaros da glória futura.
O inimigo conseguiu derrotá-lo.
Mas, Erin – ouve! Esse espírito há de
Ressurgir, como a Fênix dentre as chamas,
E trazer-nos enfim a Liberdade
Nos raios da aurora de um novo reino –
Quando Erin erguerá as mãos ao céu
Para brindar co'a taça da Alegria
U'a tristeza – a morte de Parnell.*

O sr. Hynes voltou a se sentar. Quando terminou a declamação fez-se silêncio, e em seguida houve uma salva de palmas: até o sr. Lyons aplaudiu. O aplauso continuou por alguns instantes. Quando terminou, todos os ouvintes tomaram um gole em silêncio.

Poc! A rolha voou da garrafa do sr. Hynes, mas o sr. Hynes permaneceu sentado, enrubescido e com a cabeça a descoberto na mesa. Sequer pareceu ter ouvido o convite.

– Muito bem, Joe!, disse o sr. O’Connor, pegando o papel e o tabaco para esconder melhor a emoção.

– O que você achou, Crofton?, gritou o sr. Henchy. Não é excelente? Hein?

O sr. Crofton respondeu que era um excelente poema.

Osr. Holohan, secretário-assistente da Sociedade Eire Abu, vinha caminhando de um lado para o outro em Dublin havia mais de um mês, com as mãos e os bolsos cheios de pedaços sujos de papel, organizando uma série de concertos. Era coxo de uma perna e por isso os amigos chamavam-no de Hoppy Holohan. Caminhava de um lado para o outro o tempo inteiro, parando de vez em quando nas esquinas para discutir o assunto e tomar notas; mas no fim foi a sra. Kearney quem providenciou tudo.

A srta. Devlin havia se transformado na sra. Kearney por desprezo. Tinha estudado em um convento de alto nível onde aprendeu música e francês. Por ter uma tez naturalmente pálida e modos um tanto rígidos, fez poucas amigas na escola. Quando chegou à idade de casar foi enviada para várias casas onde o talento ao piano e os modos irretocáveis foram muito admirados. Ela ficava sentada em meio ao gélido círculo daquelas prendas, esperando que algum pretendente o desbravasse e lhe oferecesse uma vida brilhante. Mas os rapazes que encontrava eram demasiado comuns e ela não os encorajava, e assim tentava aplacar os desejos românticos comendo grandes bocados de manjar turco em segredo. No entanto, quando chegou ao limite e as amigas começaram a soltar a língua ela silenciou-as desposando o sr. Kearney, um fabricante de botas sob medida em Ormond Quay.

O sr. Kearney era muito mais velho do que ela. As conversas do homem, sempre um tanto sérias, ocorriam a intervalos esparsos no interior da grande barba castanha. Depois do primeiro ano de casada, a sra. Kearney percebeu que a longo prazo um homem daqueles seria melhor do que um romântico, mas nunca deixou de lado as próprias ideias românticas. O sr. Kearney era um homem sóbrio, frugal e religioso; comparecia ao altar sempre na primeira sexta-feira do mês, às vezes com ela, em geral sozinho. Mesmo assim, ela nunca se esqueceu da religião e sempre foi uma boa esposa. Nas festas em casas estranhas, bastava que erguesse de leve uma sobancelha para que o sr. Kearney se levantasse, pronto para ir embora; e quando a tosse o incomodava, ela cobria-lhe os pés com o edredom e preparava um ponche forte de rum. O sr. Kearney também era um pai exemplar. Toda semana pagava uma pequena quantia a uma sociedade, e assim assegurava para as duas filhas um dote de cem libras para cada uma quando completassem 24 anos. Mandou Kathleen, a filha mais velha, para um bom convento, onde ela aprendeu música e francês e depois pagou as próprias despesas na Academia de Música. Todo ano, no mês de julho, a sra. Kearney tinha a oportunidade de dizer para as amigas:

– O meu marido vai nos levar para Skerries por algumas semanas.

Se não era Skerries, era Howth ou Greystones.

Quando a Renascença Irlandesa começou, a sra. Kearney resolveu tirar proveito do nome da filha e levou uma professora de irlandês para dentro de casa. Kathleen e a irmã enviavam cartões-postais irlandeses para as amigas e as amigas mandavam de volta outros cartões-postais irlandeses. Nos domingos especiais, quando o sr. Kearney ia com a família até a pró-catedral, um pequeno grupo de pessoas se reunia na esquina da Cathedral Street depois da missa. Eram todos amigos dos Kearney – amigos musicais ou amigos nacionalistas; e, depois de todas as últimas fofocas, todos apertavam as mãos uns dos outros ao mesmo tempo, rindo com o cruzamento de tantas mãos, e se despediam em irlandês. Logo o nome da srta. Kathleen Kearney começou a correr de boca em boca. Diziam que tinha um grande talento musical e que era uma moça muito simpática e, além do mais, engajada no movimento pela língua irlandesa. A sra. Kearney ficou muito satisfeita. Assim, não ficou surpresa quando certo dia o sr. Holohan a

procurou e propôs que Kathleen fizesse o acompanhamento ao piano em uma série de quatro grandes concertos que a Sociedade daria nas Antient Concert Rooms. Ela o recebeu na sala de estar, pediu que sentasse e pegou o decantador e a lata de biscoitos em prata. Mergulhou de coração e alma nos detalhes da empreitada, sugeriu e discordou; e por fim os dois assinaram um contrato que previa o pagamento de oito guinéus para que Kathleen fizesse o acompanhamento ao piano nos quatro grandes concertos.

Como o sr. Holohan era novato em assuntos delicados como a redação do programa e a seleção dos números para o evento, a srta. Kearney dispôs-se a ajudar. Ela tinha tato. Sabia que *artistes* deviam ter o nome grafado em maiúsculas e que *artistes* deviam aparecer em letras miúdas. Sabia que o primeiro tenor não gostaria de se apresentar logo após o número cômico do sr. Meade. Para assegurar o entretenimento constante da plateia ela colocou os números mais duvidosos entre os velhos favoritos. O sr. Holohan procurava-a todos os dias a fim de pedir conselhos sobre uma coisa ou outra. Kathleen era sempre amistosa e ponderada – acolhedora, de fato. Ela empurrava o decantador em direção a ele e dizia:

– Sirva-se, sr. Holohan!

E enquanto ele se servia ela dizia:

– Não se preocupe! Não se preocupe!

Tudo deu certo. A sra. Kearney comprou uma linda *charmeuse* cor-de-rosa na Brown Thomas's para enfeitar o vestido de Kathleen. Custou uns quantos trocados; mas em certas ocasiões essas pequenas despesas são justificáveis. Ela pegou uma dúzia de ingressos de dois xelins para o último concerto e enviou-os para amigos que de outra forma talvez não pudessem comparecer. Não esqueceu de nada e, graças a ela, tudo o que tinha de ser feito foi feito.

Os concertos seriam na quarta, na quinta, na sexta e no sábado. Quando chegou com a filha nas Antient Concert Rooms na noite de quarta-feira, a sra. Kearney não gostou do que viu. Alguns rapazes com distintivos azuis na lapela permaneciam imóveis no vestíbulo; nenhum usava trajes de gala. Passou depressa com a filha e um breve relance em direção à porta do auditório revelou a causa para a imobilidade dos recepcionistas. A princípio ela imaginou que tinha se enganado em relação à hora. Mas não, eram vinte para as oito.

No camarim atrás do palco ela foi apresentada ao secretário da Sociedade, o sr. Fitzpatrick. A sra. Kearney sorriu e apertou-lhe a mão. O secretário era um homenzinho de rosto pálido e sem expressão. Usava o chapéu marrom com desleixo, no lado da cabeça, e falava com um sotaque desagradável. Tinha um programa na mão e, enquanto conversava com a sra. Kearney, mastigou um dos cantos do papel até reduzi-lo a uma papa molhada. Parecia aguentar as decepções com leveza. O sr. Holohan entrava no camarim a toda hora com notícias da bilheteria. Os *artistes* conversavam nervosos entre si, olhavam-se de vez em quando no espelho e abriam e fechavam as partituras. Quando eram quase oito e meia as poucas pessoas no auditório começaram a expressar o desejo de serem entretidas. O sr. Fitzpatrick entrou, abriu um sorriso vazio para a plateia e disse:

– Bem, senhoras e senhores, acho que está na hora de começar o espetáculo.

A sra. Kearney reagiu à entonação débil da última palavra com um olhar de desprezo e em seguida encorajou a filha:

– Está pronta, querida?

Assim que teve a oportunidade, chamou o sr. Holohan para um canto e perguntou o que significava aquilo. O sr. Holohan respondeu que não sabia o que aquilo significava. Disse apenas que o Comitê tinha cometido um engano ao agendar quatro concertos: quatro era demais.

– E os *artistes*?, perguntou a sra. Kearney. Claro que estão fazendo o melhor possível, mas não são nada bons.

O sr. Holohan reconheceu que os *artistes* não eram nada bons, mas, segundo disse, o Comitê havia reservado todas as exibições de talento para a noite de sábado. A sra. Kearney não disse nada, mas, à medida que os números medíocres sucediam-se no palco e a já reduzida plateia reduzia-se cada vez mais, começou a se arrepender de todo o esforço que havia empenhado naquele concerto. Algo a incomodava no desenrolar das coisas, e o sorriso vazio do sr. Fitzpatrick a irritava demais. Mesmo assim, não disse nada e preferiu esperar para ver como acabaria. O concerto terminou pouco antes das dez horas e todos foram embora em seguida.

O concerto da noite de quinta-feira teve um público maior, mas a sra. Kearney viu que o auditório estava cheio de papéis. O público estava se comportando de maneira indecorosa, como se o concerto fosse um simples ensaio geral. O sr. Fitzpatrick dava a impressão de estar satisfeito; sequer imaginava que a sra. Kearney estivesse irritada com sua conduta. O secretário estava junto da cortina e de vez em quando espichava a cabeça e ria com dois amigos que estavam no canto do mezanino. Mais tarde a sra. Kearney descobriu que o concerto de sexta-feira tinha sido cancelado e que o Comitê moveria o céu e a terra para garantir uma casa lotada na noite de sábado. Assim que recebeu a notícia, tratou de procurar o sr. Holohan. Ela o puxou enquanto coxeava depressa trazendo na mão um copo de refrigerante para uma moça e perguntou se aquilo era verdade. Sim, era verdade.

– Mas é claro que isso não altera o contrato, disse a sra. Kearney. O contrato previa quatro concertos.

O sr. Holohan parecia estar com pressa e sugeriu que ela procurasse o sr. Fitzpatrick. Nesse ponto a sra. Kearney começou a ficar alarmada. Ela chamou o sr. Fitzpatrick para longe da cortina e disse que a filha tinha assinado um contrato para quatro concertos e que, de acordo com as cláusulas do contrato, ela deveria receber a soma estipulada mesmo que a Sociedade resolvesse não realizar todos os quatro concertos. O sr. Fitzpatrick, que levou algum tempo para entender do que se tratava, pareceu incapaz de resolver a questão e disse que levaria o assunto ao conhecimento do Comitê. A raiva da sra. Kearney subiu-lhe ao rosto e ela precisou se segurar para não dizer:

– E quem é o Comitê?

Mas ela sabia que não seria decoroso falar assim, e portanto continuou em silêncio.

Garotinhos foram mandados às principais ruas de Dublin na manhã de sexta-feira com pilhas de panfletos. Elogios rasgados apareceram nos jornais vespertinos para lembrar os amantes da música do grande espetáculo que os aguardava na noite seguinte. A sra. Kearney sentiu-se um pouco mais aliviada, mas teve por bem confiar ao marido parte das suspeitas que a incomodavam. O sr. Kearney ouviu tudo com atenção e disse que talvez fosse melhor se a acompanhasse no concerto de sábado à noite. Ela concordou. Respeitava o marido com o mesmo respeito que tinha pela Agência Central dos Correios, como algo sólido, garantido e seguro; e, embora soubesse que não tinha muitos talentos, apreciava o valor simbólico que tinha como homem. Ela se alegrou com a ideia da companhia. Repensou os planos.

A noite do grande concerto chegou. A sra. Kearney, com o marido e a filha, chegou às Antient Concert Rooms 45 minutos antes do início do concerto. Por azar fez uma noite chuvosa. A sra. Kearney deixou as roupas e as partituras da filha aos cuidados do marido e andou por toda a construção procurando o sr. Holohan ou o sr. Fitzpatrick. Não encontrou nenhum dos dois. Perguntou aos recepcionistas se algum membro do Comitê estava presente e, depois de muita dificuldade, um dos recepcionistas trouxe uma mulherzinha chamada srta. Beirne, a quem a sra. Kearney explicou que gostaria de falar com um dos secretários. A srta. Beirne disse que os esperava a qualquer momento e perguntou se poderia ajudar de alguma forma. A sra. Kearney lançou um olhar inquisitório em direção àquele velho rosto contorcido em uma expressão de

confiança e entusiasmo e respondeu:

– Não, obrigada!

A mulherzinha achava que teriam uma casa cheia. Ficou olhando para a chuva lá fora até que a melancolia da rua molhada apagasse toda a confiança e todo o entusiasmo daquele semblante contorcido. Então soltou um pequeno suspiro e disse:

– Bem, paciência! Fizemos tudo que podíamos.

A sra. Kearney precisou voltar ao camarim.

Os *artistes* estavam chegando. O baixo e o segundo tenor já estavam lá. O baixo, o sr. Duggan, era um jovem esbelto com um bigode preto e ralo. Era filho do porteiro de um prédio oficial na cidade e, durante a infância, tinha cantado longas notas graves pelos corredores ribombantes. Apesar do início humilde, tinha virado um *artiste* de primeira categoria. Havia cantado na ópera. Certa noite, quando um dos *artistes* operáticos adoeceu, assumiu o papel do rei na ópera *Maritana* no Queen's Theatre. Cantou com grande emoção e uma excelente impostação e foi muito bem recebido pela galeria; mas infelizmente estragou essa boa impressão ao esfregar distraidamente o nariz por uma ou duas vezes com a mão enluvada. Era uma figura introvertida e pouco falante. Dizia *menas* com tanto jeito que aquilo passava despercebido, e nunca bebia nada mais forte do que leite para não estragar a voz. O sr. Bell, o segundo tenor, era um homenzinho de cabelos claros que todo ano disputava prêmios no Feis Ceoil. Na quarta tentativa ganhou uma medalha de bronze. Estava muito nervoso e muito enciumado dos outros tenores, mas escondia esse ciúme nervoso atrás de uma simpatia efervescente. Gostava que todos soubessem o suplicio que era cantar em um concerto. Assim, ao ver o sr. Duggan, perguntou:

– Você também está nessa?

– Estou, disse o sr. Duggan.

O sr. Bell riu do companheiro de agruras, estendeu a mão e disse:

– Então aperte aqui!

A sra. Kearney passou pelos dois rapazes e foi até a cortina para ver o público da casa. O público ocupava os lugares depressa, e um agradável murmúrio tomou conta do auditório. A esposa voltou e falou com o marido em particular. Ficou claro que o assunto era Kathleen, pois volta e meia os dois olhavam para a filha enquanto ela confabulava com uma das amigas nacionalistas – a srta. Healy, a contralto. Uma mulher desconhecida e solitária de rosto pálido atravessou o recinto. As mulheres acompanharam de perto o vestido azul desbotado que recobria o corpo magro. Alguém disse que aquela era madame Glynn, a soprano.

– Eu gostaria de saber onde foi que a encontraram, disse Kathleen para a srta. Healy. Eu nunca tinha ouvido falar dela.

A srta. Healy não conteve um sorriso. O sr. Holohan entrou mancando no camarim naquele exato instante e as duas moças perguntaram quem era a mulher desconhecida. O sr. Holohan disse que era a madame Glynn, de Londres. Madame Glynn assumiu o posto em um canto da sala, segurando um rolo de partitura diante de si e mudando a direção do olhar assustado de vez em quando. A sombra escondeu o vestido desbotado, mas vingou-se ao se projetar na pequena depressão por trás da clavícula. O barulho no auditório ficou mais audível. O primeiro tenor e o barítono chegaram juntos. Estavam ambos bem-vestidos, robustos e satisfeitos, e assim trouxeram um sopro de opulência à companhia.

A sra. Kearney aproximou-se com a filha e começou uma amigável conversa. Queria estar à vontade com os dois, porém mesmo que se esforçasse para causar uma boa impressão não conseguia deixar de seguir os passos tortuosos e claudicantes do sr. Holohan com o olhar. Assim que teve a oportunidade, pediu licença e foi procurá-lo.

– Sr. Holohan, eu gostaria de falar com o senhor por um instante, disse.

Os dois foram até um canto discreto no corredor. A sra. Kearney quis saber quando a filha seria paga. O sr. Holohan disse que o sr. Fitzpatrick era o responsável pelo pagamento. A sra. Kearney disse que não queria saber do sr. Fitzpatrick. A filha tinha assinado um contrato de oito guinéus e teria de receber essa quantia. O sr. Holohan disse que o assunto não lhe dizia respeito.

– Por que não lhe diz respeito?, perguntou a sra. Kearney. Não foi o senhor quem trouxe o contrato? Seja como for, esse assunto me diz respeito e pretendo cuidar dele.

– É melhor a senhora falar com o sr. Fitzpatrick, disse o sr. Holohan com um ar distante.

– Não quero saber do sr. Fitzpatrick, repetiu a sra. Kearney. Eu tenho um contrato e espero que ele seja honrado.

Quando voltou ao camarim ela tinha o rosto levemente enrubescido. O auditório estava muito animado. Dois homens em trajes de passeio haviam se apossado da lareira e conversavam em um tom bastante familiar com a srta. Healy e o barítono. Eram o repórter do *Freeman* e o sr. O'Madden Burke. O repórter do *Freeman* tinha aparecido para explicar que não poderia esperar pelo concerto porque tinha de escrever sobre a palestra que um padre americano daria na Mansion House. Pediu que deixassem uma resenha no escritório do *Freeman* e garantiu que daria um jeito de publicá-la. Era um homem grisalho, com uma voz plausível e modos delicados. Tinha um charuto apagado na mão, e o cheiro da fumaça pairava a seu redor. Não tinha planos de ficar no auditório um instante sequer, porque concertos e *artistes* causavam-lhe um aborrecimento considerável, mas permaneceu escurado no consolo da lareira. A srta. Healy estava logo à frente, falando e rindo. O jornalista tinha idade suficiente para suspeitar do motivo para tamanha polidez, mas também era jovem o bastante para tirar proveito da ocasião. O calor, a cor e o perfume daquele corpo despertavam-lhe os sentidos. Tinha uma agradável consciência de que o seio que via erguer-se e abaixar-se devagar naquele instante se erguia e se abaixava por sua causa – de que a risada e o perfume e os olhares matreiros eram um tributo. Quando não podia mais ficar, despediu-se a contragosto.

– M'Madden Burke vai escrever a resenha, disse ao sr. Holohan, e eu dou um jeito de fazer com que seja publicada.

– Muito obrigado, sr. Hendrick, disse o sr. Holohan. Eu sei que o senhor vai dar um jeito. Não gostaria de beber alguma coisa antes de ir embora?

– Não é má ideia, disse o sr. Hendrick.

Os dois homens atravessaram passagens tortuosas e subiram uma escadaria escura e chegaram a uma sala afastada onde um dos recepcionistas estava abrindo garrafas para alguns cavalheiros. Um desses cavalheiros era o sr. O'Madden Burke, que havia encontrado a sala por instinto. Era um homem idoso de modos corteses que equilibrava o corpanzil em um grande guarda-chuva de seda quando estava em repouso. O magniloquente nome ocidental era o guarda-chuva moral em que equilibrava delicados problemas financeiros. Era um homem muito respeitado.

Enquanto o sr. Holohan entretinha o repórter do *Freeman*, a sra. Kearney falava com tanta empolgação ao marido que foi necessário pedir que baixasse o tom de voz. A conversa dos outros no camarim já soava forçada. O sr. Bell, o primeiro a se apresentar, estava de partitura em punho, mas a pianista não esboçou nenhum movimento. Com certeza alguma coisa estava errada. O sr. Kearney ficou olhando para frente e coçando a barba enquanto a sra. Kearney cochichava alguma coisa para Kathleen com uma ênfase contida. Do auditório vinham sons de incentivo, palmas e o barulho de pés batendo no chão. O primeiro tenor e o barítono e a srta. Healy estavam juntos, esperando com tranquilidade, mas os nervos do sr. Bell estavam muito agitados porque temia que a plateia achasse que tinha se atrasado.

O sr. Holohan e o sr. O'Madden Burke entraram no camarim. No mesmo instante o sr.

Holohan percebeu o silêncio. Foi até a sra. Kearney e os dois conversaram em tom sério. Enquanto conversavam, o barulho da plateia aumentou. O sr. Holohan estava muito vermelho e exasperado. Falou um bocado, mas a sra. Kearney limitava-se a dizer de tempos em tempos:

– Ela não vai subir ao palco. Não sem antes receber os oito guinéus.

O sr. Holohan apontou desesperado para o auditório, onde a plateia aplaudia e batia os pés. O sr. Holohan suplicou para o sr. Kearney e para Kathleen. Porém o sr. Kearney continuou a cofiar a barba e Kathleen olhou para baixo enquanto mexia a ponta do sapato novo: ela não tinha culpa. A sra. Kearney repetiu:

– Ela não vai subir ao palco se não receber.

Depois de uma rápida disputa de línguas o sr. Holohan saiu às pressas. O camarim ficou em silêncio. Quando a tensão do silêncio tornou-se dolorosa a srta. Healy perguntou ao barítono:

– O senhor viu a srta. Pat Campbell essa semana?

O barítono não a tinha visto, mas tinha ouvido falar que estava muito bem. A conversa não seguiu adiante. O primeiro tenor baixou a cabeça e pôs-se a contar os elos da corrente dourada que se estendia ao longo da própria cintura, sorrindo e cantarolando notas aleatórias para observar o efeito no seio frontal da face. De vez em quando alguém lançava um olhar em direção à sra. Kearney.

O barulho no auditório havia se transformado em um verdadeiro clamor quando o sr. Fitzpatrick entrou na sala, seguido pelo ofegante sr. Holohan. As palmas e o rumor de pés batendo no chão vinham acompanhados de assovios. O sr. Fitzpatrick trazia algumas cédulas na mão. Contou quatro cédulas na mão da sra. Kearney e disse que ela receberia a outra metade durante o intervalo. A sra. Kearney disse:

– Faltam quatro xelins.

Mas Kathleen juntou a saia e disse ao primeiro *artiste*, que tremia como vara verde: *Vamos, sr. Bell*. O cantor e a pianista saíram juntos. O barulho no auditório parou. Houve uma pausa de alguns segundos; e então se ouviram as notas do piano.

A primeira parte do concerto foi um sucesso, a não ser pelo número de madame Glynn. A pobrezinha cantou *Killarney* com uma voz débil e arquejante e usou todos os maneirismos antigos de entonação e pronúncia que supunha darem maior elegância ao canto. Dava a impressão de ter sido ressuscitada dos antigos figurinos de teatro, e os assentos mais baratos do auditório debocharam das estridentes notas agudas. Com o primeiro tenor e o contralto, no entanto, o auditório veio abaixo. Kathleen tocou uma seleção de canções irlandesas que foi recebida com aplausos generosos. A primeira parte se encerrou com uma declamação patriótica comovente feita por uma jovem que organizava apresentações amadoras de teatro. A declamação recebeu os aplausos merecidos; e, quando terminou, os homens saíram para o intervalo satisfeitos.

Durante todo esse tempo o camarim parecia um formigueiro de entusiasmo. Em um dos cantos estavam o sr. Holohan, o sr. Fitzpatrick, a srta. Beirne, dois recepcionistas, o barítono, o baixo e o sr. O'Madden Burke. O sr. O'Madden Burke disse que aquela era a apresentação mais escandalosa que já tinha visto. Disse que a carreira musical de Kathleen Kearney em Dublin estaria acabada ao fim da apresentação. Perguntaram ao barítono o que tinha achado da conduta da sra. Kearney. Ele não quis dizer nada. Tinha recebido o pagamento e queria continuar de bem com todos. No entanto, disse que a sra. Kearney podia ter levado os *artistes* em consideração. Os recepcionistas e secretários tiveram um acalorado debate sobre o que devia ser feito quando chegou a hora do intervalo.

– Eu concordo com a srta. Beirne, disse o sr. O'Madden Burke. Não pague nada.

Em outro canto do camarim estavam a sra. Kearney e o marido, o sr. Bell, a srta. Healy e a jovem que havia recitado o poema patriótico. A sra. Kearney disse que a maneira como o

Comitê a havia tratado era um escândalo. Ela não tinha poupado gastos nem esforços e não merecia ser tratada daquele jeito.

Achavam que só porque estavam lidando com uma garota poderiam fazer o que bem entendessem. Mas ela mostraria que estavam errados. Nunca teriam tratado a menina daquela forma se ela fosse um homem. Mesmo assim, se encarregaria de fazer com que respeitassem os direitos da filha: não se deixaria enganar. Se não a pagassem até o último centavo ela causaria um alvoroço em Dublin. Claro que lamentava pelos outros *artistes*. Mas o que mais poderia fazer? Apelou para o segundo tenor, que tinha dito que achava que não a haviam tratado da maneira devida. Em seguida apelou para a srta. Healy. A srta. Healy queria se juntar ao outro grupo, mas não fez isso porque era uma grande amiga de Kathleen e porque costumava frequentar a casa dos Kearney.

Assim que a primeira parte acabou o sr. Fitzpatrick e o sr. Holohan foram até a sra. Kearney e disseram que os quatro guinéus restantes seriam pagos após a reunião do Comitê na terça-feira seguinte e que, se a filha não tocasse na segunda parte, o Comitê consideraria o contrato rescindido e não pagaria nada.

– Eu não vi nenhum Comitê, disse a sra. Kearney, irritada. A minha filha tem um contrato. Ou ela recebe quatro libras e oito xelins na mão ou o pé dela não pisa naquele palco.

– Estou muito surpreso com essa atitude, sra. Kearney, disse o sr. Holohan. Nunca achei que a senhora fosse nos tratar dessa maneira.

– Mas como foi que os senhores me trataram?, perguntou a sra. Kearney.

O rosto estava inundado por uma cor raivosa e ela parecia estar prestes a atacar alguém com as mãos.

– Estou exigindo os meus direitos.

– A senhora podia ter um mínimo de decência, disse o sr. Holohan.

– É mesmo...? Pois quando eu pergunto quando os senhores vão pagar a minha filha eu não consigo uma resposta decente.

Ela jogou a cabeça para trás e falou com atrevimento na voz:

– Fale com o secretário. Isso não é assunto meu, eu sou o grande bambambã.

– Achei que a senhora era uma dama, disse o sr. Holohan antes de ir embora de repente.

A partir de então a conduta da sra. Kearney foi condenada sem exceção por aqueles presentes: todos estavam de acordo com o que o Comitê havia decidido. Ela ficou na porta, exausta de raiva, discutindo com o marido e a filha, gesticulando. Esperou até que a segunda parte começasse na esperança de que os secretários fossem procurá-la. Porém a srta. Healy havia gentilmente concordado em tocar um ou dois acompanhamentos. A sra. Kearney precisou abrir caminho para que o barítono e a pianista subissem ao palco. Por um instante ela permaneceu como uma estátua raivosa e, quando as primeiras notas musicais foram ouvidas, pegou o casaco da filha e disse ao marido:

– Chame um coche!

O sr. Kearney saiu no mesmo instante. A sra. Kearney cobriu a filha com o casaco e seguiu o marido. Inclinou-se ao atravessar a porta e encarou o sr. Holohan.

– Eu ainda tenho muito o que falar com o senhor, disse.

– Eu não tenho nada a falar com a senhora, respondeu o sr. Holohan.

Kathleen seguiu a mãe de cabeça baixa. O sr. Holohan começou a andar de um lado para o outro no recinto a fim de se acalmar, pois sentia a pele em chamas.

– Que senhora bem-educada!, exclamou. Ah, que senhora bem-educada!

– O senhor agiu da maneira certa, sr. Holohan, disse o sr. O'Madden Burke, escorado no guarda-chuva.

Dois cavalheiros que na hora estavam no lavatório ajudaram-no a levantar, mas não havia muito o que fazer. Ele ficou encolhido no pé da escada de onde havia caído. Os homens só conseguiram virá-lo. O chapéu tinha rolado alguns metros para longe e as roupas estavam sujas com a imundície e a umidade do chão onde havia caído de cara. Os olhos estavam fechados, e ele respirava com um barulho estranho. Um filete de sangue escorria pelo canto da boca.

Esses dois cavalheiros e um dos garçons carregaram-no até o andar de cima e o colocaram no chão do bar. Em dois minutos estava cercado por homens. O gerente do bar perguntou aos clientes quem era aquele homem e quem estava com ele. Ninguém o conhecia, mas um dos garçons disse que havia servido uma dose pequena de rum ao cavalheiro.

– Ele estava sozinho?, perguntou o gerente.

– Não, senhor. Havia outros dois cavalheiros com ele.

– E onde estão eles?

Ninguém sabia; uma voz disse:

– Abram espaço. Ele está desmaiado.

O círculo de espectadores se distendia e voltava a fechar-se de maneira elástica. Uma medalha escura de sangue havia se formado próximo à cabeça do homem no chão tesselado. O gerente, alarmado ao perceber a palidez cinzenta no rosto do homem, mandou chamar um policial.

O homem estava com a gola desabotoada e o nó da gravata desfeito. Abriu os olhos por um instante, suspirou e tornou a fechá-los. Um dos cavalheiros que o haviam levado para o andar de cima trazia um chapéu de seda encardido na mão. O gerente perguntou diversas vezes se alguém sabia quem era aquele homem ou para onde os amigos dele tinham ido. A porta do bar se abriu e um imenso policial entrou. A multidão que o seguiu pela rua ficou reunida do lado de fora da porta, tentando enxergar através das folhas de vidro.

Na mesma hora o gerente começou a relatar o que sabia. O policial, um jovem de feições grossas e impassíveis, escutou. Movia a cabeça vagarosamente da esquerda para a direita e do gerente para a pessoa caída no chão, como se temesse alguma espécie de engodo. A seguir tirou a luva, sacou uma caderneta da cintura, lambeu o grafite do lápis e se preparou para fazer o registro. Perguntou em um sotaque provinciano suspeito:

– Quem é esse homem? Qual é o nome e o endereço dele?

Um jovem com roupa de ciclismo abriu caminho pelo círculo de espectadores. Ajoelhou-se ao lado do homem ferido e pediu um copo d'água. O policial também se ajoelhou para ajudar. O jovem lavou o sangue na boca do homem e em seguida pediu um pouco de conhaque. O policial repetiu a ordem em tom autoritário e por fim um garçom veio correndo com o copo. O conhaque foi colocado na boca do homem à força. Passados alguns segundos ele abriu as pálpebras e olhou ao redor. Olhou para o círculo de rostos e, depois de compreender o que estava acontecendo, tentou ficar de pé.

– O senhor está bem?, perguntou o jovem com a roupa de ciclista.

– Ah, 'ão foi 'ada, disse o homem ferido enquanto tentava se levantar.

Ofereceram-lhe apoio. O gerente disse alguma coisa a respeito de um hospital e alguns dos espectadores ofereceram conselhos. O chapéu de seda amarrotado foi posto na cabeça do homem. O policial perguntou:

– Onde o senhor mora?

O homem, sem responder, começou a torcer as pontas do bigode. Fez pouco-caso do acidente. Não era nada, disse: apenas um pequeno acidente. A fala do homem estava pastosa.

– Onde o senhor mora?, repetiu o policial.

O homem pediu que chamassem um coche. Enquanto discutiam o assunto um cavalheiro alto e ágil de tez clara, trajando um longo sobretudo amarelo, saiu do canto mais distante do bar. Ao ver o espetáculo, gritou:

– Olá, Tom, meu velho! Qual é o problema?

– Ah, 'ão foi 'ada, disse o homem.

O recém-chegado examinou a figura deplorável diante de si e virou-se em direção ao policial, dizendo:

– Está tudo certo. Eu o acompanho até em casa.

O policial tocou o capacete e respondeu:

– Tudo bem, sr. Power!

– Vamos lá, Tom, disse o sr. Power, tomando o amigo pelo braço. Você não tem nenhuma fratura. E então? Consegue caminhar?

O jovem com a roupa de ciclista segurou o outro braço do homem e a multidão se dividiu.

– Como você se meteu nessa enrascada?, perguntou o sr. Power.

– Esse senhor caiu da escada, disse o jovem.

– Es'ou mui'o agrade'ido, 'enhor, disse o homem ferido.

– Não foi nada.

– 'erá que 'ão podemos 'omar um...?

– Agora não. Agora não.

Os três homens saíram do bar e a multidão correu pelas portas em direção à rua. O gerente levou o policial até a escada para que inspecionasse o local do acidente. Os dois concordaram que o cavalheiro devia ter perdido o equilíbrio. Os clientes retornaram ao balcão e um garçom começou a limpar os resquícios de sangue no chão.

Quando saíram para a Grafton Street o sr. Power assoviou para alguém no lado de fora. O homem ferido disse mais uma vez da melhor maneira que podia:

– Es'ou mui'o agrade'ido, 'enhor. E'pero que a ge'e 'e encon're em ou'ra o'ortu'idade. O meu 'ome é Kernan.

O choque e a dor incipiente o haviam deixado um pouco mais sóbrio.

– Não há o que agradecer, disse o jovem.

Os dois apertaram as mãos. O sr. Kernan foi colocado no coche e, enquanto o sr. Power dava explicações para o condutor, expressou gratidão ao jovem e lamentou que não pudessem tomar alguma coisa juntos.

– Fica para outra, disse o jovem.

O coche saiu em direção à Westmoreland Street. Quando passou pelo Ballast Office o relógio marcava nove e meia. Um forte vento leste soprava da embocadura do rio. O sr. Kernan estava encolhido de frio. O amigo pediu que contasse como tinha sido o acidente.

– Eu 'ão con'igo, respondeu; a minha 'ingua e'á machuca'a.

– Mostre.

O outro inclinou o corpo e olhou para dentro da boca do sr. Kernan, mas não conseguiu enxergar. Acendeu um fósforo e, protegendo-o com as mãos, olhou mais uma vez para dentro da boca que o sr. Kernan abriu obedientemente. O sacolejar do coche fazia o fósforo balançar para longe e para perto da boca aberta. Os dentes e as gengivas inferiores estavam cobertos de sangue coagulado e um pequeno pedaço da língua parecia ter sido arrancado. O fósforo se apagou.

– Está bem feito, disse o sr. Power.

– Ah, “ão foi na’a, disse o sr. Kernan, fechando a boca e puxando a gola do casaco imundo para junto do pescoço.

Jo sr. Kernan era um viajante comercial da velha escola que acreditava na nobreza dessa vocação. Nunca tinha aparecido na cidade sem um chapéu de seda decente e um par de pernas. Graças a esses dois artigos de vestuário, dizia, um homem podia estar sempre elegante. Perpetuava a tradição de seu Napoleão pessoal, o grande Blackwhite, cuja memória às vezes invocava com histórias e imitações. Os métodos modernos de negócio só o haviam poupado o suficiente para que pudesse ter um pequeno escritório na Crowe Street, cuja persiana ostentava o nome e o endereço da firma – Londres, E. C. No consolo do pequeno escritório um batalhão metálico de latas estava em formação e na mesa em frente à janela estavam quatro ou cinco pequenas tigelas de porcelana em geral cheias até a metade com um líquido preto. Nessas tigelas o sr. Kernan provava o chá. Tomava um gole, saturava o paladar com o sabor e então o cuspiu na grelha da lareira. A seguir fazia uma pausa para avaliar.

O sr. Power, um homem muito mais jovem, trabalhava no Royal Irish Constabulary Office no Castelo de Dublin. O arco de sua escalada social tinha um ponto de intersecção com o arco da decadência do amigo, mas a decadência do sr. Kernan era aliviada pelo fato de que certos amigos que o haviam conhecido no auge do sucesso ainda o estimavam como figura. O sr. Power era um desses amigos. As dívidas inexplicáveis eram assunto corrente no círculo que frequentava; ele era um *bon vivant*.

O coche parou em frente a uma casinha na Glasnevin Road e o sr. Kernan recebeu ajuda para entrar na casa. A esposa o pôs na cama enquanto o sr. Power ficou sentado na cozinha do térreo perguntando às crianças que escola frequentavam e que cartilha estudavam. As crianças – duas meninas e um menino cientes do estado do pai e da ausência da mãe – logo começaram a brincar de cavalinho com o visitante. O sr. Power surpreendeu-se com os modos e o sotaque das crianças e ficou com a testa pensativa. Depois de algum tempo a sra. Kernan entrou na cozinha, exclamando:

– Que situação! Ah, um dia ele ainda vai se dar mal e aí vai ser o fim. Está bebendo desde sexta-feira!

O sr. Power explicou que não era culpa sua, que tinha ido ao local do acidente por um simples acaso. A sra. Kernan, ao lembrar os bons serviços prestados pelo sr. Power em brigas domésticas e de vários empréstimos pequenos, mas oportunos, disse:

– Ah, nem precisa explicar, sr. Power. Eu sei que o senhor é um amigo de verdade, não como aqueles outros com quem ele anda. Aquele bando só se dá por satisfeito enquanto ele tem dinheiro no bolso para ficar longe da esposa e da família. Que belos amigos! Com quem ele estava hoje à noite? Eu gostaria de saber.

O sr. Power balançou a cabeça mas não disse nada.

– Me desculpe, continuou a sra. Kernan, mas eu não tenho nada em casa para oferecer. Se o senhor quiser esperar um minuto eu mando alguém buscar alguma coisa no Fogarty’s logo ali na esquina.

O sr. Power se levantou.

– A gente estava esperando ele trazer o dinheiro para casa. Mas parece que ele nem lembra que tem uma casa.

– Ah, sra. Kernan, disse o sr. Power, nós vamos fazer com que ele vire essa página. Vou falar com o Martin. Ele sempre sabe o que fazer. Vamos fazer uma visita uma noite dessas e discutir o assunto.

Ela o acompanhou até a porta. O cocheiro estava andando de um lado para o outro na estradinha do pátio e balançando os braços para espantar o frio.

– Foi muita gentileza sua acompanhar ele até em casa, disse.

– Não foi nada, disse o sr. Power.

Em seguida entrou no coche. Enquanto se afastava, ergueu o chapéu com alegria para a sra. Kernan.

– Vamos transformá-lo em um novo homem, disse. Boa noite, sra. Kernan.

* * *

O olhar intrigado da sra. Kernan acompanhou o coche até que sumisse de vista. Então ela desviou o olhar, entrou na casa e esvaziou os bolsos do marido.

A sra. Kernan era uma mulher pragmática e ativa de meia-idade. Pouco tempo atrás tinha celebrado as bodas de prata e renovado a intimidade com o marido dançando uma valsa tocada pelo sr. Power ao piano. Quando começou a cortejá-la o sr. Kernan tinha demonstrado certos ares de galanteador, e ela ainda corria para a porta da capela sempre que anunciavam um casamento e, ao ver os noivos, recordava com vívido prazer a vez que saiu da Star of the Sea Church em Sandymount de braço dado com um homem jovial e bem-alimentado que trajava com elegância uma sobrecasaca e calças lavanda enquanto segurava com graça um chapéu de seda na outra mão. Passadas três semanas ela começou a achar a vida de casada monótona e, mais tarde, quando estava começando a achá-la insuportável, foi mãe. O papel de mãe não trouxe nenhuma dificuldade insuperável, e por 25 anos ela cuidou da casa para o marido. Os dois filhos mais velhos haviam se encaminhado. Um deles trabalhava num armarinho em Glasgow e o outro era secretário de um comerciante de chá em Belfast. Eram bons filhos, escreviam regularmente e às vezes mandavam dinheiro para casa. Os outros filhos ainda estavam na escola.

No dia seguinte o sr. Kernan mandou uma carta para o escritório e ficou de cama. Ela preparou uma canja e deu um sermão no marido. Encarava aquela intemperança frequente como parte do clima, cuidava do marido com esmero quando adoecia e sempre tentava fazer com que tomasse o café da manhã. Havia maridos piores. Depois que os meninos cresceram os surtos de violência desapareceram e ela sabia que com um simples pedido ele ia e voltava até o fim da Thomas Street, ainda que fosse para fazer uma pequena encomenda.

Duas noites depois os amigos foram visitá-lo. Ela os acompanhou até o quarto, que estava impregnado com um odor pessoal, e ofereceu-lhes cadeiras ao pé do fogo. A língua do sr. Kernan, que o havia irritado um pouco ao longo do dia em consequência da dor, estava um pouco mais contida. Ele estava sentado na cama, com travesseiros às costas, e o rubor no rosto inchado fazia com que as bochechas parecessem brasas acesas. Pediu desculpas aos visitantes pela desordem no quarto, mas ao mesmo tempo encarou-os com um ar orgulhoso, com o orgulho de um veterano.

Não sabia que estava sendo vítima de um plano que os amigos – o sr. Cunningham, o sr. M'Coy e o sr. Power – haviam revelado à sra. Kernan na sala de estar. A ideia tinha sido do sr. Power, mas a execução do plano ficou a cargo do sr. Cunningham. O sr. Kernan vinha de uma família protestante e, embora tivesse se convertido ao catolicismo na época do casamento, não havia chegado nem perto de uma igreja nos últimos vinte anos. Além do mais, gostava de dar uns cutucões no catolicismo.

O sr. Cunningham era a pessoa ideal para desempenhar a tarefa. Muito tempo atrás ele e o sr. Kernan tinham sido colegas. A vida doméstica do sr. Cunningham não era muito feliz. As pessoas solidarizavam-se porque sabiam que tinha desposado uma mulher inapresentável que era uma bêbada contumaz. Por seis vezes havia mobiliado a casa; e em todas elas a mobília foi penhorada pela esposa.

Todos respeitavam o pobre Martin Cunningham. Era um homem muito sensato, bem-relacionado e inteligente. O leque de conhecimento humano que detinha e a astúcia natural refinada graças a um longo envolvimento com casos de polícia tinham sido temperados com breves mergulhos nas águas da filosofia geral. Era um homem bem-informado. Os amigos dobravam-se às opiniões dele e achavam que tinha o rosto parecido com o de Shakespeare.

Quando o plano foi revelado a sra. Kernan disse:

– Deixo tudo nas suas mãos, sr. Cunningham.

Após 25 anos de vida a dois a sra. Kernan tinha poucas ilusões. A religião era um hábito, e ela imaginava que um homem com a idade do marido não passaria por grandes transformações antes de morrer. Sentiu-se tentada a ver uma estranha conveniência no acidente e, se não fosse o temor de parecer sanguinária, teria dito àqueles senhores que não faria mal nenhum se a língua do sr. Kernan ficasse um pouco mais curta. Mas o sr. Cunningham era um homem hábil; e religião era religião. A ideia poderia dar certo e, se desse errado, não faria mal nenhum. As crenças da sra. Kernan não eram extravagantes. Ela acreditava que o Sagrado Coração era a mais útil dentre todas as devoções católicas e via os sacramentos com simpatia. Tinha a fé limitada pela cozinha, mas se precisasse também poderia acreditar em *banshees* e no Espírito Santo.

Os senhores começaram a falar sobre o acidente. O sr. Cunningham disse que certa vez tinha ouvido falar de um caso semelhante. Um homem de setenta anos havia arrancado um pedaço da língua a mordidas durante um ataque epilético e depois a língua cresceu outra vez e ninguém conseguia ver o menor resquício da mordida.

– Bem, eu não tenho setenta anos, disse o convalescente.

– Deus o livre, disse o sr. Cunningham.

– Ainda está doendo?, perguntou o sr. M'Coy.

Em outras épocas o sr. M'Coy tinha sido um tenor de fama considerável. A esposa, que era soprano, ainda dava aulas de piano para crianças em troca de uma modesta remuneração. O caminho que havia trilhado na vida não era a distância mais curta entre dois pontos, e em certos momentos fora levado a viver da própria astúcia. Tinha trabalhado como secretário na Midland Railway, cabo eleitoral para o *Irish Times* e o *Freeman's Journal*, viajante comercial para uma firma carvoeira, investigador particular, secretário no gabinete do subchefe de polícia e não muito tempo atrás tinha sido nomeado secretário do legista da cidade. O novo emprego despertou interesse profissional pelo caso do sr. Kernan.

– Doendo? Não muito, respondeu o sr. Kernan. Mas é nauseante. Sinto como se eu fosse vomitar.

– Isso é a bebida, disse o sr. Cunningham em tom firme.

– Não, disse o sr. Kernan. Acho que eu peguei um resfriado no coche. Estou com alguma coisa na garganta... catarro ou –

– Muco, disse o sr. M'Coy.

– Eu sinto escorrer pela minha garganta; é nojento.

– Ah, claro, disse o sr. M'Coy, é o tórax.

Ele olhou para o sr. Cunningham e o sr. Power ao mesmo tempo com um desafio no olhar.

O sr. Cunningham acenou a cabeça depressa e o sr. Power disse:

– Ah, tudo está bem quando acaba bem.

– Obrigado, meu velho, disse o convalescente.

O sr. Power fez um gesto displicente com a mão.

– Aqueles outros dois sujeitos que estavam junto comigo –

– Com quem você estava?, perguntou o sr. Cunningham.

– Com um sujeito. Não sei o nome. Que diabo, como é o nome dele? Um sujeito de cabelo claro...

– E quem mais?

– Harford.

– Hm, disse o sr. Cunningham.

Quando o sr. Cunningham fazia essa observação as pessoas se calavam. Sabiam que o interlocutor tinha fontes secretas de informação. Nesse caso, o monossílabo tinha uma intenção moral. O sr. Harford às vezes fazia parte de um pequeno destacamento que deixava a cidade pouco depois do meio-dia de domingo com o propósito de chegar o mais depressa possível a uma taverna na periferia da cidade, onde os membros apresentavam-se como viajantes. Porém os companheiros de viagem jamais esqueceram as origens dele: tinha começado a vida como um agiota obscuro que emprestava pequenas somas monetárias a juros de usura para os operários. Mais tarde seria o sócio de um cavalheiro baixo e muito gordo, o sr. Goldberg, do Liffey Loan Bank. Embora nunca tivesse abraçado mais do que o código ético do judaísmo, os colegas católicos que sofriam extorsão, fosse em pessoa ou por tabela, chamavam-no com amargura de judeu irlandês analfabeto e viam a reprovação divina à usura manifesta na pessoa do filho retardado. Em outros momentos lembravam de suas qualidades.

– Eu gostaria de saber por onde ele anda, disse o sr. Kernan.

Ele queria que os detalhes do incidente permanecessem vagos. Queria que os amigos pensassem que houvera um engano, que ele e o sr. Harford haviam se desencontrado. Porém os amigos, que conheciam muito bem as maneiras do sr. Harford ao beber, permaneceram em silêncio. O sr. Power disse mais uma vez:

– Tudo está bem quando acaba bem.

O sr. Kernan aproveitou para mudar o rumo da conversa.

– Aquele jovem médico foi muito prestativo, disse. Se não fosse por ele –

– Ah, disse o sr. Power, se não fosse por ele talvez você tivesse pegado sete dias sem opção de multa.

– Claro, claro, disse o sr. Kernan, tentando lembrar. Agora eu lembrei que havia um policial. Um sujeito decente, me pareceu. Mas como foi que tudo aconteceu?

– Aconteceu que você estava de porre, Tom, disse o sr. Cunningham em tom grave.

– É verdade, disse o sr. Kernan, em tom igualmente grave.

– Parece que você molhou a mão do policial, Jack, disse o sr. M'Coy.

O sr. Power não gostou de ser chamado pelo primeiro nome. Ele não era uma pessoa reprimida, mas não conseguia esquecer que o sr. M'Coy há pouco tinha feito uma cruzada em busca de valises e *portmanteaus* para que a sra. M'Coy pudesse cuidar de compromissos imaginários no campo. Lamentava, mais do que a própria condição de vítima, a baixeza do jogo que estava sendo jogado. Assim, respondeu à pergunta como se o sr. Kernan a tivesse feito.

A narrativa deixou o sr. Kernan indignado. Tinha plena consciência da própria cidadania, desejava viver na cidade em termos honrosos e ressentia qualquer afronta causada pelas pessoas a quem chamava de grosseirões caipiras.

– É para isso que pagamos impostos?, perguntou. Para dar roupas e comida a esses grosseirões ignorantes? Porque é isso o que eles são!

O sr. Cunningham riu. Ele era um oficial do Castelo apenas durante o expediente.

– E como poderiam ser outra coisa, Tom?, perguntou.

Então falou com um carregado sotaque provinciano e disse, como quem dá ordens:

– Sessenta e cinco, segura o repolho!

Todos riram. O sr. M'Coy, que queria entrar na conversa pela primeira porta que se abrisse,

fingiu que nunca tinha ouvido a história. O sr. Cunningham disse:

– Dizem – contam por aí, sabe como é – que acontece nas instalações onde recebem esses enormes *omadhauns* do campo, sabe, para o treinamento. O sargento manda todo mundo fazer fila de costas para a parede com o prato na mão.

Ele ilustrou a história com gestos grotescos.

– No jantar, sabe? E aí ele tem uma tigela gigantesca de repolho em cima da mesa e uma colher gigantesca que mais parece uma pá. Ele pega um punhado com a colher e arremessa o repolho até o outro lado da sala e os desgraçados têm que tentar aparar a comida no prato: 65, *segura o repolho*.

Todos riram mais uma vez: mas o sr. Kernan continuou um pouco indignado. Falou em escrever uma carta aos jornais.

– Esses vândalos vêm para cá e acham que podem mandar nas pessoas, disse. Não preciso dizer a você que tipo de gente é essa, Martin.

O sr. Cunningham manifestou uma concordância qualificada.

– É como tudo no mundo, disse. Existem os bons e existem os maus.

– Ah, claro, eu reconheço que existem alguns bons, disse o sr. Kernan, satisfeito.

– O melhor é não se envolver com eles, disse o sr. M'Coy. Ao menos essa é a minha opinião!

A sra. Kernan entrou no quarto e, depois de largar uma bandeja em cima da mesa, disse:

– Sirvam-se, cavalheiros.

O sr. Power levantou-se para oferecer-lhe um lugar na cadeira. A sra. Kernan agradeceu a gentileza, mas disse que estava passando roupa no andar de baixo e, depois de trocar um aceno de cabeça com o sr. Cunningham pelas costas do sr. Power, preparou-se para deixar o cômodo.

O marido a chamou:

– E você não trouxe nada para mim, amorzinho?

– Para você? Trouxe as costas da minha mão!, disse de maneira atrevida a sra. Kernan.

O marido disse:

– Nada para o seu pobre maridinho!

Falou com uma expressão e uma voz tão cômicas que a distribuição das garrafas de *stout* aconteceu em clima de alegria geral.

Os cavalheiros beberam dos copos, largaram os copos em cima da mesa e fizeram uma pausa. Então o sr. Cunningham virou-se em direção ao sr. Power e disse como quem não quer nada:

– Na noite de quinta-feira, você disse, Jack?

– Quinta-feira, isso mesmo, respondeu o sr. Power.

– Combinado!, disse o sr. Cunningham no mesmo instante.

– Podemos nos encontrar no M'Auley's, disse o sr. M'Coy. É o lugar mais adequado.

– Mas não podemos nos atrasar, disse o sr. Power com um ar de seriedade, porque com certeza vai ter gente saindo pelo ladrão.

– Podemos nos encontrar às seis e meia, disse o sr. M'Coy.

– Combinado!, disse o sr. Cunningham.

– Seis e meia no M'Auley's!

Fez-se um breve silêncio. O sr. Kernan esperou para ver se os amigos explicariam do que se tratava. Em seguida perguntou:

– O que vocês estão tramando?

– Ah, não é nada, disse o sr. Cunningham. Apenas um programinha que estamos combinando para quinta-feira.

– A ópera?, quis saber o sr. Kernan.

– Não, não, disse o sr. Cunningham em um tom evasivo, apenas um pequeno... assunto espiritual.

– Ah, disse o sr. Kernan.

Mais uma vez fez-se silêncio. Então o sr. Power disse, à queima-roupa:

– Para dizer a verdade, Tom, nós vamos fazer um retiro.

– É isso mesmo, disse o sr. Cunningham; eu e o Jack e o M'Coy aqui – a gente vai pôr tudo em pratos limpos.

Expressiu a metáfora com uma energia quase familiar e, encorajado pelo som da própria voz, prosseguiu:

– Você sabe que no fundo somos um bando de cafajestes, todos nós. Todos nós, acrescentou com uma caridade grosseira enquanto se virava para o sr. Power. Admita!

– Eu admito, disse o sr. Power.

– Eu também admito, disse o sr. M'Coy.

– Então vamos juntos pôr tudo em pratos limpos, disse o sr. Cunningham.

Naquele instante pareceu ter uma ideia. O sr. Cunningham se virou em direção ao convalescente e disse:

– Tom, sabe o que acabou de me ocorrer? Talvez você queira ir junto para a gente dançar um *reel* a quatro mãos.

– Boa ideia, disse o sr. Power. Nós quatro juntos.

O sr. Kernan não disse nada. A proposta sugeria muito pouco em termos concretos, mas, ao perceber que certas agências espirituais estavam prestes a se ocupar de si, pensou que devia à própria dignidade uma atitude renitente. Não participou da conversa por um bom tempo, mas ficou escutando com um ar de inimizade plácida enquanto os amigos discutiam os jesuítas.

– Eu não tenho uma ideia tão ruim dos jesuítas, disse, quando finalmente se manifestou. São uma ordem de eruditos. E também acredito que promovem o bem.

– São a maior ordem na Igreja, Tom, disse com entusiasmo o sr. Cunningham. O general dos jesuítas fica ao lado do papa.

– Não há dúvida, disse o sr. M'Coy, se você quer uma coisa bem feita sem nenhuma sujeira, o negócio é procurar um jesuíta. Eles são os caras mais influentes. Vou dar um exemplo...

– Os jesuítas são um grupo de homens honrados, disse o sr. Power.

– É curioso o que aconteceu com a Ordem dos Jesuítas, disse o sr. Cunningham. Todas as demais ordens da Igreja em algum momento precisaram ser reformadas, mas a Ordem dos Jesuítas nunca sofreu reforma nenhuma. Nunca desviou do caminho.

– É mesmo?, perguntou o sr. M'Coy.

– Isso é um fato, disse o sr. Cunningham. Está nos livros de história.

– Também, olhe para a igreja deles, disse o sr. Power. Olhe para a congregação que têm.

– Os jesuítas servem às classes privilegiadas, disse o sr. M'Coy.

– Mas é claro, disse o sr. Power.

– É, disse o sr. Kernan. É por isso que eu gosto deles. São alguns daqueles padres seculares ignorantes e cheios de si que –

– São todos bons homens, cada um de um jeito, disse o sr. Cunningham. Os eclesiásticos irlandeses são respeitados em todo o mundo.

– É verdade, disse o sr. Power.

– Não como certas irmandades do continente, disse o sr. M'Coy, que são indignas desse nome.

– Talvez você tenha razão, disse o sr. Kernan, cedendo.
– Claro que eu tenho razão, disse o sr. Cunningham. Não vivi todo esse tempo no mundo nem viajei por quase todos os lugares sem julgar o caráter das pessoas.

Os cavalheiros beberam mais uma vez, todos seguindo o exemplo uns dos outros. O sr. Kernan parecia estar fazendo alguma avaliação em pensamento. Estava impressionado. Tinha uma opinião muito favorável a respeito do sr. Cunningham como juiz de caráter e intérprete de rostos. Pediu mais detalhes.

– Ah, é apenas um retiro, sabe?, disse o sr. Cunningham. O padre Purdon é quem está organizando. Para homens de negócio, sabe?

– Ele não vai ser muito durão com a gente, Tom, disse o sr. Power tentando convencê-lo.

– O padre Purdon? Que padre Purdon?, perguntou o convalescente.

– Ah, você deve conhecer, Tom, disse o sr. Cunningham enchendo a boca. Um sujeito e tanto! Ele é um homem do mundo, como nós.

– Ah... entendo. Acho que eu sei quem é. Um alto, de rosto avermelhado?

– O próprio.

– E me diga uma coisa, Martin... Ele é um bom orador?

– Mmm... Não é bem um sermão, sabe? É só uma conversa amistosa, sabe, uma conversa normal.

O sr. Kernan deliberou por alguns instantes. O sr. M'Coy disse:

– Padre Tom Burke, esse era o cara!

– Ah, o padre Tom Burke era um orador nato, disse o sr. Cunningham. Você o escutou alguma vez, Tom?

– Se já o escutei alguma vez!, exclamou o convalescente, irritado. Muitas vezes! Eu o ouvi...

– E mesmo assim dizem que ele não era um teólogo lá muito bom, disse o sr. Cunningham.

– É mesmo?, perguntou o sr. M'Coy.

– Ah, não que tenha nada de errado, claro. Só que às vezes, pelo que dizem, ele não pregava de um jeito muito ortodoxo.

– Ah...! Ele era um homem esplêndido, disse o sr. M'Coy.

– Eu o ouvi uma vez, prosseguiu o sr. Kernan. Mas esqueci o assunto do sermão. Eu e o Crofton ficamos no fundo da... da plateia, sabem... da –

– Da nave, disse o sr. Cunningham.

– Isso, lá atrás, perto da porta. Mas eu esqueci o que... Ah, claro, era o papa, o falecido papa. Agora lembrei. Foi incrível, o estilo da oratória. E que voz! Meu Deus! Que voz! *O prisioneiro do Vaticano*, foi assim que ele chamou o papa. Lembro que quando a gente saiu o Crofton me disse –

– Mas o Crofton é protestante, não?, perguntou o sr. Power.

– Claro que é, disse o sr. Kernan, e um protestante dos bons, aliás. Depois fomos para o Butler's na Moore Street – eu juro, fiquei comovido de verdade, por Deus – e me lembro muito bem das palavras dele. *Kernan*, ele disse, *nós fazemos o culto em altares diferentes*, ele disse, *mas a nossa crença é a mesma*. Achei que foi muito bem dito.

– Essa frase resume um bocado de coisas, disse o sr. Power. Sempre havia multidões de protestantes na capela quando o padre Tom estava pregando.

– Não existe muita diferença entre nós, disse o sr. M'Coy. Todos acreditamos no –

Ele hesitou por um instante.

– ...no Redentor. A única diferença é que eles não acreditam no papa e na mãe de Deus.

– Mesmo assim, disse o sr. Cunningham com voz baixa e de maneira eficaz, a nossa religião é a religião, a fé antiga e original.

– Não há dúvida, disse o sr. Kernan, entusiasmado.

A sra. Kernan apareceu na porta do quarto e anunciou:

– Chegou mais uma visita para você!

– Quem é?

– O sr. Fogarty.

– Ah, entre! Entre!

Um rosto pálido e oval avançou em direção à luz. O longo arco do bigode repetia-se nas sobrancelhas, que se curvavam acima dos olhos agradavelmente surpresos. O sr. Fogarty era um merceeiro humilde. Tinha falido nos negócios em uma taverna na cidade porque a condição financeira em que se encontrava o levou a buscar alianças com destiladores e cervejeiros de segunda classe. Tinha aberto uma pequena loja na Glasnevin Road, onde os modos cortesies haveriam de render-lhe a simpatia das donas de casa do distrito. Portava-se com certa graça, elogiava as crianças e falava com uma enunciação distinta. Não era um homem sem cultura.

O sr. Fogarty havia levado um presente: um quarto de litro de uísque especial. Perguntou educadamente pelo estado de saúde do sr. Kernan, deixou o presente em cima da mesa e sentou-se de igual para igual em meio à companhia. Sabendo que tinha uma pequena conta em aberto com o sr. Fogarty, o sr. Kernan apreciou o presente ainda mais. Disse:

– Eu sabia que podia contar com você, meu velho. Jack pode abrir a garrafa, por favor?

O sr. Power fez as honras. Lavaram-se os copos e cinco pequenas doses de uísque foram servidas. Essa nova influência animou a conversa. O sr. Fogarty, sentado em uma pequena área da cadeira, parecia demonstrar especial interesse.

– O papa Leão XIII, disse o sr. Cunningham, foi um dos luminares da época. O que mais queria, como os senhores sabem, era unir a Igreja grega e a Igreja latina. Era o objetivo da vida dele.

– Várias vezes ouvi dizer que ele era um dos maiores intelectuais da Europa, disse o sr. Power. Quer dizer, afora o fato de ser papa.

– Isso se não fosse o maior, disse o sr. Cunningham. O mote dele como papa era *Lux sobre Lux* – *Luz sobre a Luz*.

– Não, não, interrompeu o sr. Fogarty. Eu acho que o senhor está enganado. Era *Lux in Tenebris*, eu acho – *Luz na Escuridão*.

– Ah, claro, disse o sr. M'Coy, *Tenebrae*.

– Se me permitem, disse o sr. Cunningham de maneira bastante assertiva, o mote era *Lux sobre Lux*. E Pio IX, que veio antes, tinha por mote *Crux sobre Crux* – ou seja, *Cruz sobre Cruz* – para mostrar a diferença entre os dois pontificados.

O comentário foi aceito. O sr. Cunningham prosseguiu.

– Como todos aqui sabem, o papa Leão era um grande erudito e um grande poeta.

– Ele tinha um rosto marcante, disse o sr. Kernan.

– É, disse o sr. Cunningham. E escrevia poesia em latim.

– É mesmo?, perguntou o sr. Fogarty.

O sr. M'Coy tomou um gole de uísque e balançou a cabeça com uma dupla intenção, dizendo:

– Não é brincadeira, eu garanto.

– Nós não aprendemos essas coisas, Tom, disse o sr. Power, seguindo o exemplo do sr. M'Coy, quando frequentamos aquela escola de um penny por semana.

– Muita gente boa frequentou escolas de um penny por semana levando um pedaço de turfa debaixo do braço, sentenciou o sr. Kernan. O antigo sistema era o melhor: uma educação simples e honesta. Nada desse charlatanismo moderno...

– Você tem razão, disse o sr. Power.

– Nada de supérfluo, disse o sr. Fogarty.

Depois de proferir a frase, bebeu com uma expressão grave.

– Eu me lembro de ter lido, disse o sr. Cunningham, que um dos poemas do papa Leão foi sobre a invenção da fotografia – em latim, claro.

– A invenção da fotografia!, exclamou o sr. Kernan.

– É, disse o sr. Cunningham.

Ele também bebeu um gole.

– Bem, disse o sr. M'Coy, a fotografia não é uma coisa incrível quando a gente para para pensar?

– Ora, mas é claro, disse o sr. Power; os grandes intelectos percebem essas coisas.

– Como diz o poeta: *As grandes mentes beiram a loucura*, disse o sr. Fogarty.

O sr. Kernan parecia estar incomodado. Fez um esforço para lembrar-se de alguns detalhes espinhosos da teologia protestante e por fim se dirigiu ao sr. Cunningham.

– Martin, me diga uma coisa. Não existiram uns papas – não o de agora, nem o anterior, mas alguns dos papas antigos – que... digamos... que tinham uns parafusos a menos?

Fez-se silêncio mais uma vez, e o sr. Cunningham disse:

– Ah, claro, tivemos uns papas ruins... Mas o mais surpreendente é o seguinte: nenhum papa, nem mesmo o mais bêbado, nem mesmo o mais... o mais grosseirão, nenhum papa jamais disse uma palavra ou pregou uma palavra falsa *ex cathedra*. Não é impressionante?

– Se é, disse o sr. Kernan.

– Claro, porque o papa é infalível quando fala *ex cathedra*, explicou o sr. Fogarty.

– É, disse o sr. Cunningham.

– Ah, eu sei tudo sobre a infalibilidade do papa. Lembro de quando eu era jovem... Ou foi quando – ?

O sr. Fogarty interrompeu. Pegou a garrafa e serviu mais uma pequena dose no copo dos companheiros. O sr. M'Coy, ao perceber que não havia o suficiente para completar a rodada, alegou que ainda não tinha terminado a primeira dose. Os outros aceitaram a justificativa, ainda que em meio a protestos. A suave música do uísque se derramando nos copos providenciou um agradável interlúdio.

– Do que era mesmo que você estava falando, Tom?, perguntou o sr. M'Coy.

– Da infalibilidade papal, disse o sr. Cunningham. Essa foi a melhor cena de toda a história da Igreja.

– E como foi isso?, perguntou o sr. Power.

O sr. Cunningham ergueu dois dedos grossos.

– No Sacro Colégio, sabe, de cardeais e bispos e arcebispos, havia dois homens contra enquanto todos os outros eram a favor. Todo o conclave estava de acordo, menos esses dois. Não! Eles não queriam saber!

– Ha!, exclamou o sr. M'Coy.

– Era um cardeal alemão chamado Dolling... ou Dowling... ou –

– Dowling não era alemão, disse eu tenho certeza, disse o sr. Power, rindo.

– Bom, esse grande cardeal alemão, qualquer que fosse o nome dele, era um; e o outro era John MacHale.

– O quê?, exclamou o sr. Kernan. John de Tuam?

– Tem certeza?, perguntou o sr. Fogarty com uma nota de ceticismo. Achei que era um italiano ou um americano.

– Era John de Tuam, repetiu o sr. Cunningham.

Então bebeu mais um gole e os outros o acompanharam. Em seguida prosseguiu:

– Estavam todos lá, todos os cardeais e bispos e arcebispos de todos os cantos da Terra e esses dois brigando como cão e gato até que no fim o próprio papa se levantou e declarou *ex cathedra* que a infalibilidade era um dogma da Igreja. No mesmo instante John MacHale, que vinha todo esse tempo argumentando contra, se levantou e gritou com a voz de um leão: *Credo!*

– *Eu creio!*, disse o sr. Fogarty.

– *Credo!*, disse o sr. Cunningham. Isso mostrou a fé que ele tinha. Dobrou-se assim que o papa falou.

– E o Dowling?, perguntou o sr. M'Coy.

– O cardeal alemão não quis se dobrar. Acabou saindo da Igreja.

As palavras do sr. Cunningham tinham evocado a vasta figura da Igreja na imaginação dos ouvintes. A voz profunda e ribombante causou espanto quando proferiu aquela palavra de crença e de submissão. Quando voltou para o quarto, ainda secando as mãos, a sra. Kernan encontrou uma companhia solene. Não perturbou o silêncio, mas inclinou-se por cima do pé da cama.

– Uma vez eu vi o John MacHale, disse o sr. Kernan, e eu nunca vou esquecer aquele dia.

Virou-se em direção à esposa à espera de uma confirmação.

– Eu não lhe contei várias vezes essa história?

A sra. Kernan acenou a cabeça.

– Foi no descerramento da estátua de *Sir John Gray*. Edmund Dwyer Gray estava fazendo um discurso, despejando um falatório, e lá estava aquele sujeito velho, um camarada velho e ranzinza, encarando o orador por debaixo das grossas sobrancelhas.

O sr. Kernan franziu o cenho e, baixando a cabeça como um touro enfezado, encarou a esposa.

– Meu Deus!, exclamou, reassumindo a expressão normal; eu nunca tinha visto aquele olhar no rosto de um homem. Era como se dissesse: *Meu amigo, você está na minha mira*. O homem tinha o olho de um falcão.

– Nenhum dos Gray prestava, disse o sr. Power.

Mais uma vez fez-se uma pausa. O sr. Power virou-se em direção à sra. Kernan e disse com súbita animação:

– Bem, sra. Kernan, parece que vamos transformar o seu marido aqui em um bom católico romano sacrossanto e temente a Deus!

Com um gesto o sr. Power envolveu toda a companhia.

– Vamos todos juntos para um retiro confessar os nossos pecados – e Deus sabe o quanto queremos fazer isso.

– Por mim tudo bem, disse o sr. Kernan, abrindo um sorriso nervoso.

A sra. Kernan achou que seria melhor esconder a satisfação. Então disse:

– Tenho pena do padre que ouvir essa confissão.

A expressão do sr. Kernan se alterou.

– Se o padre não gostar do que tenho a dizer, então que vá... fazer aquilo, retrucou. Eu vou simplesmente contar a minha triste história. Não sou um mau sujeito.

O sr. Cunningham interveio em boa hora.

– Vamos todos renunciar juntos ao demônio, disse, sem esquecer das obras e das pompas do inferno.

– Afasta-te de mim, Satanás!, disse o sr. Fogarty, rindo e olhando para os outros.

O sr. Power não disse nada. Naquele momento sentiu-se completamente usurpado. Mesmo assim, uma expressão alegre iluminou-lhe o rosto.

– Tudo o que precisamos fazer, disse o sr. Cunningham, é segurar umas velas acesas e renovar os votos do nosso batismo.

– Ah, Tom, não esqueça da vela de jeito nenhum, disse o sr. M'Coy.

– Como é?, perguntou o sr. Kernan. Eu preciso de uma vela?

– Precisa, disse o sr. Cunningham.

– Ah, então que se dane; para mim é demais. Eu vou fazer tudo direitinho. Vou participar do retiro e da confissão e de... de tudo mais. Mas... não quero saber de velas! Não, que se dane. Eu proíbo as velas!

Balançou a cabeça com uma expressão grave e farsesca.

– Escutem só!, disse a esposa.

– Eu proíbo as velas, repetiu o sr. Kernan, ciente de ter impressionado a audiência e ainda balançando a cabeça. Proíbo esse negócio de lanterna mágica.

Todos riram com vontade.

– Que maravilha de católico!, disse a esposa.

– Não quero saber de velas!, repetiu com obstinação o sr. Kernan. Isso está fora de cogitação!

* * *

O transepto da Jesuit Church na Gardiner Street estava quase lotado; mesmo assim, a todo instante cavalheiros entravam pela porta lateral e, orientados pelo irmão leigo, caminhavam na ponta dos pés até um assento vago. Os cavalheiros estavam todos asseados e bem-vestidos. A iluminação da igreja derramava-se sobre a assembleia de roupas pretas e golas brancas, atenuada aqui e acolá por um traje de tweed, os pilares malhados de mármore verde e as lúgubres pinturas. Depois de puxar as calças um pouco acima dos joelhos e deixar os chapéus guardados, os cavalheiros sentaram-se nos bancos. Estavam bem no fundo e lançavam olhares solenes em direção à distante luz avermelhada que estava suspensa em frente ao altar.

Em um dos bancos próximos ao púlpito estavam o sr. Cunningham e o sr. Kernan. No banco de trás estava o sr. M'Coy, sozinho; e na fileira ainda mais atrás estavam o sr. Power e o sr. Fogarty. O sr. M'Coy havia tentado sem sucesso encontrar um lugar no mesmo banco dos amigos e, quando o grupo se acomodou na forma de um quincunce, tentou sem sucesso fazer comentários engraçados. Com não foram bem recebidos, desistiu. Até o sr. M'Coy percebeu a atmosfera de decoro e começou a responder aos estímulos religiosos. Em um sussurro o sr. Cunningham chamou a atenção do sr. Kernan para o sr. Harford, o agiota, que estava sentado a certa distância, e para o sr. Fanning, o agente de registros com forte influência política na cidade, que estava sentado debaixo do púlpito ao lado de um dos recém-eleitos conselheiros municipais. À direita estava o velho Michael Grimes, dono de três lojas de penhor, e o sobrinho de Dan Hogan, que estava concorrendo a um cargo na Secretaria do Município. Um pouco mais à frente estava o sr. Hendrick, chefe de reportagem do *Freeman's Journal*, e o pobre O'Carroll, um velho amigo do sr. Kernan que em outras épocas tinha sido um respeitável comerciante. Aos poucos, à medida que reconhecia os rostos, o sr. Kernan começou a se sentir mais à vontade. Trazia no colo o chapéu reabilitado pela esposa. Por uma ou duas vezes ajeitou os punhos da camisa com uma mão enquanto segurava o chapéu de maneira leve e ao mesmo tempo firme com a outra.

Uma figura poderosa, cuja parte superior estava envolta por uma sobrepeliz branca, subiu com dificuldade ao púlpito. De repente todos os integrantes da congregação se agitaram, sacaram os lenços e ajoelharam-se cuidadosamente em cima deles. O sr. Kernan seguiu o exemplo geral. A figura do padre estava de pé no púlpito, coroada pelo enorme rosto vermelho

que surgia acima da balaustrada.

O padre Purdon se ajoelhou, virou-se em direção ao ponto de luz vermelha e, cobrindo o rosto com as mãos, rezou. Passado algum tempo o padre descobriu o rosto e se levantou. A congregação também se levantou e tornou a sentar-se nos bancos. O sr. Kernan restaurou o chapéu ao colo na posição original e exibiu um rosto atento ao pregador. O padre dobrou cada uma das largas mangas da sobrepeliz com um gesto amplo e elaborado e examinou com calma o rosto dos presentes. Depois falou:

Pois os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz. E eu vos digo: fazei amigos com o Dinheiro da iniquidade, a fim de que, no dia em que faltar o dinheiro, estes vos recebam nas tendas eternas.

O padre Purdon recitava o texto com uma convicção ressonante. Era um dos textos de interpretação mais difícil em todas as Escrituras, disse. Era um texto que, para um observador casual, poderia dar a impressão de estar em desacordo com os elevados princípios morais pregados por Jesus Cristo. Porém, conforme explicou aos ouvintes, esse texto parecia oferecer orientações especiais para aqueles cujo quinhão era viver no mundo e que mesmo assim não desejavam levar uma vida mundana. Era um texto para homens de negócio e profissionais. Jesus Cristo, em Sua divina compreensão de todos os recônditos da natureza humana, compreendeu que nem todos os homens tinham vocação para a vida religiosa, e que a maioria era forçada a viver no mundo e, até certo ponto, para o mundo: e com aquele ensinamento Ele teve por bem oferecer uma palavra de conselho, dando como exemplos de vida religiosa os adoradores do Dinheiro que, dentre todos os homens, eram os menos diligentes nos assuntos religiosos.

Disse aos ouvintes que não estava lá naquela tarde para aterrorizar nem para cumprir nenhum outro designio extravagante, mas apenas como um homem do mundo falando para um grupo de semelhantes. Tinha ido até lá falar com homens de negócio e falaria como um homem de negócio. Disse que, se a metáfora fosse lícita, poderia dizer que era o tesoureiro espiritual; e desejava que todos os homens presentes na igreja abrissem os livros-caixa, os livros-caixa da própria vida, para ver se os cálculos fechavam com o que tinham na consciência.

Jesus Cristo não era um mestre severo. Ele compreendia nossos pequenos defeitos, compreendia a fraqueza da nossa pobre natureza decaída, compreendia as tentações dessa vida. Talvez de vez em quando pudéssemos sentir – e todos sentíamos – as nossas tentações: talvez pudéssemos ter – e todos tínhamos – os nossos defeitos. Mesmo assim, gostaria de pedir uma única coisa aos homens da congregação: que demonstrassem retidão e hombridade perante Deus. Que se as contas fechassem perfeitamente, dissessem:

– Muito bem, eu fiz o meu balanço. Tudo está certo.

Mas que se houvesse alguma discrepância, o que poderia muito bem ocorrer, admitissem a verdade, fossem francos e dissessem como homens:

– Muito bem, eu fiz o meu balanço. Isso está errado e isso também. Mas, com a Graça de Deus, hei de arrumar isso e isso. Vou acertar as minhas contas.

Lily, a filha da zeladora, não tinha literalmente um segundo de sossego. Mal havia conduzido um dos cavalheiros ao interior da pequena despensa atrás do escritório no andar térreo para ajudá-la a despir o casaco e a estridente sineta da porta soou mais uma vez e ela teve de correr ao longo do austero vestíbulo para receber mais um convidado. Pelo menos não precisava cuidar também das damas. Mas a sra. Kate e a sra. Julia tinham pensado nisso e convertido o banheiro no andar de cima em um vestiário feminino. A sra. Kate e a sra. Julia estavam lá, fofocando e rindo e mexericando, caminhando uma depois da outra até a cabeceira da escada, olhando para baixo por cima dos corrimãos e chamando Lily para perguntar quem havia chegado.

Era sempre um grande evento, o baile anual das senhoras Morkan. Apareciam todos os conhecidos, membros da família, velhos amigos da família, integrantes do coral de Julia, quaisquer das alunas de Kate que já tivessem idade suficiente e até mesmo algumas alunas de Mary Jane. O baile nunca havia decepcionado. Por anos e anos fora um acontecimento esplêndido, até onde iam as recordações de todos; desde que Kate e Julia, após a morte do irmão Pat, haviam deixado a casa em Stoney Batter e chamado Mary Jane, a única sobrinha, para morar com elas na casa escura e desolada na Usher's Island, cuja parte superior tinham alugado do sr. Fulham, o comerciante de cereais que morava no térreo. Já haviam passado uns bons trinta anos, pelo menos. Mary Jane, que na época era uma garotinha de roupas curtas, agora era a principal figura da casa, pois era a responsável pelo órgão da Haddington Road. Tinha estudado na academia e dava concertos anuais com as alunas na sala superior das Antient Concert Rooms. Muitas das alunas pertenciam às famílias mais abastadas de Kingstown e Dalkey. E, mesmo que estivessem velhas, as tias continuavam participando. Julia, apesar dos cabelos grisalhos, ainda era a primeira soprano da St. Francis of Assisi Church, e Kate, estando fraca demais para andar pela cidade, dava aulas de música para iniciantes no velho piano de mesa na saleta dos fundos. Lily, a filha da zeladora, fazia o trabalho de criada na casa. Embora levassem uma vida modesta, as duas irmãs acreditavam em comer bem – o melhor de tudo: bifes de contrafilé, chás de três xelins e a melhor *stout* engarrafada. Mas Lily raramente se enganava com as ordens e por isso se dava bem com as três patroas. Eram um pouco cheias de manias, mas isso era tudo. A única coisa que não admitiam eram retruques.

E claro que tinham razões para manias em uma noite dessas. Já havia passado das dez horas e ainda não havia nenhum sinal de Gabriel e da esposa. Além do mais, temiam que Freddy Malins pudesse aparecer bêbado. Não queriam por nada no mundo que as alunas de Mary Jane o vissem bêbado; e quando estava nesse estado às vezes era muito difícil controlá-lo. Freddy Malins sempre chegava atrasado, mas elas começaram a se perguntar o que teria acontecido com Gabriel: e era esse o motivo que as levava de dois em dois minutos até o corrimão para perguntar a Lily se Gabriel ou Freddy haviam chegado.

– Ah, sr. Conroy, disse Lily a Gabriel quando abriu a porta, a sra. Kate e a sra. Julia estavam preocupadas achando que o senhor não viria! Boa noite, sra. Conroy.

– Acredito, respondeu Gabriel, mas elas esqueceram que a minha esposa aqui precisa de três horas inteiras para se vestir.

Gabriel ficou no tapete, tirando a neve das galochas, enquanto Lily acompanhou a esposa até o pé da escada e anunciou:

– Sra. Kate, aqui está a sra. Conroy!

No mesmo instante Kate e Julia desceram cambaleando pelo escuro lance de escadas. As

duas beijaram a esposa de Gabriel, disseram que devia estar morrendo de frio e perguntaram se Gabriel tinha vindo.

– Aqui estou eu, infalível como o correio, Tia Kate! Mas podem subir. Eu já estou indo, disse Gabriel ainda no escuro.

Continuou esfregando os pés vigorosamente enquanto as três mulheres subiram rindo em direção ao vestiário feminino. Discretas franjas de neve cobriam os ombros do sobretudo como uma capa e a ponta das galochas como biqueiras; e, quando os botões do sobretudo deslizaram com um discreto rangido na frisa enrijecida pela neve, o perfumado ar da rua escapou das dobras e dos recônditos do tecido.

– Está nevando outra vez, sr. Conroy?, perguntou Lily.

Ela o havia acompanhado até a despensa para ajudá-lo a tirar o sobretudo. Gabriel riu das três sílabas com que Lily havia pronunciado o sobrenome e a encarou. Era uma moça esbelta, de tez pálida e com cabelos da cor do trigo. O gás na despensa fazia com que parecesse ainda mais pálida. Gabriel a conhecia desde pequena, quando costumava ficar sentada no degrau mais baixo da escada cuidando de uma boneca de pano.

– Está, Lily, e acho que vai continuar nevando a noite inteira.

Gabriel olhou para o teto da despensa, que balançava com o movimento e as passadas no andar de cima, escutou o piano por alguns instantes e a seguir olhou mais uma vez para a garota, que estava dobrando o sobretudo com todo o cuidado na ponta de uma estante.

– Lily, me diga uma coisa, perguntou de maneira amistosa, você ainda está na escola?

– Ah, não, senhor, respondeu ela. Terminei a escola vai fazer mais de um ano.

– Ah, disse Gabriel com animação, então acho que um belo dia desses vamos ver você casar com o seu escolhido, não?

A garota o encarou por cima do ombro e respondeu com profunda amargura:

– Os homens de hoje só querem saber de palavrório e de se aproveitar das meninas.

Gabriel enrubesceu como se percebesse o passo em falso e, sem olhar para ela, tirou as galochas com os pés e esfregou o cachecol com vontade nos sapatos de verniz.

Gabriel era um jovem robusto e de porte avantajado. O rubor das faces subia-lhe até a testa, onde se espalhava em manchas irregulares de um vermelho pálido; e no rosto liso cintilavam sem parar as lentes polidas e a reluzente armação dourada dos óculos que protegiam os olhos delicados e incansáveis. O cabelo preto e lustroso estava repartido ao meio e penteado em uma longa curva por trás das orelhas, onde fazia uma leve ondulação sob a marca deixada pelo chapéu.

Quando terminou de polir os sapatos, pôs-se de pé e puxou o colete para baixo a fim de ajustá-lo melhor ao corpo rechonchudo. Com um gesto rápido, tirou uma moeda do bolso.

– Ah, Lily, disse, enfiando a moeda nas mãos da criada, é Natal, não? Este é um... pequeno...

Gabriel caminhou depressa em direção à porta.

– Ah, não, senhor!, exclamou a garota enquanto o seguia. Senhor, eu não posso aceitar.

– É Natal! Natal!, disse Gabriel, quase troteando em direção à escada enquanto tentava afastar a modéstia de Lily com um gesto da mão.

A garota, vendo que o convidado havia ganhado as escadas, gritou:

– Muito obrigada, senhor!

Gabriel esperou do lado de fora da sala de estar até que a valsa terminasse, escutando o frufu das saias e o rumor dos passos. Ainda sentia-se desconcertado pela resposta amarga e repentina da garota. Aquelas palavras haviam projetado uma sombra que tentou dissipar ajustando os punhos da camisa e os laços da gravata. Depois pegou um papelzinho que estava no

bolso do colete e olhou para os tópicos que havia selecionado para o discurso. Estava indeciso em relação aos versos de Robert Browning, pois temia que estivessem além da compreensão da plateia. Citações reconhecíveis de Shakespeare ou das melodias irlandesas de Thomas Moore seriam uma ideia melhor. Os estalos indelicados dos saltos dos homens e o rumor das solas dos sapatos lembrou-o de que o nível de cultura dos convidados era muito diferente do seu. Apenas faria papel de ridículo citando poemas que não pudessem entender. Daria a impressão de estar ostentando a educação superior. Fracassaria com os convidados como havia fracassado com a garota na despesa. Gabriel havia errado na escolha do tom. O discurso era um equívoco do começo ao fim, um fracasso absoluto.

Nesse instante as tias e a esposa saíram do vestiário feminino. As tias eram duas pequenas senhoras vestidas com roupas simples. A Tia Julia era uns dois ou três centímetros mais alta. O cabelo, que tapava as pontas das orelhas, era grisalho; e também grisalho, com sombras mais escuras, era o grande rosto flácido. Embora tivesse um porte robusto e mantivesse as costas retas, os olhos vagarosos e os lábios entreabertos davam-lhe a aparência de uma mulher que não sabia onde estava nem para onde ia. A Tia Kate era mais vivaz. O rosto, mais saudável que o da irmã, era tapado de marcas e rugas, como uma maçã seca, e o cabelo, trançado como sempre à moda antiga, não havia perdido a bela cor acastanhada.

As duas receberam Gabriel com beijos afetuosos. Era o sobrinho favorito, filho de Ellen, a falecida irmã que havia casado com T. J. Conroy do Port and Docks Board.

– A Gretta me disse que você não vai voltar de coche a Monkstown essa noite, Gabriel, disse a Tia Kate.

– Não, respondeu Gabriel, voltando-se em direção à esposa, eu acho que o ano passado já foi suficiente, não? A senhora não lembra da gripe que a Gretta pegou, Tia Kate? As janelas do coche chacoalharam durante todo o trajeto, e o vento leste começou a soprar depois que passamos por Merrion. Foi muito divertido. A Gretta pegou uma gripe terrível.

A Tia Kate franzia a testa com uma expressão severa e acenava a cabeça a cada nova palavra.

– Muito bem, Gabriel, muito bem, disse. Todo cuidado é pouco.

– Mas se dependesse da Gretta aqui, disse Gabriel, nós voltaríamos caminhando pela neve.

A sra. Conroy deu uma risada.

– Não o leve a sério, Tia Kate. O Gabriel é um inconveniente terrível; que o diga o Tom, que agora precisa usar óculos verdes à noite e fazer exercícios com os pesos, e a Eva, que é obrigada a comer mingau. Pobrezinha! Ela não pode nem ver mingau...! Ah, mas as senhoras não imaginam o que ele me faz usar agora!

Ela estourou de rir e olhou para o marido, cujo olhar admirado e feliz percorria o vestido e o rosto e os cabelos da esposa. As duas tias também riram com vontade, pois as preocupações de Gabriel eram motivo de piadas constantes.

– Galochas!, disse a sra. Conroy. Essa é a última invenção. Sempre que o chão está úmido eu preciso sair de galochas. Hoje mesmo ele insistiu para que eu usasse, mas eu me recusei. Desse jeito o próximo passo vai ser comprar uma roupa de mergulho para mim.

Gabriel soltou uma risada nervosa e deu um tapinha confiante na gravata enquanto a Tia Kate se dobrava de tanta graça que tinha achado na piada. O sorriso logo sumiu do rosto da Tia Julia e aqueles olhos sem alegria fixaram-se no rosto do sobrinho. Depois de um breve intervalo ela perguntou:

– O que são galochas, Gabriel?

– Galochas, Julia!, exclamou a irmã. Minha nossa, você não sabe o que são galochas? São umas coisas que você usa por cima... por cima das botas, não é isso, Gretta?

– Isso mesmo, disse a sra. Conroy. Feitas de guta-percha. Agora cada um de nós tem um par. O Gabriel diz que todo mundo usa no continente.

– Ah, no continente, murmurou a Tia Julia, acenando a cabeça devagar.

Gabriel franziu as sobrancelhas e disse, como se estivesse tomado por uma leve irritação:

– Não é nenhuma maravilha, mas a Gretta acha graça porque diz que a palavra faz ela pensar em como sou chato.

– Mas, Gabriel, me conte uma coisa, disse a Tia Kate de repente. Você já viu o quarto. A Gretta estava dizendo que...

– Ah, o quarto é bom, respondeu Gabriel. Eu fiz uma reserva no Gresham.

– Com certeza era a melhor coisa a fazer, disse a Tia Kate. E as crianças, Gretta? Não deixam você preocupada?

– Ah, é só por uma noite, disse a sra. Conroy. Além do mais, a Bessie vai ficar com elas.

– Com certeza, repetiu a Tia Kate. Que tranquilidade ter uma moça assim, em quem se pode confiar! Não sei o que houve com a Lily nesses últimos tempos. Nem parece mais a menina que era.

Gabriel estava prestes a fazer algumas perguntas à tia em relação a esse assunto mas de repente ela se afastou e olhou para a irmã, que tinha começado a descer a escada e espichava o pescoço por cima do corrimão.

– Ora, perguntou em um tom quase rude, alguém sabe me dizer onde a Julia está indo? Julia! Julia! Onde você está indo?

Julia, que estava na metade da escada, voltou e anunciou sem muito entusiasmo:

– O Freddy chegou.

No mesmo instante uma salva de palmas e um último floreio da pianista indicaram que a valsa havia chegado ao fim. A porta da sala de estar foi aberta por dentro e alguns casais saíram. A Tia Kate puxou Gabriel para um lado e cochichou-lhe:

– Gabriel, por favor desça e veja se o Freddy está em condições, e não o deixe entrar se estiver bêbado. Eu tenho certeza de que está bêbado. Certeza.

Gabriel foi até a escada e escutou por cima do corrimão. Ouviu duas pessoas conversando na despensa. Em seguida reconheceu a risada de Freddy Malins. A seguir desceu ruidosamente as escadas.

– É um alívio saber que o Gabriel está aqui, disse a Tia Kate à sra. Conroy. Eu sempre fico mais tranquila quando ele está por perto... Julia, sirva uma bebida para a srta. Daly e a srta. Power. Muito obrigada pela linda valsa, srta. Daly! Foi um passatempo maravilhoso.

Um homem alto e enrugado, com um rígido bigode grisalho e pele morena que estava passando com a companheira, disse:

– Será que a sra. também poderia nos servir uma bebida, sra. Morkan?

– Julia, disse a Tia Kate em tom sumário, traga bebidas para o sr. Browne e a srta. Furlong também! Leve-os com a srta. Daly e a srta. Power, Julia.

– Pode deixar que eu acompanho as damas, disse o sr. Browne, fazendo biquinho até que o bigode se espetasse enquanto sorria com todas as rugas. Sabe, sra. Morkan, as damas gostam muito de mim porque –

Não chegou a terminar a frase, porém, ao perceber que a Tia Kate não estava ouvindo, acompanhou as três jovens à saleta dos fundos. No meio da sala havia duas mesas quadradas encostadas uma na outra, e em cima delas a Tia Julia e a zeladora estavam estendendo e alisando uma grande toalha de mesa. No aparador estavam dispostos pratos e travessas, copos e conjuntos de garfos e facas e colheres. O tampo do piano de mesa também fazia as vezes de aparador para os doces e quitutes. Junto a um aparador menor em um dos cantos, dois homens estavam de pé,

tomando biter de lúpulo.

O sr. Browne levou as companheiras até lá e, para fazer graça, convidou-as a beber um ponche feito especialmente para as damas – quente, doce e forte. Quando elas explicaram que nunca tomavam nada muito forte o sr. Browne abriu três garrafas de refrigerante. Pediu licença a um dos jovens e, depois de pegar o decantador, serviu uma dose de uísque reforçada para si mesmo. Os jovens lançaram-lhe um olhar respeitoso quando tomou o primeiro gole.

– Deus me ajude, disse com um sorriso, é uma recomendação médica!

O rosto enrugado abriu um sorriso ainda mais largo, e as três jovens riram com um eco musical ao ouvir o gracejo, ginguando os corpos de um lado para o outro com as convulsões nervosas dos ombros. A mais atrevida disse:

– Ah, sr. Browne, eu tenho certeza que o seu médico não recomendou nada parecido!

O sr. Browne tomou mais um gole de uísque e disse, com uma discreta imitação:

– Bem, como a senhorita pode ver, eu sou como a famosa sra. Cassidy, que certa vez teria dito: *Mary Grimes, se eu não beber, faça-me beber, porque sinto que eu quero.*

Logo estendeu o rosto vermelho para frente com uma confiança exagerada e passou a falar com um carregado sotaque dublinense, de modo que as jovens, por instinto, receberam o comentário em silêncio. A srta. Furlong, uma das alunas de Mary Jane, perguntou à srta. Daly qual era o nome da bela valsa que havia tocado; e o sr. Browne, ao ver que estava sendo ignorado, voltou a atenção aos dois jovens que pareciam mais interessados.

Uma jovem de rosto vermelho, trajada de violeta, entrou na sala, batendo as mãos com empolgação e gritando:

– Quadrilhas! Quadrilhas!

Logo atrás veio a Tia Kate, gritando:

– Dois cavalheiros e três damas, Mary Jane!

– Ah, aqui estão o sr. Bergin e o sr. Kerrigan, disse Mary Jane. Sr. Kerrigan, o senhor pode dançar com a srta. Power? Srta. Furlong, aqui está o seu parceiro, o sr. Bergin. Ah, agora sim.

– Três damas, Mary Jane, repetiu a Tia Kate.

Os dois jovens cavalheiros perguntaram às damas se poderiam ter a honra, e Mary Jane virou-se para a srta. Daly.

– Ah, srta. Daly, foi muita gentileza sua tocar as últimas duas danças, mas hoje as damas estão em falta!

– Para mim foi um prazer, sra. Morlan.

– Mas agora eu arranjei um parceiro para a senhorita: o sr. Bartell D’Arcy, o tenor. Mais tarde ele vai cantar para nós. Toda Dublin está falando a respeito desse homem.

– Ele tem uma voz linda, linda!, elogiou a Tia Kate.

Como o piano já houvesse começado por duas vezes o prelúdio à primeira dança, Mary Jane levou os recrutas às pressas para fora da sala. Mal haviam saído quando a Tia Julia entrou devagar, olhando para trás.

– O que houve, Julia? perguntou a Tia Kate, ansiosa. Quem é?

Julia, que estava carregando uma coluna de guardanapos de mesa, virou-se em direção à irmã e disse, como se estivesse surpresa com a pergunta:

– É o Freddy, Kate, com o Gabriel.

De fato, logo atrás Gabriel podia ser visto pilotando Freddy Malins no patamar da escada. Este último, um homem com cerca de quarenta anos, tinha a mesma altura e o mesmo porte de Gabriel, e ombros muito arredondados. O rosto era flácido e pálido, corado apenas nos compridos lóbulos das orelhas e nas largas narinas. Tinha feições rústicas, um nariz grosseiro, uma testa convexa e diminuta, lábios túmidos e protraídos. O peso das pálpebras sobre os olhos e

o desgrenhamento do cabelo ralo faziam com que parecesse sonolento. Estava rindo com vontade e em um registro bastante agudo da história que contava a Gabriel na escada e ao mesmo tempo esfregava os ossinhos do punho esquerdo no olho esquerdo.

– Boa noite, Freddy, disse a Tia Julia.

Freddy Malins deu boa noite às senhoras Morkan com modos que pareceram desajeitados por conta da habitual nota em sua voz e, ao ver que o sr. Browne lhe sorria do aparador, atravessou a sala com pernas um tanto bambas e começou a repetir em voz baixa a história que ainda há pouco tinha contado a Gabriel.

– Ele não está muito ruim, está?, perguntou a Tia Kate a Gabriel.

Gabriel tinha uma expressão grave nas sobrancelhas, mas logo tratou de erguê-las e respondeu:

– Ah, não, mal se percebe.

– Ah, que sujeito tihoso!, disse ela. E a pobre mãe fez com que promettesse parar na véspera do Ano-Novo. Mas agora, Gabriel, vamos para a sala de estar.

Antes de sair da sala com Gabriel ela fez um sinal para o sr. Browne franzindo a testa e balançando o dedo com um gesto ameaçador. O sr. Browne respondeu com um aceno de cabeça e, depois que ela saiu, disse a Freddy Malins:

– Teddy, escute, eu vou lhe dar um belo copo de refrigerante para ver se você se endireita um pouco.

Freddy Malins, que estava quase chegando ao clímax da história, recusou a oferta com um impaciente gesto da mão, porém o sr. Browne, depois de chamar a atenção de Freddy Malins para um certo desalinho nos trajes que vestia, serviu-lhe e alcançou-lhe um copo de refrigerante. A mão esquerda de Freddy Malins aceitou o copo com um gesto mecânico enquanto a mão direita ocupava-se mecanicamente de ajeitar os trajes. O sr. Browne, cujo rosto mais uma vez amaranhou-se de alegria, serviu um belo copo de uísque para si mesmo enquanto Freddy Malins, antes de chegar ao fim da história, explodiu em um surto de riso bronquítico agudo e, depois de largar o copo intocado e transbordante, começou a esfregar os ossinhos do punho esquerdo no olho esquerdo, repetindo as palavras da última frase na medida em que o surto de riso permitia.

* * *

Gabriel não conseguiu escutar quando Mary Jane tocou a peça da Academia, cheia de escalas velozes e passagens difíceis, para a silenciosa sala de estar. Gostava de música, mas não percebeu melodia alguma na peça e duvidou que ela tivesse qualquer melodia para os demais ouvintes, mesmo que tivessem insistido para que Mary Jane tocasse. Quatro jovens que haviam chegado da sala de aperitivos para ficar no vão da porta ouvindo os sons do piano se afastaram em silêncio depois de alguns minutos. As únicas pessoas que pareciam acompanhar a música eram a própria Mary Jane, que corria as mãos pelo teclado ou erguia-as como uma sacerdotisa em uma imprecisão momentânea durante as pausas, e a Tia Kate, que estava postada junto ao cotovelo da pianista para folhear a partitura.

Os olhos de Gabriel, irritados pelo assoalho, que brilhava com cera de abelha sob o peso do lustre, dirigiram-se a um ponto acima do piano. Lá estava pendurada uma gravura da cena da sacada em *Romeu e Julieta*, e ao lado uma tapeçaria com os dois príncipes assassinados na Torre que a Tia Julia havia feito com lã vermelha, azul e marrom quando ainda era menina. Na época, provavelmente as meninas aprendiam aquele tipo de trabalho na escola, pois houve um ano em que ganhou da mãe como presente de aniversário um colete roxo de popelina com cabecinhas de

raposa forrado em cetim marrom e com botões redondos cor de amora. Era estranho que a mãe dele não tivesse nenhum talento musical, mesmo que a Tia Kate costumasse dizer que ela era o cérebro da família Morkan. Tanto ela como Julia sempre haviam demonstrado um certo orgulho em relação à irmã sisuda e maternal. A fotografia dela estava ao lado do espelho. Na imagem, tinha um livro aberto no colo e com o dedo apontava uma passagem para Constantine, que, vestido com um uniforme de marinheiro, estava aos pés da mãe. Foi ela quem escolheu os nomes dos filhos, pois era muito sensível à dignidade da vida em família. Graças a ela Constantine era hoje vigário em Balbriggan e, graças a ela, Gabriel havia se graduado na Royal University. Uma sombra escureceu o rosto dele quando se lembrou da ferrenha oposição da mãe em relação ao casamento. A lembrança de certas frases desrespeitosas que ela havia proferido ainda o incomodava; certa vez disse que Gretta tinha uma beleza campestre, mas não havia nisso o menor fundo de verdade. Foi Gretta quem cuidou da sogra na casa em Monkstown durante a longa doença que terminou por levá-la.

Gabriel sabia que a peça de Mary Jane devia estar próxima do fim porque ela estava repetindo a melodia da abertura com escalas velozes em todos os compassos e, enquanto aguardava o fim, o ressentimento morreu em seu coração. A peça terminou com um trinado de oitavas nos agudos e uma oitava profunda no baixo. Uma grande salva de palmas saudou Mary Jane enquanto, depois de corar e enrolar a partitura, escapulia-se da sala. Os aplausos mais vigorosos vieram dos quatro jovens no vão da porta que haviam se retirado para a sala de aperitivos no início da peça e retornado assim que o piano silenciou.

Logo vieram os preparativos para as quadrilhas. Gabriel viu-se na companhia da srta. Ivors. Era uma jovem de modos sinceros com um rosto salpicado de sardas e vistosos olhos castanhos. Não estava usando um corpete de corte profundo, e o grande broche que trazia em frente à gola ostentava um símbolo irlandês.

Quando todos estavam a postos ela disse de repente:

– Tenho um assunto a tirar a limpo com o senhor.

– Comigo?, surpreendeu-se Gabriel.

A srta. Ivors acenou a cabeça com uma expressão grave no rosto.

– O que seria?, perguntou Gabriel, sorrindo ao perceber aqueles modos solenes.

– Quem é G.C.?, respondeu a srta. Ivors, encarando-o.

Gabriel enrubescceu e estava prestes a franzir a testa, como se não entendesse, quando ela disse de supetão:

– Ah, não se faça de inocente! Eu descobri que o senhor escreve para o *Daily Express*. Por acaso o senhor não tem vergonha?

– Por que eu deveria ter vergonha?, perguntou Gabriel, piscando os olhos e tentando sorrir.

– Bem, pelo menos eu tenho vergonha do senhor, disse a srta. Ivors sem rodeios. Quem diria, o senhor escrevendo para um tabloide como aquele! Nunca imaginei que o senhor fosse partidário dos britânicos.

Uma expressão de perplexidade surgiu no rosto de Gabriel. De fato, escrevia uma coluna literária todas as quartas-feiras no *Daily Express*, pela qual recebia quinze xelins. Mas com certeza isso não fazia dele um partidário dos britânicos. Os livros que recebia para resenhar eram quase mais desejados do que o mirrado cheque. Adorava correr os dedos pelas capas e folhear as páginas dos livros recém-impressos. Quase todos os dias, quando terminava de lecionar na universidade, descia até os cais e passava nos buquineiros – no Hickey's, que ficava na Bachelor's Walk, no Webb's ou no Massey's, que ficavam no Aston's Quay, ou no O'Clohissey's, que ficava em uma rua lateral. Não sabia ao certo como responder à acusação. Sentiu vontade de responder que a literatura estava acima da política. Porém os dois eram amigos de muitos anos e tinham

feito carreiras paralelas, primeiro na universidade e mais tarde como professores: não poderia arriscar uma frase de efeito com ela. Continuou piscando os olhos e tentando sorrir e murmurou meio sem graça que não via nada de político em escrever resenhas de livros.

Quando chegou a hora de trocar os parceiros Gabriel ainda estava perplexo e desconcertado. A srta. Ivors prontamente tomou-lhe a mão com dedos quentes e disse em um tom delicado e amigoso:

– Eu só estava brincando. Vamos, agora precisamos trocar.

Quando os dois ficaram juntos mais uma vez ela falou sobre a universidade e Gabriel ficou mais aliviado. Alguém tinha lhe mostrado a resenha que ele havia escrito sobre os poemas de Browning. Foi assim que ela descobriu o segredo: mas tinha gostado muito da resenha. Então a srta. Ivors disse de repente:

– Ah, sr. Conroy, o senhor não gostaria de nos acompanhar em uma viagem às Ilhas de Aran nesse verão? Vamos passar um mês inteiro por lá. No esplendor do Atlântico. O senhor tem que ir conosco! O sr. Clancy vai, e também o sr. Kilkelly e Kathleen Kearney. Seria ótimo se Gretta também pudesse ir. Ela é de Connacht, não?

– A família dela, respondeu Gabriel de maneira lacônica.

– Mas o senhor vai conosco, não vai?, insistiu a srta. Ivors, pousando a mão quente no braço de Gabriel.

– Na verdade eu já estou com uma viagem marcada para –

– Para onde?, perguntou a srta. Ivors.

– Bem, como a senhorita sabe, todo ano eu faço uma viagem de bicicleta com os meus amigos e –

– Mas para onde?, perguntou a srta. Ivors.

– Em geral vamos para a França ou para a Bélgica ou quem sabe para a Alemanha, respondeu Gabriel meio sem jeito.

– Mas por que o senhor vai para a França e para a Bélgica em vez de visitar o seu próprio país?, indagou a srta. Ivors.

– Bem, disse Gabriel, em parte para manter contato com as línguas e em parte para mudar de ares.

– E o senhor não tem que manter contato com a sua própria língua – o irlandês?, perguntou a srta. Ivors.

– Bem, já que a senhorita tocou no assunto, a minha língua não é o irlandês.

As pessoas ao redor tinham se virado para escutar aquele interrogatório. Gabriel olhou nervoso para um lado e para o outro e tentou manter o bom humor mesmo durante a provação que fazia um intenso rubor tingir-lhe o rosto.

– E o senhor não tem o seu próprio país para visitar, continuou a srta. Ivors, a respeito do qual o senhor nada sabe, o seu próprio povo e o seu próprio país?

– Ah, para falar a verdade, retrucou Gabriel de repente, eu estou farto do meu próprio país!

– Por quê?, perguntou a srta. Ivors.

Gabriel não respondeu porque o retruque o havia inflamado.

– Por quê?, repetiu a srta. Ivors.

No passo seguinte, como Gabriel não respondesse, a srta. Ivors disparou, irritada:

– Claro, o senhor não tem resposta.

Gabriel tentou esconder a agitação dançando com mais energia. Evitou os olhos da parceira, pois havia percebido uma expressão azeda no rosto dela. Porém, quando voltaram a se encontrar na longa corrente em meio aos outros casais que dançavam, ficou surpreso ao sentir um forte aperto na mão. Ela o encarou com um olhar enigmático por sob as sobrancelhas

durante um breve instante, até que abrisse um sorriso. Então, quando todos estavam prestes a se reunir na corrente, pôs-se na ponta dos pés e cochichou-lhe ao pé do ouvido:

– Partidário dos britânicos!

Quando a quadrilha terminou Gabriel foi para um canto remoto da sala onde a mãe de Freddy Malins estava sentada. Era uma senhora corpulenta e debilitada de cabelos brancos. A voz dela tinha uma nota similar à do filho, e a mulher gaguejava de leve. Havia dito à senhora que Freddy tinha aparecido e que estava praticamente normal. Gabriel perguntou se ela tinha feito uma boa travessia. Morava com a filha casada em Glasgow e visitava Dublin uma vez por ano. Ela respondeu com toda a calma que tinha feito uma bela travessia e que o capitão tinha sido muito atencioso. Também falou sobre a bela casa que a filha tinha em Glasgow, e sobre as ótimas amizades que as duas tinham por lá. Enquanto a língua da senhora continuava a tagarelar, Gabriel tentou afastar todos os pensamentos relativos ao desagradável incidente com a srta. Ivors. Estava claro que aquela garota ou aquela mulher, ou o que quer que fosse, era uma entusiasta, mas havia hora para tudo. Talvez ele não devesse ter respondido daquela forma. Mas ela não tinha o direito de chamá-lo de partidário dos britânicos nem de brincadeira. A srta. Ivors havia tentado ridicularizá-lo na frente dos outros, desafiando-o e encarando-o com aqueles olhinhos de coelho.

Gabriel viu a esposa vindo em sua direção em meio aos pares que valsavam. Quando o alcançou ela cochichou-lhe ao ouvido:

– Gabriel, a Tia Kate perguntou se você não vai cortar o ganso como de costume. A srta. Daly vai cortar o presunto e eu vou me encarregar do pudim.

– Tudo bem, disse Gabriel.

– Ela vai mandar os mais novos entrarem assim que essa valsa acabar para que a gente possa ocupar a mesa.

– Você estava dançando?, perguntou Gabriel.

– Claro que estava. Você não me viu? Que discussão você teve com Molly Ivors?

– Não tive discussão nenhuma. Por quê? Foi isso o que ela disse?

– Alguma coisa parecida. Estou tentando convencer o sr. D'Arcy a cantar. Mas acho que ele é muito esnobe.

– Não houve discussão nenhuma, disse Gabriel a contragosto, ela simplesmente me convidou para uma viagem ao leste da Irlanda e eu disse que não queria ir.

A esposa enlaçou as mãos empolgada e deu um pulinho.

– Ah, Gabriel, vamos!, exclamou. Eu adoraria ver Galway outra vez.

– Você pode ir se quiser, disse Gabriel com a voz cheia de frieza.

Ela o encarou por um instante e em seguida virou-se em direção à sra. Malins e disse:

– Veja que belo marido, sra. Malins.

Enquanto ela atravessava a sala mais uma vez a sra. Malins, sem dar pela interrupção, continuou a contar a Gabriel sobre os belos panoramas e as belas paisagens da Escócia. Todo ano o genro levava-os para ver os lagos, onde costumavam pescar. O genro era um exímio pescador. Um dia pegou um peixe enorme, enorme, e o homem do hotel ferveu-o para o jantar.

Gabriel mal ouvia o que ela dizia. Com a proximidade do jantar, voltou a pensar sobre o discurso e a citação. Quando viu Freddy Malins se aproximar da mãe vindo do outro lado da sala, cedeu o lugar na cadeira e retirou-se para o vão da janela. A sala já estava vazia e da saleta dos fundos vinha o tilintar de pratos e facas. Os que permaneciam na sala de estar pareciam cansados depois da valsa e conversavam a meia-voz em pequenos grupos. Gabriel tocou a vidraça fria com dedos quentes e trêmulos. Como devia estar frio lá fora! Como seria agradável caminhar sozinho, primeiro ao longo do rio e depois através do parque! A neve estaria

acumulada nos galhos das árvores, formando um reluzente chapéu no alto do Wellington Monument. Seria um prazer muito maior do que estar sentado à mesa de jantar!

Correu os olhos pelas anotações para o discurso: hospitalidade irlandesa, memórias tristes, as Três Graças, Páris, a citação de Browning. Repetiu para si mesmo uma frase que havia escrito na resenha: *Sentimo-nos diante de uma música atormentada*. A srta. Ivors tinha elogiado a resenha. Será que havia sido sincera? Será que de fato tinha uma vida própria por trás de todo aquele propagandismo? Jamais houvera qualquer mal-entendido entre os dois até aquela noite. Gabriel ficou nervoso ao pensar que ela estaria presente à mesa de jantar, encarando-o enquanto falava com aqueles olhos enigmáticos. Talvez ela nem ficasse triste com o eventual fracasso do discurso. Mas logo surgiu uma ideia que o encheu de coragem. Referindo-se à Tia Kate e à Tia Julia, dizia: *Senhoras e senhores, a geração que hoje aos poucos desaparece podia ter certos defeitos, mas de minha parte eu penso que tinha certas qualidades de hospitalidade, de humor e de humanidade que fazem muita falta a essa nova geração excessivamente séria e hipereducada que hoje cresce ao nosso redor*. Ótimo: essa seria para a srta. Ivors. E daí que as duas tias fossem apenas duas senhoras ignorantes?

Um murmúrio na sala chamou-lhe a atenção. O sr. Browne avançava pela porta, acompanhando com trejeitos cavalheirescos a Tia Julia, que se apoiava no braço do convidado com um sorriso no rosto e a cabeça pendente. Irrupções de aplausos também a acompanharam ao piano, e então, quando Mary Jane sentou-se na banqueta e a Tia Julia, não mais sorrindo, deu uma meia-volta como que para projetar a voz para dentro da sala, aos poucos cessaram. Gabriel reconheceu o prelúdio. Era uma das velhas canções da Tia Julia – *Arrayed for the Bridal*. A voz, forte e clara, atacou com grande brio as escalas velozes que embelezavam a melodia, e embora ela tenha cantado bastante depressa não deixou passar um ornamento sequer. Seguir aquela voz sem olhar para o rosto da cantora era como sentir e compartilhar a emoção de um voo seguro em alta velocidade. Gabriel aplaudiu em alto e bom som junto com todos os outros quando a canção terminou e uma animada salva de palmas ergueu-se da invisível mesa de jantar. A admiração souu tão genuína que um certo rubor insinuou-se no rosto da Tia Julia quando ela se curvou para recolocar na estante de música a velha pasta de partituras encadernada em couro com iniciais na capa. Freddy Malins, que havia escutado com a cabeça inclinada de lado para ouvir melhor, continuou a aplaudir depois que todos já haviam parado enquanto mantinha uma animada conversa com a mãe, que acenava a cabeça com um grave e lento gesto afirmativo. Por fim, quando cansou de aplaudir, levantou-se de repente e atravessou a sala às pressas em direção à Tia Julia, tomou-lhe a mão e estreitou-a entre as suas, sacudindo-a quando as palavras lhe escapavam ou quando a costureira nota em sua voz tornava-se excessiva.

– Agora mesmo eu estava dizendo para a minha mãe que eu nunca tinha visto a senhora cantar tão bem, disse, nunca! Não, eu nunca tinha ouvido a senhora cantar com uma voz tão boa quanto hoje. Ora! Quem diria? Mas é verdade. Dou a minha palavra de que é a mais pura verdade. Eu nunca tinha ouvido a sua voz tão fresca e... tão fresca e cristalina, nunca.

A Tia Julia abriu um largo sorriso e num sussurro disse alguma coisa sobre elogios enquanto soltava a mão. O sr. Browne estendeu-lhe a mão aberta e disse às pessoas mais próximas com os modos de um apresentador que revela um prodígio à plateia:

– Sra. Julia Morkan, minha última descoberta!

Estava rindo sozinho do gracejo quando Freddy Malins virou-se e disse:

– Bem, Browne, se você está falando sério essa descoberta não é nada má. Tudo o que posso dizer é que nunca ouvi ela cantar bem desse jeito desde que eu frequentei essa casa. É a mais pura verdade.

– Nem eu, disse o sr. Browne. Acho que a voz da sra. Julia melhorou muito.

A Tia Julia encolheu os ombros e disse com um orgulho frágil:

– Trinta anos atrás a minha voz não era nada má.

– Eu sempre falei para a Julia, disse a Tia Kate em tom enfático, que aquele coral era um desperdício. Mas ela nunca prestava atenção no que eu dizia.

Virou-se como se estivesse apelando ao bom-senso dos outros em relação a uma criança teimosa enquanto a Tia Julia mantinha o olhar fixo à frente, com um vago sorriso contemplativo a brincar no rosto.

– Mas não, prosseguiu a Tia Kate, ela não queria saber da opinião dos outros e ficava se esfalfando dia e noite naquele coral. Seis da manhã no dia de Natal! E tudo isso para quê?

– Não seria para a glória de Deus, Tia Kate?, perguntou Mary Jane, virando-se na banqueta do piano com um sorriso.

A Tia Kate encarou a sobrinha com um olhar fulminante e disse:

– Eu sei tudo o que há para saber a respeito da glória de Deus, Mary Jane, mas acho que não é nem um pouco honroso para o papa expulsar as mulheres que se esfalfaram uma vida inteira nos corais para colocar um bando de meninos presunçosos acima delas. Deve ser para o bem da Igreja se o papa decidiu assim. Mas não é justo, Mary Jane, e não é certo.

Ela estava arrebatada e teria continuado a defender a irmã, porque esse assunto sempre a incomodava; porém Mary Jane, vendo que os dançarinos estavam de volta, fez uma intervenção pacífica:

– Tia Kate, a senhora está dando vexame na frente do sr. Browne, que pensa diferente.

A Tia Kate voltou-se em direção ao sr. Browne, que riu da alusão à crença que seguia, e disse às pressas:

– Ah, mas eu não estou questionando as razões do papa. Sou apenas uma velha burra e não teria a pretensão de fazer uma coisa dessas. Mas eu acredito em gentileza e gratidão na vida cotidiana. E se eu estivesse no lugar da Julia eu teria dito na cara do padre Healy que...

– Tia Kate, não esqueça que estamos todos com fome, e quando estamos com fome os nossos ânimos ficam muito exaltados, disse Mary Jane.

– E quando estamos com a garganta seca os nossos ânimos também ficam muito exaltados, acrescentou o sr. Browne.

– Então é melhor a gente jantar, disse Mary Jane, e continuar a discussão depois.

No patamar do lado de fora da sala de estar Gabriel encontrou a esposa e Mary Jane tentando convencer a srta. Ivors a ficar para o jantar. Mas a srta. Ivors, que já tinha posto o chapéu e estava abotoando o casaco, não queria saber de ficar. Não estava com a menor fome e achava que já tinha passado da hora de ir embora.

– Só mais dez minutos, Molly, insistiu a sra. Conroy. Não vai fazer diferença nenhuma.

– A senhorita precisa comer alguma coisa depois de tanto dançar, disse Mary Jane.

– Eu realmente não posso, respondeu a srta. Ivors.

– Parece que a senhorita não se divertiu nem um pouco, disse Mary Jane, perdendo as esperanças.

– Garanto que me diverti um bocado, disse a srta. Ivors, mas agora eu preciso mesmo ir.

– Mas como a senhorita pretende ir para casa?, perguntou a sra. Conroy.

– Ah, é só uma caminhada curta pelo cais.

Gabriel hesitou por um instante e disse:

– Se me permite, srta. Ivors, eu posso acompanhá-la até em casa se a senhorita precisa mesmo ir.

Mas a srta. Ivors se afastou do grupo.

– Não mesmo, exclamou. Por favor, tratem de jantar em paz e não se preocupem comigo.

Posso muito bem tomar conta de mim.

– Bem, você é a garota cômica, Molly, disse a sra. Conroy com franqueza.

– *Beannacht libh*, disse a srta. Ivors com uma risada enquanto descia correndo os degraus.

Mary Jane a acompanhou com os olhos e com uma expressão enigmática no rosto enquanto a sra. Conroy debruçava-se por cima do corrimão para ouvir o que se passava na porta do corredor. Gabriel perguntou se teria causado aquela partida repentina. Mas ela não parecia estar de mau humor: tinha ido embora às risadas. Gabriel lançou um olhar vazio em direção à escada.

Nesse momento a Tia Kate saiu cambaleando da sala de jantar, quase torcendo as mãos por conta do desespero.

– Onde está o Gabriel?, perguntou. Onde é que está o Gabriel? Está todo mundo esperando lá dentro e não temos ninguém para cortar o ganso!

– Aqui estou eu, Tia Kate!, exclamou Gabriel com súbita empolgação, pronto para cortar uma revoada inteira de gansos se necessário.

Havia um enorme ganso dourado em uma extremidade da mesa, e na outra, sobre um arranjo de papel crepom enfeitado com ramos de salsa, um grande presunto sem pele salpicado por uma crosta estaladiça, com uma bela franja ao redor do osso e, ao lado, uma porção de carne com especiarias. Entre as duas extremidades rivais estendiam-se duas linhas paralelas de acompanhamentos: duas pequenas catedrais de geleia, uma vermelha e a outra amarela; um prato raso com blocos de manjar branco cobertos de geleia vermelha, uma travessa verde em formato de folha com um pegador em formato de talo repleta de passas pretas e amêndoas descascadas, um prato onde estava disposto um sólido retângulo de figos de Esmirna, um prato de creme de pasteleiro coberto de noz-moscada moída, uma pequena tigela repleta de doces e chocolates embalados em papéis dourados e prateados e um vaso de vidro com longos talos de aipo. No centro da mesa erguiam-se, como sentinelas da fruteira que ostentava uma pirâmide de laranjas e maçãs americanas, um par de decantadores atarracados à moda antiga, um com vinho do porto e o outro com xerez escuro. Em cima do piano de mesa um pudim em um enorme prato amarelo estava de prontidão, e logo atrás viam-se três esquadrões de garrafas de *stout* e *ale* e água mineral, enfileirados segundo as cores dos uniformes: os dois primeiros de preto, com rútolos marrons e vermelhos, e o terceiro e menor esquadrão de branco, com listras verdes transversais.

Gabriel postou-se com solenidade à cabeceira da mesa e, depois de olhar para a lâmina da faca, espetou o garfo com firmeza no ganso. Naquele instante sentiu-se tranquilo, pois era um cortador de gansos experiente e nada o agradava tanto quanto estar à cabeceira de uma mesa farta.

– Srta. Furlong, o que a senhorita prefere?, perguntou. Uma asa ou uma fatia do peito?

– Só uma fatiazinha do peito.

– E para a srta. Higgins?

– Ah, para mim tanto faz, sr. Conroy.

Enquanto Gabriel e a srta. Daly trocavam pratos de ganso e pratos de presunto e de carne com especiarias, Lily ia de convidado em convidado com um prato de batatas quentes enrolado em um guardanapo branco. Mary Jane tinha dado a ideia das batatas e também sugerido um molho de maçã para o ganso, mas a Tia Kate respondeu que um simples ganso assado sem molho de maçã sempre tinha sido bom o suficiente e que para ela não era preciso mais nada. Mary Jane serviu as alunas e tomou cuidado para que ficassem com os melhores bocados enquanto a Tia Kate e a Tia Julia abriam e traziam do piano as garrafas de *stout* e de *ale* para os cavalheiros e as garrafas de água mineral para as damas. Houve muita confusão e risadas e

barulho, o barulho de pedidos e respostas, de garfos e facas, de rolhas e tampas de garrafa. Gabriel começou a servir a segunda rodada assim que terminou a primeira sem se servir. Todos protestaram com tamanha veemência que ele se dispôs a tomar um longo gole de *stout*, pois havia descoberto que servir os convidados era um trabalho quente. Mary Jane sentou-se em silêncio para jantar, porém a Tia Kate e a Tia Julia seguiam cambaleando ao redor da mesa, andando uma atrás da outra, bloqueando o caminho uma da outra e dando uma à outra ordens ineficazes. O sr. Browne insistiu em que sentassem e jantassem e Gabriel acatou o pedido, mas as irmãs disseram que poderiam comer mais tarde, até que, no fim, Freddy Malins levantou-se e, depois de segurar a Tia Kate, colocou-a sentada em uma cadeira em meio a risadas gerais.

Depois que todos estavam bem servidos, Gabriel disse, com um sorriso:

– Agora, se alguém mais quiser fazer o que as pessoas vulgares chamam de encher o bucho, que se manifeste!

Um coro de vozes convidou-o a comer o próprio jantar, e Lily se aproximou com três batatas que havia guardado para ele.

– Muito bem, senhoras e senhores, disse Gabriel em tom amigável logo antes de tomar mais um gole preparatório, queiram fazer a gentileza de esquecer que eu existo por alguns minutos.

Então atacou o jantar e não participou da conversa com que os convidados abafaram a remoção dos pratos. O assunto era a companhia de ópera que estava em cartaz no Theatre Royal. O sr. Bartell D’Arcy, o tenor, um jovem de tez escura com um bigode elegante, elogiou muito a primeira contralto da companhia, mas a srta. Furlong achava que ela tinha um estilo vulgar. Freddy Malins disse que o chefe negro que cantava na segunda parte da pantomima do Gaiety tinha uma das melhores vozes de tenor que já tinha ouvido.

– O senhor já o ouviu cantar?, perguntou ao sr. Bartell D’Arcy, que estava do outro lado da mesa.

– Não, respondeu o sr. Bartell D’Arcy meio sem jeito.

– Eu gostaria de saber o que o senhor pensa, explicou Freddy Malins, porque acho que aquele homem tem uma voz excepcional.

– O Teddy é quem sempre descobre as coisas boas de verdade, disse o sr. Browne em um tom familiar para todos os presentes.

– E por que ele não poderia ter uma voz boa também?, retrucou Freddy Malins de repente. Só porque é preto?

Ninguém respondeu à pergunta e Mary Jane levou a conversa de volta à ópera. Uma das alunas tinha lhe dado uma entrada para *Mignon*. Claro que estava bonito, disse, mas ela tinha se lembrado da pobre Georgina Burns. O sr. Browne voltou ainda mais no tempo ao lembrar as antigas companhias italianas que costumavam aparecer em Dublin – Tietjens, Ilma de Murzka, Campanini, o grande Trebelli, Giuglini, Ravelli, Aramburo. Naquela época podiam-se ouvir cantores de verdade em Dublin. Contou que a galeria superior do velho Royal costumava encher todas as noites, que certa noite um tenor italiano cantou cinco bis de *Let Me Like a Soldier Fall* com um dó agudo em todas as vezes e que de vez em quando os rapazes da galeria entusiasmavam-se a ponto de desamarrar os cavalos da carruagem de alguma grande *prima donna* e puxá-la com as próprias forças até o hotel. Perguntou por que motivo ninguém mais apresentava as grandes óperas antigas. *Dinorah*, *Lucrecia Borgia*? Porque não tinham vozes para cantá-las: esse era o motivo.

– Me parece que hoje existem tantos bons cantores quanto naquela época, disse o sr. Bartell D’Arcy.

– E onde estão esses bons cantores?, perguntou o sr. Browne em tom de desafio.

– Em Londres, Paris e Milão, respondeu cordialmente o sr. Bartell D’Arcy. Caruso, por

exemplo, é tão bom quanto, senão melhor, do que qualquer um dos cantores que o senhor mencionou.

– Pode ser, disse o sr. Browne. Mas eu acho muito improvável.

– Ah, eu faria qualquer coisa para ver o Caruso cantar, disse Mary Jane.

– Para mim, disse a Tia Kate, que estava terminando de limpar um osso, só existiu um tenor. Para o meu gosto, claro. Mas eu acho que ninguém aqui deve ter ouvido falar dele.

– Quem era, sra. Morkan?, perguntou educadamente o sr. Bartell D’Arcy.

– O nome dele era Parkinson, respondeu a Tia Kate. Eu o ouvi quando estava no auge, e acho que na época tinha a mais pura voz de tenor que já saiu da garganta de um homem.

– Que estranho, comentou o sr. Bartell D’Arcy. Eu nunca ouvi esse nome.

– É verdade, disse o sr. Browne, a sra. Morkan tem razão. Eu me lembro de ouvir o nome do velho Parkinson, mas não lembro direito porque faz muito tempo.

– Era um belo tenor à moda inglesa... puro, doce e terno, disse a Tia Kate com entusiasmo.

Quando Gabriel terminou, o grande pudim foi transferido para a mesa. O rumor de garfos e colheres começou mais uma vez. A esposa de Gabriel servia colheradas de pudim e os pratos passavam de mão em mão. No meio do caminho eram interrompidos por Mary Jane, que os enchia com geleia de framboesa ou de laranja ou de manjar branco com geleia. O pudim da Tia Julia foi elogiado por todos. Mesmo assim, ela disse que não tinha ficado moreninho o suficiente.

– Bem, sra. Morkan, espero que pelo menos eu esteja moreno o suficiente, pois como a senhora sabe eu sou moreno até no nome!, disse o sr. Browne.

Todos os cavalheiros, à exceção de Gabriel, experimentaram o pudim em consideração à Tia Julia. Como Gabriel nunca comia doces, o aipo foi deixado para ele. Freddy Malins também pegou um talo de aipo e o comeu junto com o pudim. Alguém tinha lhe dito que aipo era um alimento essencial para o sangue, e ele estava bem cuidados médicos. A sra. Malins, que havia passado o jantar inteiro em silêncio, disse que o filho iria para Mount Melleray dentro de uma semana. Os convidados passaram a falar sobre Mount Melleray e disseram que o ar era muito revigorante por aquelas bandas, que os monges eram acolhedores e que nunca pediam um centavo sequer dos hóspedes.

– Então quer dizer, perguntou o incrédulo sr. Browne, que um sujeito qualquer pode aparecer por lá e se hospedar como se fosse em um hotel e viver da fartura da terra e depois ir embora sem pagar um vintém?

– Ah, a maioria das pessoas faz uma doação ao monastério quando vai embora, respondeu Mary Jane.

– Eu queria que a gente tivesse uma instituição assim na nossa Igreja, disse o sr. Browne com absoluta franqueza.

Ficou perplexo ao saber que os monges não falavam, acordavam às duas da manhã e dormiam em caixões. Quis saber por quê.

– É uma regra da ordem, disse a Tia Kate em tom firme.

– Tudo bem, mas por quê?, perguntou o sr. Browne.

A Tia Kate respondeu simplesmente que a regra era essa e não havia explicação. O sr. Browne continuou sem entender. Freddy Malins explicou, da melhor forma possível, que os monges estavam tentando expiar os pecados cometidos por todos os pecadores do mundo externo. A explicação não foi muito clara, porque ao fim o sr. Browne sorriu e disse:

– Gosto muito dessa ideia, mas um bom colchão de molas não serviria tão bem quanto um caixão?

– O caixão, explicou Mary Jane, é para que não se esqueçam do nosso destino final.

Como houvesse tomado um rumo lúgubre a conversa foi enterrada no silêncio dos

convidados, durante o qual se escutou a sra. Malins dizer a meia-voz:

– Esses monges são homens muito bons, muito religiosos.

As passas e amêndoas e figos e maçãs e laranjas e doces e chocolates circularam ao redor da mesa e a Tia Julia ofereceu vinho do porto e xerez a todos os convidados. A princípio o sr. Bartell D'Arcy recusou, mas alguém o cutucou e cochichou alguma coisa que o levou a aceitar um copo. Aos poucos, enquanto os últimos copos eram servidos, a conversa se encerrou. Fez-se uma pausa, interrompida apenas pelo barulho do vinho e pelo rumor das cadeiras. As sras. Morkan, todas as três, olharam para a toalha de mesa. Alguém tossiu uma ou duas vezes e certos cavalheiros bateram delicadamente na mesa a fim de pedir silêncio. O silêncio veio e Gabriel empurrou a cadeira para trás e postou-se de pé.

As batidas de encorajamento tornaram-se mais audíveis e de repente cessaram. Gabriel apoiou dez dedos trêmulos na toalha de mesa e sorriu nervoso para a companhia. Ao defrontar-se com uma fileira de rostos atentos ergueu os olhos em direção ao lustre. O piano estava tocando uma valsa e ele conseguia ouvir o fru-fru das saias que roçavam a porta da sala de estar. Talvez houvesse pessoas em meio à neve do cais no lado de fora, olhando para as janelas iluminadas e escutando a valsa. Lá o ar era mais puro. Ao longe estava o parque com as árvores carregadas de neve. O Wellington Monument estava usando um cintilante chapéu de neve que reluzia acima do vasto campo de Fifteen Acres a oeste.

Então ele começou:

– Senhoras e senhores.

– Como em anos passados, coube a mim essa noite desempenhar uma tarefa muito agradável, que no entanto está muito além das minhas parcas habilidades como orador.

– Não, não!, exclamou o sr. Browne.

– Seja como for, resta-me apenas pedir a todos que levem em conta a minha intenção, mesmo que o resultado não seja dos melhores, e ouçam-me por uns breves instantes enquanto tento expressar em palavras os meus sentimentos relativos a essa ocasião.

– Senhoras e senhores. Não é a primeira vez que nos reunimos sob esse teto hospitaleiro, ao redor dessa mesa hospitaleira. Não é a primeira vez que somos beneficiários – ou talvez seja melhor dizer vítimas – da hospitalidade de certas boas senhoras.

Gabriel desenhou um círculo no ar com o braço e fez uma pausa. Todos riram ou sorriram para a Tia Kate e a Tia Julia e Mary Jane, que enrubesceram de satisfação. Gabriel prosseguiu com mais desenvoltura:

– A cada ano que passa aumenta a minha certeza de que o nosso país não tem nenhuma outra tradição que deva ser honrada e preservada com mais zelo do que a hospitalidade. Até onde sei, é uma tradição sem paralelo nos países modernos (e não foram poucos os lugares que visitei no estrangeiro). Talvez haja quem diga que essa tradição seria mais um defeito do que um motivo de orgulho. Ainda que seja verdade, a meu ver é um defeito magnífico, e um defeito que espero ver cultivado por muitos e muitos anos. Mas pelo menos de uma coisa eu tenho certeza. Enquanto esse teto abrigar as boas senhoras que mencionei – e desejo de todo coração que continue a abrigá-las por muitos e muitos anos –, a verdadeira tradição da calorosa hospitalidade irlandesa, aprendida com os nossos antepassados e transmitida aos nossos descendentes, continuará viva entre nós.

Um sincero murmúrio de aprovação percorreu a mesa. Passou pela cabeça de Gabriel que a srta. Ivors não estava lá e que havia saído de maneira pouco elegante; então prosseguiu cheio de confiança:

– Senhoras e senhores.

– Hoje uma nova geração está crescendo em meio a nós, uma geração motivada por novas

ideias e novos princípios. Uma geração que demonstra seriedade e entusiasmo em relação a essas novas ideias – um entusiasmo que, segundo creio, é em boa parte sincero, mesmo que às vezes pareça equivocado. Mas estamos vivendo em uma época bastante cética e, por assim dizer, atormentada: e às vezes temo que essa nova geração, por mais educada ou hipereducada que seja, possa carecer da simpatia, da hospitalidade e da gentileza que pertenceram a uma época mais antiga. Agora à noite, ao ouvir o nome de todos aqueles grandes cantores do passado, tive a impressão de que estamos vivendo em uma época menos espaçosa. Não seria nenhum exagero chamar as épocas passadas de espaçosas: e se não há como trazê-las de volta, vamos ao menos nutrir a esperança de que, em ocasiões como esta, possamos relembra-las com orgulho e afeto e acalantar em nossos corações a memória desses mortos saudosos cujo renome o mundo não deixa morrer.

– Bravo, bravo!, exclamou o sr. Browne.

– No entanto, prosseguiu Gabriel, com uma inflexão mais suave na voz, em encontros como esse sempre nos ocorrem certos pensamentos tristes: pensamentos relativos ao passado, à juventude, às mudanças, aos rostos ausentes que hoje nos fazem tanta falta. O caminho que percorremos ao longo da vida é repleto de memórias tristes como essas; mas se nos deixássemos abater, não encontraríamos a coragem necessária para seguir adiante e desempenhar nosso papel entre os vivos. Todos nós temos deveres e afeições para com os vivos que exigem, de pleno direito, os nossos maiores esforços.

– Portanto, não vou me deter no passado. Não pretendo trazer nenhuma moral sombria para junto de nós hoje à noite. Estamos aqui reunidos durante esses breves momentos, longe da pressa e da correria da nossa rotina diária. Estamos reunidos aqui como amigos, em um espírito de companheirismo, como colegas e, de certa forma, no verdadeiro espírito da *camaraderie*, a convite de – como posso chamá-las? – a convite das Três Graças do circuito musical de Dublin.

A mesa explodiu em aplausos e risadas diante de tamanha espiroituosidade. A Tia Julia perguntou em vão para os convidados mais próximos o que Gabriel havia dito.

– Ele disse que nós somos as Três Graças, Tia Julia, disse Mary Jane.

A Tia Julia não entendeu, mas olhou sorrindo para Gabriel, que continuou na mesma veia:

– Senhoras e senhores.

– Não tentarei desempenhar hoje à noite o papel desempenhado por Páris em uma outra ocasião. Não tentarei escolher apenas uma entre as três. Seria uma obrigação injusta e muito além dos meus limitados poderes. Pois quando as examino uma de cada vez, seja a nossa principal anfitriã, dona de um coração grande, de um coração enorme que se tornou proverbial entre todos os que a conhecem, seja a irmã dela, que parece ter sido abençoada com uma juventude perene e com o dom de um canto que deve ter nos surpreendido a todos hoje à noite, seja, ainda, a nossa anfitriã mais jovem, uma sobrinha talentosa, alegre, trabalhadora e exemplar, eu confesso, senhoras e senhores, que não saberia a qual delas entregar o prêmio.

Gabriel olhou para as tias e, ao ver o largo sorriso no rosto da Tia Julia e as lágrimas que marejavam os olhos da Tia Kate, apressou-se em chegar ao fim. Ergueu a taça de vinho do porto com um gesto solene, enquanto todos os demais convidados tamborilavam os dedos nos copos, e disse em alto e bom tom:

– Façamos então um brinde a todas as três. Bebamos à saúde, à fortuna, à longa vida, à felicidade e à prosperidade, e que continuem desfrutando do prestígio e do respeito que conquistaram na profissão e do afeto e da honra que conquistaram em nossos corações.

Todos os convidados ficaram de pé, com o copo na mão, e, depois de se virarem em direção às três senhoras sentadas, cantaram em uníssono, com o sr. Browne a puxar o coro:

*As três são boas companheiras,
As três são boas companheiras,
As três são boas companheiras,
Ninguém pode negar.*

A Tia Kate usava o lenço com liberalidade, e até mesmo a Tia Julia parecia estar comovida. Freddy Malins começou a marcar o ritmo batendo o garfo do pudim e os cantores viraram-se um em direção ao outro, como em uma conferência melódica, enquanto cantavam com forte ênfase.

Depois, voltando-se mais uma vez em direção às anfitriãs, cantaram:

*As três são boas companheiras,
As três são boas companheiras,
As três são boas companheiras,
Ninguém pode negar.*

A ovação que veio a seguir contagiou até os convidados que estavam fora da sala de jantar e foi repetida por diversas vezes, enquanto Freddy Malins regia o coro de garfo em punho.

O cortante ar matinal entrou no vestibulo onde todos estavam de pé e a Tia Kate disse:

– Alguém feche a porta. Assim a sra. Malins vai pegar um resfriado.

– O sr. Browne está lá fora, Tia Kate, disse Mary Jane.

– O sr. Browne sempre tem que estar em algum lugar, disse a Tia Kate baixando a voz.

Mary Jane riu do comentário.

– Ele é muito atencioso, disse com certa ironia.

– Se instalou aqui em casa como se fosse o pinheiro durante o Natal, disse a Tia Kate no mesmo tom.

Ela deu uma risada bem-humorada e a seguir acrescentou:

– Peça a ele que entre, Mary Jane, e depois feche a porta. Torço para que não tenha me ouvido.

Naquele momento a porta do vestibulo se abriu e o sr. Browne entrou, rindo como se o coração estivesse prestes a explodir. Trajava um longo sobretudo verde com punhos e gola de astracã falso e trazia na cabeça um gorro de pele oval. Apontou para o cais coberto de neve de onde vinham longos e estridentes apitos.

– O Teddy vai acabar chamando todos os coches de Dublin, disse.

Gabriel saiu da pequena despensa atrás do estúdio em uma luta para vestir o sobretudo e, depois de olhar ao redor, perguntou:

– A Gretta ainda não desceu?

– Ainda está pegando as coisas dela, Gabriel, respondeu a Tia Kate.

– Quem está tocando lá em cima?, perguntou Gabriel.

– Ninguém. Todo mundo foi embora.

– Ah, não mesmo, Tia Kate, disse Mary Jane. Bartell D’Arcy e a srta. O’Callaghan ainda estão aqui.

– Alguém está dedilhando o piano, disse Gabriel.

Mary Jane lançou um olhar em direção a Gabriel e ao sr. Browne e disse com um calafrio: – Me dá frio só de ver os dois encasacados desse jeito. Eu é que não gostaria de encarar uma viagem com um tempo desses.

– Nesse instante, disse o sr. Browne sem disfarçar o orgulho, nada me daria mais satisfação do que uma caminhada pelo campo ou um rápido passeio com um cavalo veloz entre os varões.

– A gente costumava ter um cavalo e uma aranha excelentes em casa, disse a Tia Julia com certa melancolia.

– O saudoso Johnny, disse Mary Jane com uma risada.

A Tia Kate e Gabriel também riram.

– Por que Johnny era tão especial assim?, perguntou o sr. Browne.

– O finado Patrick Morkan, ou seja, nosso avô, explicou Gabriel, conhecido como um cavalheiro nos últimos anos de vida, era fabricante de cola.

– Ah, Gabriel, disse a Tia Kate com uma risada, ele era moleiro.

– Moleiro ou fabricante de cola, disse Gabriel, o fato é que esse velho cavalheiro tinha um cavalo chamado Johnny. E Johnny costumava trabalhar no moinho, rodando e rodando para fazer o moinho funcionar. Até aí tudo bem; mas agora vem a parte sobre o trágico destino de Johnny. Um belo dia o velho cavalheiro resolveu ir até o parque assistir a um desfile militar com a nata da sociedade.

– Que Deus o tenha, disse a Tia Kate cheia de compaixão.

– Amém, emendou Gabriel. Como eu ia dizendo, esse velho cavalheiro encilhou o Johnny e pôs a melhor cartola e a melhor camisa e saiu em grande estilo da antiquíssima mansão onde morava, nas proximidades da Back Lane, se não me engano.

Todos, até mesmo a sra. Malins, riram dos modos de Gabriel, e a Tia Kate comentou:

– Ora, Gabriel, ele não morava na Back Lane. Só o moinho ficava lá.

– Enfim, continuou Gabriel, ele saiu da mansão dos antepassados montado no Johnny. E tudo transcorreu às mil maravilhas até que o Johnny viu a estátua do rei Guilherme: e ou caiu de amores pela montaria do rei ou achou que estava de volta ao moinho, mas por um motivo ou outro começou a andar em círculos ao redor da estátua.

No vestibulo, Gabriel deu alguns passos em círculo com as galochas em meio a risadas gerais.

– Ficou rodando e rodando, disse Gabriel, e o velho cavalheiro, que era um cavalheiro muito pomposo, ficou injuriado. *Vamos, senhor! O que pretende com isso, senhor? Johnny! Johnny! Que modos são esses? Não consigo entender esse cavalo!*

As gargalhadas que sucederam a imitação de Gabriel foram interrompidas por uma forte batida na porta do vestibulo. Mary Jane correu para abrir e receber Freddy Malins. Freddy Malins, com o chapéu na parte de trás da cabeça e os ombros encolhidos de frio, ofegava e transpirava vapor devido ao esforço.

– Só consegui um coche, disse.

– Ah, podemos arranjar outro no cais, disse Gabriel.

– É verdade, disse a Tia Kate. Melhor não deixar a sra. Malins aqui tomando essa friagem.

A sra. Malins apoiou-se no filho para descer os degraus da entrada e, depois de várias manobras, foi içada para o interior do coche. Freddy Malins seguiu-a com passos cambaleantes e passou um longo tempo acomodando a mãe no assento enquanto o sr. Browne o ajudava com conselhos. Por fim, quando a sra. Malins estava confortavelmente sentada, Freddy Malins convidou o sr. Browne a entrar no coche. Houve uma conversa um tanto confusa, e no fim o sr. Browne entrou no coche. O cocheiro tapou os joelhos com um cobertor e inclinou-se a fim de pegar o endereço. A confusão ficou ainda maior porque o cocheiro recebia instruções diferentes

de Freddy Malins e do sr. Browne, cada um com a cabeça para fora de uma janela. A dificuldade era saber em que ponto do caminho deixar o sr. Browne, e do vão da porta a Tia Kate, a Tia Julia e Mary Jane contribuíram para a discussão com rotas alternativas e contradições e muitas risadas. Quanto a Freddy Malins, mal conseguia falar de tanto rir. A todo instante enfiava a cabeça para fora da janela, oferecendo assim grandes riscos ao próprio chapéu, e contava para a mãe como a discussão estava evoluindo até que por fim o sr. Browne gritou para o atônito cocheiro em meio às risadas de todos:

– O senhor sabe onde fica o Trinity College?

– Sei, senhor, respondeu o cocheiro.

– Então nos leve até os portões do Trinity College, disse o sr. Browne, e quando chegarmos eu digo ao senhor para onde ir. Entendido?

– Entendido, senhor, disse o cocheiro.

– Vamos direto até o Trinity College.

– Certo, senhor, disse o cocheiro.

O cavalo foi açoitado e o coche saiu balançando pelo cais em meio a um coro de risadas e despedidas.

Gabriel não tinha ido até a porta com os outros. Estava em uma parte escura do vestibulo olhando para o alto da escada. Uma mulher estava postada quase no alto do primeiro lance, também na sombra. Não conseguia enxergar-lhe o rosto mas percebeu os painéis terracota e salmão da saia, que a escuridão revelava apenas em preto e branco. Era a esposa dele. Estava apoiada no corrimão, escutando. Gabriel se surpreendeu ao vê-la imóvel e também apurou o ouvido para escutar. Não ouviu quase nada além do barulho das risadas e discussões nos degraus da entrada, apenas uns acordes feridos ao piano e as notas de uma voz masculina cantando.

Permaneceu imóvel na escuridão do vestibulo, tentando identificar a melodia entoada pela voz enquanto observava a esposa. Havia graça e mistério naquela pose, como se ela fosse o símbolo de alguma coisa. Perguntou a si mesmo o que uma mulher parada nas sombras de um lance de escada, ouvindo uma música distante, poderia simbolizar. Se fosse pintor, gostaria de pintá-la naquela pose. O chapéu de feltro azul destacaria o bronze dos cabelos contra a escuridão e os painéis escuros da pele realçariam os mais claros. Chamaria o quadro de *Música distante* se fosse pintor.

A porta do vestibulo fechou-se; e a Tia Kate, a Tia Julia e Mary Jane atravessaram o vestibulo ainda rindo.

– Como o Freddy é tinoso!, exclamou Mary Jane. Muito tinoso.

Gabriel não disse nada mas apontou para o lance de escada onde a esposa continuava imóvel. Com a porta do vestibulo fechada, a voz e o piano tornaram-se mais audíveis. Gabriel ergueu a mão para que fizessem silêncio. A canção sugeria a antiga tonalidade irlandesa e o cantor parecia estar incerto em relação à letra e também à própria voz. A voz, tornada ainda mais plangente pela distância e pela rouquidão do cantor, conferia um brilho tênue à cadência da melodia graças à melancolia da letra:

*O, the rain falls on my heavy locks
And the dew wets my skin,
My babe lies cold...*

– Ah, exclamou Mary Jane. Bartell D’Arcy está cantando... justo ele, que durante a noite inteira não quis saber de cantar! Ah, eu vou pedir para ele cantar para nós antes de ir embora.

– Ah, por favor, Mary Jane, disse a Tia Kate.

Mary Jane passou roçando pelos outros e subiu correndo a escada mas antes que chegasse ao andar de cima o canto parou e a tampa do piano fechou-se de repente.

– Ah, que pena!, disse. Ele está descendo, Gretta?

Gabriel ouviu a esposa responder com uma afirmativa e a viu descer em direção a eles. Logo atrás estavam o sr. Bartell D'Arcy e a srta. O'Callaghan.

– Ah, sr. D'Arcy, disse Mary Jane, é uma maldade o senhor se interromper desse jeito enquanto nós todos o ouvíamos encantados.

– Estive no pé dele a noite inteira, disse a srta. O'Callaghan, e a sra. Conroy também, mas ele disse que estava com uma gripe terrível e que não podia cantar.

– Ah, sr. D'Arcy, disse a Tia Kate, que mentira.

– Por acaso a senhora não vê que eu estou rouco como um corvo?, perguntou o sr. D'Arcy de maneira ríspida.

Em seguida entrou na despensa e vestiu o sobretudo. Os outros, perplexos com a resposta grosseira, não souberam o que dizer. A Tia Kate franziu a testa e com um gesto indicou aos outros que deixassem o assunto de lado. O sr. D'Arcy enrolava o pescoço cuidadosamente com uma expressão mal-humorada.

– É o tempo, disse a Tia Julia depois de um intervalo.

– Todo mundo acaba se gripando, disse a Tia Kate, todo mundo.

– Disseram que essa é a neve mais forte dos últimos trinta anos, disse Mary Jane; e hoje de manhã eu li no jornal que está nevando em toda a Irlanda.

– Eu adoro a paisagem nevada, disse a Tia Julia com uma nota triste na voz.

– Eu também, concordou a srta. O'Callaghan. Acho que o Natal só é Natal quando o chão está coberto de neve.

– Mas o pobre do sr. D'Arcy não gosta da neve, disse a Tia Kate, sorrindo.

O sr. D'Arcy saiu da despensa, todo enrolado e abotoado, e em tom arrependido contou a história da gripe que o afligia. Todos lhe deram conselhos e disseram que era uma pena e pediram que cuidasse bem da garganta naquela noite fria. Gabriel ficou observando a esposa, que não participou da conversa. Estava parada bem debaixo da claraboia empoeirada e a chama do gás iluminava o bronze dos cabelos que Gabriel a tinha visto secar em frente à lareira alguns dias atrás. Ela mantinha a mesma pose e parecia alheia à conversa que se desenrolava lá embaixo. Por fim virou-se em direção aos outros e Gabriel viu que ela tinha as faces coradas e que os olhos brilhavam. Uma súbita maré de alegria inundou-lhe o coração.

– Sr. D'Arcy, perguntou ela, como se chama a canção que o senhor estava cantando?

– Se chama *The Lass of Aughrim*, respondeu o sr. D'Arcy, mas eu não consegui me lembrar direito da letra. Por quê? A senhora conhece?

– *The Lass of Aughrim*, ela repetiu. Eu não conseguia me lembrar do nome.

– É uma melodia muito bonita, disse Mary Jane. Uma pena que o senhor está sem voz.

– Ora, Mary Jane, disse a Tia Kate, não amole o sr. D'Arcy. Não quero que ninguém o incomode!

Ao ver que todos estavam prontos para ir embora a Tia Kate pastoreou-os até a porta, onde os boas-noites foram dados:

– Bem, então boa noite, Tia Kate, e obrigado pela noite agradável.

– Boa noite, Gabriel. Boa noite, Gretta!

– Boa noite, Tia Kate, e muito obrigada. Boa noite, Tia Julia.

– Ah, boa noite, Gretta, eu não tinha visto você.

– Boa noite, sr. D'Arcy. Boa noite, srta. O'Callaghan.

– Boa noite, sra. Morkan.

- Boa noite, então.
- Boa noite a todos. Boa viagem.
- Boa noite. Boa noite.

A manhã ainda estava escura. Uma tênue luz amarela pairava acima das casas e do rio, e o céu parecia estar descendo. O chão estava coberto pela neve derretida, e apenas listras e retalhos de neve cobriam os telhados, os parapeitos e as balaustradas do cais. As lâmpadas ardiam vermelhas na escuridão e, do outro lado do rio, o palácio de Four Courts surgia de maneira ameaçadora com o céu encoberto ao fundo.

Gretta caminhava à frente da companhia do sr. Bartell D'Arcy, com os sapatos em um pacote marrom enfiado debaixo do braço enquanto segurava a barra da saia para não sujá-la na neve derretida. A pose deixara de ser graciosa, porém os olhos de Gabriel ainda estavam iluminados pela felicidade. O sangue agitava-lhe as veias e os pensamentos tumultuavam-lhe a cabeça, orgulhosos, alegres, ternos, valorosos.

Gretta caminhava à frente com passos tão leves e elegantes que ele sentiu vontade de correr atrás dela em silêncio, agarrá-la pelos ombros e cochichar-lhe alguma coisa estúpida e afetuosa ao pé do ouvido. Parecia tão frágil que Gabriel teve vontade de protegê-la de alguma coisa e depois ficar a sós com ela. Momentos da vida secreta do casal brilharam como estrelas na memória dele. Um envelope cor de heliotrópio descansando ao lado da xícara de café enquanto ele o acariciava com a mão. Passarinhos pipilando na hera enquanto a teia ensolarada da cortina cintilava no assoalho: não conseguia comer de tanta felicidade. Os dois parados em uma plataforma lotada enquanto ele deixava um bilhete na palma quente de uma luva feminina. Os dois de pé em meio ao frio, vendo um homem fazer garrafas em uma fornalha estrondosa através de uma janela gradeada. Estava muito frio. O rosto dela, perfumado em meio ao ar gélido, estava próximo ao dele; e de repente ela gritou para o homem junto da fornalha:

– O fogo está muito quente, senhor?

O homem não a ouviu devido ao barulho da fornalha. Foi melhor assim. Poderia ter respondido com uma grosseria.

Uma onda de alegria ainda mais terna escapou do coração e percorreu-lhe as artérias com uma enxurrada de calor. Como o terno fogo daqueles momentos de vida a dois, que ninguém conhecia nem jamais haveria de conhecer, a onda quebrou e iluminou-lhe a memória. Ansiou por recordar aqueles momentos, por fazê-la esquecer dos anos de existência monótona a dois e relembrar apenas os momentos de êxtase. Sentia que o passar dos anos não havia arrefecido a própria alma nem a da esposa. Os filhos, os escritos dele, as tarefas domésticas dela não haviam arrefecido todo o fogo que ardia em suas almas. Numa carta enviada à esposa, Gabriel havia escrito: *Por que palavras como essas me parecem tão indiferentes e tão frias? Será porque não existe outra palavra terna o bastante para ser o seu nome?*

Como música distante, essas palavras escritas anos atrás ressurgiram do passado. Queria ficar a sós com ela. Quando os outros fossem embora, quando os dois estivessem juntos no quarto do hotel, então finalmente estariam a sós. Ele diria o nome dela com ternura:

– Gretta!

Talvez ela não o ouvisse: estaria se despiando. Então alguma coisa na voz do marido chamaria a atenção dela. Viraria o rosto para olhá-lo...

Na esquina da Winetavern Street avistaram um coche. Gabriel alegrou-se com o barulho dos sacolejos porque assim não precisava conversar. Ela ficou olhando para fora da janela e parecia cansada. Trocaram apenas umas poucas palavras enquanto apontavam para um prédio ou para uma rua. O cavalo avançava sob o céu escuro da manhã com um galope cansado, arrastando a velha caixa sacolejante atrás dos calcanhares, e Gabriel mais uma vez se viu em

um coche na companhia dela, galopando para pegar um barco, galopando para a lua de mel.

Quando o coche estava atravessando a O'Connell Bridge a srta. O'Callaghan disse:

– Dizem que ninguém atravessa a O'Connell Bridge sem avistar um cavalo branco.

– Dessa vez estou vendo um homem branco, disse Gabriel.

– Onde?, perguntou o sr. Bartell D'Arcy.

Gabriel apontou para a estátua, que estava coberta de neve. Acenou a cabeça e abanou com um gesto familiar.

– Boa noite, Dan, disse com alegria.

Quando o coche parou diante do hotel, Gabriel desceu com um salto e, apesar dos protestos do sr. Bartell D'Arcy, pagou o cocheiro. Também lhe deu um xelim de gorjeta. O homem saudou-o e disse:

– Um próspero Ano-Novo para o senhor.

– Para o senhor também, respondeu Gabriel cordialmente.

Gretta se apoiou no braço dele por alguns instantes ao descer do coche e enquanto permanecia de pé na calçada, despedindo-se dos outros. Apoiou-se de leve, com a mesma leveza de quando haviam dançado juntos algumas horas atrás. Ele sentira-se orgulhoso e feliz, feliz por tê-la, orgulhoso da graça e do porte esponsal de Gretta. Mas naquele instante, com tantas memórias reacesas, o primeiro toque daquele corpo musical e estranho e perfumado varou-lhe o corpo com uma intensa agulhoadade de luxúria. Sob o disfarce do silêncio, apertou o braço da esposa de encontro ao próprio corpo; e, quando estavam na porta do hotel, sentiu que tinham escapado da vida e dos deveres, escapado de casa e dos amigos para fugirem juntos com os corações livres e radiantes ao encontro de uma nova aventura.

Um velho estava cochilando em uma enorme poltrona no saguão. Acendeu uma vela na recepção e os acompanhou até a escada. Os dois seguiram-no em silêncio, com os pés caindo macios sobre os degraus atapetados. Ela subia atrás do mensageiro, com a cabeça inclinada, os frágeis ombros recurvados como se estivesse carregando um fardo, a saia ajustada ao corpo. Gabriel poderia ter abraçado aquele quadril e a estreitado, pois os braços tremiam com o desejo de agarrá-la e apenas a dor das unhas contra a palma das mãos pôde conter aquele impulso animalesco do corpo. O mensageiro parou no meio da escada para ajustar a vela bruxuleante. O casal também parou alguns degraus mais abaixo. No silêncio, Gabriel escutou os pingos da cera quente na bandeja e as batidas do próprio coração junto das costelas.

O mensageiro acompanhou-os ao longo do corredor e abriu uma porta. Em seguida largou a vela cambaleante na mesa de toalete e perguntou a que horas gostariam de ser acordados na manhã seguinte.

– Às oito, disse Gabriel.

O mensageiro apontou para o disjuntor da lâmpada elétrica e começou a balbuciar um pedido de desculpas, mas Gabriel o interrompeu.

– Não queremos luz nenhuma. A luz da rua é suficiente. E além do mais, continuou, apontando a vela com a mão, eu gostaria que o senhor retirasse esse belo artigo daqui.

O mensageiro tornou a pegar a vela, mas devagar, pois havia se surpreendido com aquela ideia. Depois balbuciou um boa-noite e saiu. Gabriel trancou a porta.

A luz fantasmagórica de um poste de iluminação pública projetava uma listra comprida desde uma janela até a porta. Gabriel tirou o sobretudo e o chapéu em um sofá e atravessou o quarto em direção à janela. Olhou para a rua lá embaixo para que as emoções se acalmassem um pouco. Logo se virou e escorou-se em uma cômoda, de costas para a luz. Ela havia tirado o chapéu e a capa e estava diante de um grande espelho de chão, desprendendo a cintura. Gabriel deteve-se por alguns momentos a fim de observá-la e então disse:

– Gretta!

Ela desviou o olhar do espelho devagar e caminhou ao longo da listra de luz em direção a ele. O rosto tinha uma expressão tão séria e tão cansada que as palavras não conseguiram sair dos lábios de Gabriel. Não, o momento ainda não havia chegado.

– Você parece cansada, disse.

– Estou um pouco, respondeu ela.

– Mas você não está se sentindo doente nem fraca?

– Não, apenas cansada: nada mais.

Gretta foi até a janela e ficou lá parada, olhando para a rua. Gabriel esperou mais um pouco e, temendo que a dúvida o vencesse, disse de repente:

– A propósito, Gretta!

– O que foi?

– Você sabe aquele pobre sujeito chamado Malins?, perguntou Gabriel.

– Sei. O que tem?

– Ah, coitado, no fundo ele é um bom sujeito, disse Gabriel com uma nota de falsidade na voz. Ele me devolveu o soberano que eu tinha emprestado, e eu nem estava esperando. Uma pena que tenha passado o tempo inteiro ao lado daquele Browne, porque no fundo ele não é má pessoa.

Gabriel estava tremendo de irritação. Por que parecia tão distraído? Não sabia por onde começar. Será que ela também estava irritada com alguma coisa? Se ao menos se aproximasse ou o procurasse por vontade própria! Possuí-la naquele instante seria brutal. Não, primeiro seria necessário despertar uma chama no olhar. Gabriel ansiou por dominar aquela estranha disposição.

– Quando você emprestou essa libra?, perguntou ela depois de um tempo.

Gabriel precisou controlar-se para não explodir em um surto de imprecações brutais sobre o bêbado Malins e a libra emprestada. Queria chamá-la com todas as profundezas da alma, estreitá-la contra o próprio corpo, dominá-la. No entanto, disse:

– Ah, no Natal, quando ele abriu aquela lojinha de cartões de Natal na Henry Street.

A febre e a raiva e o desejo que tomavam conta de Gabriel impediram-no de ver que ela havia se afastado da janela. Parou diante do marido por um instante, encarando-o com um estranho olhar. E de repente, se erguendo na ponta dos pés e pousando as mãos de leve nos ombros dele, ela o beijou.

– Você é muito generoso, Gabriel, disse.

Gabriel, tremendo de êxtase com o beijo inesperado e a estranheza da frase, levou as mãos aos cabelos dela e começou a acariciá-los para trás, quase sem encostar os dedos nos fios. A lavagem havia-os deixado sedosos e brilhantes. O coração de Gabriel transbordava de felicidade. Bem quando o desejo havia surgido ela se aproximou por vontade própria. Talvez estivesse pensando a mesma coisa. Talvez houvesse sentido o ímpeto daquele desejo e resolvido se entregar. Depois de vê-la sucumbir com tamanha facilidade ele se perguntou por que havia ficado em dúvida.

Gabriel segurou a cabeça dela entre as mãos. Em seguida, deslizando um braço ao redor do corpo para tê-la mais perto de si, perguntou com uma voz mansa:

– Gretta, querida, no que você está pensando?

Ela não respondeu nem se entregou àquele abraço. Mais uma vez ele perguntou com uma voz mansa:

– Gretta, me diga o que é. Eu acho que sei no que você está pensando. Será?

Ela não respondeu de pronto. Mas, passados alguns instantes, disse em meio a uma torrente

de lágrimas:

– Ah, eu estou pensando naquela música, *The Lass of Aghrim*.

Ela se afastou e atirou-se em cima da cama e, com os braços ao redor do estrado, escondeu o rosto. Por um instante a surpresa o paralisou, mas logo Gabriel a seguiu. Quando passou em frente ao espelho percebeu o reflexo da própria imagem, da camisa larga e bem estufada, da expressão que sempre o intrigava quando a via num espelho e dos óculos de armação dourada. Deteve-se a alguns passos da cama e disse:

– O que tem a música? Por que você está chorando?

Ela tirou a cabeça de entre os braços e enxugou as lágrimas com as costas da mão, como uma menina. Ele falou com mais ternura do que pretendia.

– Por quê, Gretta?, perguntou.

– Eu me lembrei de uma pessoa que muito tempo atrás costumava cantar aquela música.

– E quem foi essa pessoa de muito tempo atrás?, perguntou Gabriel com um sorriso.

– Uma pessoa que eu conheci em Galway na época em que morava com a minha vó, disse ela.

O sorriso desapareceu do rosto de Gabriel. Uma raiva indefinida começou mais uma vez a ganhar força e os fogos indefinidos da luxúria começaram a arder em suas veias.

– Alguém por quem você era apaixonada?, perguntou em tom irônico.

– Era um menino que eu conhecia chamado Michael Furey, respondeu ela. Ele costumava cantar aquela música, *The Lass of Aghrim*. Era uma pessoa muito gentil.

Gabriel manteve-se em silêncio. Não queria dar a impressão de que estava interessado naquele menino gentil.

– Eu ainda o vejo como se fosse ontem, disse ela depois de uma pausa. Aqueles grandes olhos castanhos! E a expressão dos olhos – a expressão!

– Ah, então você era apaixonada por ele?, perguntou Gabriel.

– Nós costumávamos passear juntos em Galway, respondeu ela.

Um pensamento ocorreu a Gabriel.

– E foi por isso que você quis ir para Galway com a srta. Ivors?, perguntou de maneira fria.

Gretta o encarou com surpresa e perguntou:

– Para quê?

O olhar deixou Gabriel desconcertado. Ele deu de ombros e disse:

– Como é que eu vou saber? Para fazer uma visita, talvez.

Ela desviou o olhar da lista de luz em direção à janela sem dizer nada.

– Ele morreu, disse por fim. Morreu aos dezessete anos. Não é terrível morrer assim tão jovem?

– O que ele fazia da vida?, perguntou Gabriel, ainda de maneira irônica.

– Trabalhava no gasômetro, ela respondeu.

Gabriel sentiu-se humilhado pelo fracasso da ironia e pela evocação dessa imagem dos mortos – um garoto no gasômetro. Enquanto sentia-se repleto de memórias da vida secreta do casal, cheio de ternura e alegria e desejo, ela o comparava com outro. Sentiu-se invadido por uma consciência vergonhosa em relação a si próprio. Viu-se como uma figura ridícula, como o estafeta das tias, como um sentimentalista nervoso e bem-intencionado que discursava para o vulgo e idealizava as próprias luxúrias farsescas, como o pobre sujeito patético que tinha vislumbreado no espelho. Instintivamente virou as costas em direção à luz para que ela não percebesse a vergonha que lhe abrasava o rosto.

Tentou manter o tom frio de interrogação, mas quando falava a voz saía humilde e indiferente.

– Parece que você era apaixonada por esse Michael Furey, Gretta, disse.

– Nós éramos muito próximos naquela época, respondeu ela.

A voz parecia velada e triste. Gabriel, percebendo que seria inútil tentar levá-la até onde pretendia, acariciou-lhe uma das mãos e disse, também com tristeza na voz

– E do que ele morreu tão jovem, Gretta? De tísica?

– Acho que morreu por minha causa.

Um terror indefinível tomou conta de Gabriel quando ouviu essa resposta, como se no momento em que esperava triunfar um ser impalpável e vingativo tivesse surgido para se opor, para reunir todas as forças adversárias de um mundo indefinível. Mesmo assim, conseguiu afastar o sentimento com um esforço da razão e continuou acariciando a mão da esposa. Não tornou a questioná-la, pois sentiu que ela falaria por conta própria. A mão estava quente e úmida: não respondia ao toque, porém ele continuou a acariciá-la da mesma forma como havia acariciado a primeira carta que ela havia lhe enviado naquela manhã de primavera.

– Foi no inverno, disse ela, no início do inverno, quando eu estava prestes a ir embora da casa da minha vó e vir para o convento aqui. Ele estava doente nos alojamentos em Galway e não o deixavam sair, então alguém mandou uma carta para a família em Oughterard. Na carta diziam que ele estava definhando ou alguma coisa assim. Eu nunca soube ao certo.

Ela parou por um instante e soltou um suspiro.

– Coitado, disse. Ele gostava muito de mim e era um menino muito gentil. Nós costumávamos sair juntos para caminhar, sabe, Gabriel, como as pessoas fazem no campo. Ele teria estudado canto se não fosse pela saúde. O pobrezinho tinha uma voz muito boa, o Michael Furey.

– Mas o que aconteceu?, perguntou Gabriel.

– Quando eu estava pronta para ir embora de Galway e vir para o convento ele tinha piorado muito e não me deixaram fazer uma visita, então eu escrevi uma carta dizendo que estava indo para Dublin e que voltaria no verão e desejando melhoras.

Ela parou por um instante para se reassenhorar da voz e prosseguiu:

– Na véspera da minha partida eu estava na casa da minha vó na Nuns' Island fazendo as malas e ouvi uma pedrinha bater na janela. A janela estava tão molhada que eu não conseguia enxergar direito, então desci a escada do jeito como eu estava e saí pela porta dos fundos e lá estava o pobrezinho, tremendo no fundo do quintal.

– E você não disse para ele voltar?, perguntou Gabriel.

– Eu implorei a ele que fosse para casa e disse que acabaria morrendo por conta daquela chuva. Mas ele disse que não queria mais viver. Ainda vejo aqueles olhos como se estivessem aqui na minha frente! Ele estava perto do muro onde tinha uma árvore.

– E no fim ele foi para casa?, perguntou Gabriel.

– Foi. Mas quando eu completei uma semana no convento ele morreu e foi enterrado em Oughterard, onde a família morava. Ah, o dia em que eu soube que ele tinha morrido!

Ela parou, engasgada com o choro, e, tomada pela emoção, jogou-se com o rosto para baixo na cama, soluçando na colcha. Gabriel segurou-lhe a mão por mais um instante, sem saber o que fazer, e em seguida, temeroso de perturbar aquele luto, largou-a devagar e caminhou em silêncio até a janela.

Ela dormia um sono profundo.

Por alguns instantes Gabriel, apoiado no cotovelo, olhou sem ressentimento para os cabelos desganhados e a boca entreaberta enquanto ouvia a respiração profunda. Então Gretta tinha vivido aquele romance: um homem havia morrido por ela. Não o magoava muito pensar na

ínfima parte que ele, como marido, tinha desempenhado na vida dela. Ficou a observá-la enquanto dormia como se ele e ela nunca tivessem vivido juntos como marido e mulher. O olhar curioso deteve-se por muito tempo no rosto e nos cabelos: e, enquanto pensava em como ela devia ser na época daquela primeira beleza juvenil, uma estranho sentimento de solidariedade amistosa invadiu-lhe a alma. Não gostava de admitir nem para si mesmo que o rosto dela já não era mais formoso, mas sabia que tampouco era o rosto pelo qual Michael Furey tinha desafiado a morte.

Talvez ela não tivesse contado toda a história. Gabriel deixou o olhar correr até a cadeira onde ela havia jogado algumas peças de roupa. Um cordão de anágua pendia até o chão. Uma bota permanecia de pé, com o cano macio caído para baixo: a companheira jazia de lado. Gabriel refletiu sobre o turbilhão de emoções de uma hora atrás. De onde tinha vindo? Do jantar da tia, do próprio discurso idiota, do vinho e da dança, da alegria da despedida no vestibulo, do prazer da caminhada na neve ao longo do rio. Pobre Tia Julia! Logo ela também se juntaria como sombra à sombra de Patrick Morkan e do cavalo Johnny. Por um instante ele havia flagrado um olhar de desalento enquanto ela cantava *Arrayed for the Bridal*. Logo talvez ele também pudesse estar sentado naquela mesma sala de estar, vestido de preto, com o chapéu de seda no colo. As cortinas estariam fechadas e a Tia Kate estaria sentada ao lado dele, chorando e assoando o nariz e contando como Julia havia morrido. Ele vasculharia os pensamentos em busca de palavras de consolo, mas encontraria apenas palavras desajeitadas e inúteis. Não havia dúvida: isso aconteceria muito em breve.

O ar do quarto enregelou-lhe os ombros. Deslizou com todo cuidado para baixo das cobertas e acomodou-se ao lado da esposa. Um a um estavam todos se transformando em sombras. Melhor passar com bravura ao outro mundo, em meio à glória de uma paixão, do que esmaecer e murchar com as agruras da idade. Gabriel pensou em como por tantos anos a mulher deitada a seu lado havia guardado em segredo no coração a imagem dos olhos do amado dizendo que não queria mais viver.

Lágrimas generosas encheram os olhos de Gabriel. Nunca tinha nutrido aquele sentimento em relação a mulher alguma, mas sabia que devia ser amor. As lágrimas ficaram-lhe mais pesadas nos olhos e, na penumbra, imaginou discernir o vulto de um rapaz de pé sob a copa de uma árvore gotejante. Havia outros vultos por perto. A alma dele havia se aproximado daquela região habitada pelas infundáveis hostes dos mortos. Percebia, mas não conseguia apreender, a existência tênue e obstinada que levavam. A própria identidade de Gabriel esvanecia-se em um mundo cinzento e impalpável: o mundo sólido em que aqueles mortos outrora tinham vivido começava a se dissolver e a desaparecer.

Um discreto tamborilar no vidro fez com que se voltasse em direção à janela. Tinha começado a nevar outra vez. Observou distraidamente os flocos prateados e escuros que caíam enviesados contra a luz da rua. Estava na hora de começar a jornada rumo ao ocidente. Sim, os jornais estavam certos: estava nevando em toda a Irlanda. A neve caía em todas as partes da escura planície central, nas montanhas inóspitas, caía suave no Pântano de Allen e, mais a oeste, suave caía sobre as escuras ondas amotinadas do Rio Shannon. Caía, também, em todas as partes do cemitério solitário na montanha onde Michael Furey estava enterrado. Acumulava-se em montes nas cruzes e lápides tortas, nas pontas do pequeno portão, nos espinhos nus. Gabriel sentiu a alma desfalecer aos poucos enquanto ouvia a neve que caía suave por todo o universo e suave caía, como a descida ao derradeiro fim, sobre todos os vivos e os mortos.

JAMES JOYCE

(1882-1941)

JAMES AUGUSTINE ALOYSIUS JOYCE nasceu em 2 de fevereiro de 1882 em Dublin, o mais velho de dez irmãos. Foi educado por jesuítas no Clongowes Wood College e posteriormente no Belvedere College. Diplomado em Letras pela Universidade de Dublin, foi para Paris com o objetivo de estudar medicina, mas voltou para a Irlanda em 1903 em função do adoecimento e a da posterior morte da mãe. Um ano depois conheceu Nora Barnacle, com quem se casou e teve dois filhos.

O casal se mudou para Trieste, na Itália, onde Joyce publicou artigos em jornais locais. Em 1914, com a ajuda de Ezra Pound, iniciou a publicação seriada de *Retrato do artista quando jovem* em uma revista londrina, mesmo ano em que publicou *Dublinenses*.

A Primeira Guerra fez com que a família se mudasse para Zurique, onde Joyce continuou escrevendo *Ulisses*, livro no qual trabalhava desde 1907. Após a guerra, o escritor se mudou com a família para Paris, onde permaneceu pelos próximos vinte anos. A publicação seriada de *Ulisses* na revista americana *The Little Review* foi interrompida em 1920, quando o livro foi banido por obscenidade. Com a ajuda de Sylvia Beach, dona da célebre livreria Shakespeare & Co., a obra foi finalmente publicada em 1922. Nos dezoito episódios do romance, Joyce imortalizou o dia 16 de junho de 1904 – o Bloomsday, comemorado no mundo inteiro. Com este livro, inovou também ao inaugurar a técnica do monólogo interior na literatura ocidental.

Nos anos 30, conheceu Paul Léon, um imigrante judeu russo que foi peça-chave na sua vida, tendo especial participação no acompanhamento do seu último livro, *Finnegans Wake*, e na preservação dos seus manuscritos durante a Segunda Guerra Mundial. Publicado em 1939, o romance revolucionou a concepção da narrativa moderna.

Joyce morreu em 13 de janeiro de 1941, em Zurique.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Dubliners*

Tradução: Guilherme da Silva Braga

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: © Getty Images

Preparação: Marianne Scholze

Revisão: Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J79d

Joyce, James, 1882-1941

Dublinenses / James Joyce; tradução de Guilherme da Silva Braga. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET; v. 1011)

Tradução de: *Dubliners*

ISBN 978.85.254.3050-2

1. Romance irlandês. I. Braga, Guilherme da Silva. II. Título. III. Série.

12-1637. CDD: 828.99153

CDU: 821.111(415)-3

Este livro foi publicado originalmente em 1914

© da tradução, L&PM Editores, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 326 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

COLOCAR BIOGRAFIA INÍCIO